

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

**DIMENSÕES EXISTENCIAIS DO ESPORTE: FENOMENOLOGIA DAS
EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL**

LEANDRO PENNA RANIERI

SÃO PAULO
2011

**DIMENSÕES EXISTENCIAIS DO ESPORTE: FENOMENOLOGIA DAS
EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL**

LEANDRO PENNA RANIERI

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, Programa: Educação Física, área de concentração Estudos do Esporte.

ORIENTADOR: PROF. DR. CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA

Ranieri, Leandro Penna

Dimensões existenciais do esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual / Leandro Penna Ranieri – São Paulo : [s.n.], 2011. iv, 125p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira

1. Experiências esportivas significativas 2. Esporte para pessoas com deficiência 3. Fenomenologia 4. Psicologia

À Dilce Tamiglio Ranieri e à Olenka Cardozo Penna, minhas avós, pelo apoio incondicional e pelo amor; sem vocês eu não estaria onde estou.

AGRADECIMENTOS

À Vida.

Aos meus pais, Domingos e Lucile, e a minha irmã, Gisele, pelo apoio, convivência e paciência nessa etapa, além de outros momentos em família que me fizeram ter certeza do que fazer.

À Larissa Corat Fernandes, minha companheira, porque sem você não faria sentido e porque com seu sorriso consigo seguir em frente; quero sempre estar de mãos dadas com você.

Ao Cristiano Roque Antunes Barreira pela orientação pautada em valores que ajudaram a formar quem sou hoje e pela experiência única do que é trabalhar colaborativamente, em busca da verdade e da justiça.

Aos amigos que fazem e que fizeram parte do grupo de pesquisa Quinta Fenomenológica, especialmente Ana, Juliana, Karina, Nathalia, Pedro, Roberto, pela convivência e pela oportunidade de compartilhar experiências únicas. Aos amigos do grupo de pesquisa em Ribeirão Preto, especialmente Inaê, Giovanna, Diogo, Ci, por terem me recebido de maneira acolhedora nos momentos que estive em Ribeirão.

À professora Kátia Rúbio e ao professor Andrés Eduardo Aguirre Antúnez pelas contribuições valiosas no Exame de Qualificação. À professora Elisabeth de Mattos pela contribuição e atenção gentil ao meu trabalho.

À Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo por ter me acolhido e dado suporte para que eu fizesse meu melhor. Agradeço a todos os funcionários da Escola, especialmente à Ilza, ao Márcio e ao Luiz, com quem tive mais contato e que facilitaram algumas das dificuldades encontradas nesse percurso. Agradeço também aos professores com quem tive contato nesse período pela experiência e sabedoria transmitidas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio dado nesse período, o qual possibilitou materialmente a realização desse trabalho e minha dedicação exclusiva nessa etapa de formação acadêmica.

Aos participantes dessa pesquisa, pelo momento ímpar em que pude compartilhar alguns tesouros de suas vidas, momento no qual pude reconhecer aquilo que é importante para mim.

Impressionava-me ainda mais séria e profundamente com a contemplação das árvores. Via cada uma delas levando sua vida à parte, aperfeiçoando sua forma e coroa especiais, projetando sua sombra peculiar. A mim me pareciam ermitãs e lutadoras, mais estreitamente aparentadas com as montanhas, pois cada uma delas, sobretudo as que se erguiam nos pontos mais altos das montanhas, mantinham sua luta silenciosa e tenaz pela existência e desenvolvimento, contra o vento, o tempo e as rochas. Cada qual tinha que suportar seu próprio peso e se agarrar com força ao solo, resultando daí que cada uma possuía sua forma particular e chagas especiais. Havia pinheiros aos quais as tormentas só permitiam que apresentassem galhos de um só lado, e outros cujos troncos avermelhados se haviam enroscado, quais serpentes, ao redor de rochas, de tal maneira que árvores e rochas se agarravam umas às outras para se sustentarem. (...) Foi daí que aprendi a olhar os homens da mesma maneira que olhava as árvores ou rochedos, idealizando-os à minha maneira, sem contudo deixar de respeitá-los ou de amá-los menos que aos pinheiros silenciosos.

Peter Camenzind, de Hermann Hesse (1953/1972).

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	i
ABSTRACT	ii
APRESENTAÇÃO	iii
INTRODUÇÃO	1
Programa da dissertação	4
Uma fenomenologia da deficiência	6
Breve revisão histórica das concepções relativas às pessoas com deficiência	12
- A presença da deficiência no ser humano nos primeiros momentos da história da humanidade	13
- Antigüidade Clássica	16
- As pessoas com deficiência na Idade Média	21
- Renascimento e Idade Moderna	24
- Contemporaneidade	27
- Esporte para pessoas com deficiência	28
A dimensão existencial no Esporte	31
OBJETO E OBJETIVOS	34
METODOLOGIA	35
Procedimentos	35
Fenomenologia	37
Pressupostos para a fundamentação metodológica	38
Entrevistas Fenomenológicas	39
Análise fenomenológica dos relatos – A redução <i>eidética</i>	44
Arqueologia fenomenológica como método	46
RESULTADOS E DISCUSSÃO	47
Resumo da entrevista: Sujeito 1	48
Resumo da entrevista: Sujeito 2	51

Resumo da entrevista: Sujeito 3	52
Resumo da entrevista: Sujeito 4	54
Síntese das entrevistas – cruzamento intencional	57
- Ampliação do Encolhido	58
- Perseverança	60
- Imediatez	61
- Protelação	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
ANEXOS	87
Cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	88
Transcrição integral da entrevista: Sujeito 1	89
Transcrição integral da entrevista: Sujeito 2	96
Transcrição integral da entrevista: Sujeito 3	102
Transcrição integral da entrevista: Sujeito 4	112

RESUMO

DIMENSÕES EXISTENCIAIS DO ESPORTE: FENOMENOLOGIA DAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Autor: LEANDRO PENNA RANIERI

Orientador: PROF. DR. CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA

O objetivo desta investigação é identificar e compreender as experiências esportivas significativas relatadas por atletas com deficiência visual. Através da análise fenomenológica de entrevistas de inspiração fenomenológica, realizadas com quatro atletas, busca-se apreender e descrever estas experiências vividas no nível fundamental das mesmas. Também se pretende localizar a relação destas experiências vividas durante a prática esportiva e a sua repercussão nas atitudes cotidianas destes atletas, como testemunho do *fenômeno enquanto lembrado ou recordado*. As experiências vividas no esporte por esses sujeitos possuem elementos comuns os quais também remetem à esfera da dimensão existencial deles. No esporte, os atletas podem vivenciar um momento de ampliação de sua condição, através da efetividade corporal, do senso de capacidade, da possibilidade de realização do desejo, este se tornando vontade perseverante frente às adversidades próprias do esporte. A prática esportiva dá essa oportunidade de efetividade corporal, de maneira intensa, realizadora e, sobretudo, compartilhada socialmente. Esses elementos comuns também podem ser encontrados nas experiências de outros sujeitos, com ou sem deficiência. No entanto, a novidade e a persistência da efetividade corporal implicada no horizonte vivido da condição existencial desses atletas é o que pode tornar o esporte fator existencialmente modificador e gradualmente significativo em suas vidas. Os atletas com deficiência visual, no esporte, experimentam uma situação de efetividade corporal e de ampliação, uma ampliação de sua condição existencial, da condição do corpo no mundo e, assim, pela modificação do encolhimento dessa esfera, experimentam a potencialização de seu ser no mundo.

Palavras-chave: Experiências esportivas significativas, esporte para pessoas com deficiência, fenomenologia e psicologia.

ABSTRACT

EXISTENTIAL DIMENSIONS OF THE SPORT: PHENOMENOLOGY OF SPORT
EXPERIENCES OF THE ATHLETES WITH VISUAL DISABILITY

Author: LEANDRO PENNA RANIERI

Adviser: PROF.DR. CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA

The purpose of this research is to identify and understand the reported meaningful sport experiences by athletes with visual disability. Through the phenomenological analysis of phenomenological interviews with four athletes, seeks to understand and describe these experiences in its fundamental level. Also we want to find the relationship of these lived experiences during sport and its effect on everyday attitudes of these athletes, as witness of the *phenomenon as remembered or recalled*. The experiences in the sport of these subjects have common elements which also refer to the sphere of existential dimension of them. In sports, athletes can experience a moment of enlargement of their condition, through the effectiveness body, the sense of capacity, the possibility of fulfillment of desire, this becoming persevering will in face of the owns adversities of sport. Sports practice gives the opportunity of effectiveness body, so intense, fulfilling and, above all, socially shared. These common elements can also be found in the experiences of other subjects, with or without disabilities. However, the novelty and the persistence of effectiveness body involved in the lived horizon of the existential condition of these athletes is what can make the sport as aspect existentially modifying and gradually meaningful in their lives. Athletes with visual impairment, in sports, experiencing an effectiveness of the body and an enlargement, an enlargement of their existential condition, the condition of the body in the world and thus the modification of the shrinkage of this sphere, they experience the potential of their being in world.

Keywords: Meaningful sport experiences, Sport for people with disability, phenomenology, and psychology.

APRESENTAÇÃO

Muitas vezes na nossa vida de “adultos responsáveis” fazemos uma apologia à infância: como é bom ser criança! Sempre sintetizamos aquilo que é belo de nossa mais tenra idade: o descompromisso compromissado, a imaginação despregada, a brincadeira, a amizade juvenil, o encantamento frente ao que nos oferta o mundo. Tentamos em algumas situações recuperar plenamente essas virtudes juvenis. Porém, não conseguimos re-alcançá-las dessa forma. Ao nos propormos a fazer isso, paradoxalmente, sem contar o insucesso em buscar ser criança novamente, não nos damos conta de que já trazemos nosso ser menino(a) de volta.

Seria muito interessante se pudéssemos transitar sem mudanças pelas fases de nossa vida de vez em quando. O ser humano, mesmo sem ter essa capacidade, ainda repete o que aconteceu na infância na sua vida cotidiana adulta: adoramos jogar, brincar, nos encantamos com novas coisas que conquistamos e descobrimos, a paixão juvenil pode ser concretizada no “felizes para sempre” no casamento com a(o) amada(o), entre outras re-atualizações. Quando nos vemos frente a algo desconhecido, ainda hesitamos, desconfiamos, ficamos curiosos ou nos entregamos sem medidas quando vemos aquilo que é chamativo, brilhante. Sem sabermos, ainda agimos como crianças nos primeiros momentos frente ao desconhecido.

Foi assim quando entrei na universidade. Um mundo novo para explorar e aproveitar. Foi assim que vi o estudo e pesquisa: aberturas desse mundo novo, mundo compromissado com a verdade. Foi esse brilho encantador que me conduziu. Busquei corresponder à verdade me comprometendo com sua busca, não com os discursos prontos sobre ela; foi algo não deliberadamente intencional – ou seja, é intencional, mas não foi algo estipulado como meta claramente deliberada desde o início; foi o que me guiou nos primeiros passos da pesquisa. Na época, na minha iniciação à pesquisa, eu queria saber o que é a superação no esporte para pessoas com deficiência visual. O atrativo da condição dessas pessoas era, na minha concepção, que essas pessoas possuem um modo de debater com o mundo diferente do meu, e isso me interessava. Não me interessava por elas poderem ser consideradas parte de uma população segregada, nem me interessava algum tipo de caridade ou “filantropia”. Não as vejo primeiramente como necessitadas desse tipo de auxílio. Foi dessa maneira também – curiosa e dirigida à verdade – que me aproximei do *goalball*, esporte criado para as pessoas cegas. Me interessava o esporte em si, e não as idéias de que o esporte para pessoas com deficiência as

ajudavam em diversos aspectos, como a inclusão social, a reabilitação etc. Eu fiquei sabendo dessas idéias por meio de livros e pelos próprios participantes de minha pesquisa de Iniciação Científica e também agora na pesquisa em nível de Mestrado – mas conheci esses fatos a partir da experiência vivida deles.

Falei da criança como aquela que tem um olhar privilegiado e singular frente ao mundo; tomei esse olhar como proposta metodológica desde o começo. Os primeiros contatos com a fenomenologia me proporcionaram uma abertura de visão que considero como uma aproximação a esse olhar da criança. Acredito que esse contato inicial, logo no início de minha graduação, tenha se conjugado com minha curiosidade. Hoje acredito que cada vez mais a abertura de olhar tenha se tornado efetivamente um método, um caminho que deve ser buscado constantemente. É uma maneira diferente de pensar e estar no mundo.

Descobri que a metáfora sobre a infância também pode ser vinculada com as pessoas com quem tive contato. Muniz Sodré de Araújo Cabral (2005) ao falar sobre o conceito de minoria, tomada como uma voz qualitativa, diz que “menor é aquele que não tem acesso à fala plena, como o *infans*”. *Infans* é a criança, que possui menos fala na sociedade. Essa visão de Sodré veio diretamente de encontro com aquilo que escrevi acima. Além do meu interesse curioso pela verdade, e do caminho que poderia me proporcionar isso, o meu trilhar inicial na área acadêmica possibilitava dar voz – ou ampliá-la, como for – a pessoas que comumente são negligenciadas ou encobertas por discursos com fins político ideológicos, sem que dessas finalidades se faça um juízo positivo ou negativo *a priori*. Foi isso, ou seja, uma faceta dessa voz que, durante meu caminho acadêmico, pude desvelar. Como disse anteriormente, nunca foi uma intenção deliberada fazer isso. No entanto, a maneira que fui me aproximando dos atletas com deficiência visual foi me dando essa noção. Não aprecio muito as minhas habilidades para realizar entrevistas, meio através do qual busco acessar as experiências dessas pessoas, mas penso que só o fato de poder abrir um diálogo, pautado e direcionado às experiências dos atletas, num momento de mútua compreensão, tira de cena a categoria minoritária desses sujeitos.

Recebi um convite para a mudança, para uma revolução no olhar, parafraseando a proposta de Danielle Moyse (2010). Inspirado ainda por essa noção, trago uma de suas consequências, apontada pela própria autora: “essa revolução do olhar jamais terá lugar enquanto for ignorada a potência por vezes criadora do que choca, perturba, e pode, é verdade, arrasar” (p. 115, tradução própria). O olhar que me inspira e me direciona é esse compromisso

com a verdade – e com a justiça (como equidade), a qual não está desvinculada da verdade (Ricoeur, 2008) –, com o dar/ampliar a voz, com dar espaço para que a potência se manifeste. É por isso também que parto da esfera da vida desses sujeitos e de um local propício para que isso ocorra: *dimensões existenciais do esporte*. E é nesse âmbito, o do esporte, que concordo com Bento (2003), em uma assertiva que está em comunhão com a idéia que me move aqui:

O desporto permite-nos avançar pela vida fora com olhos de criança, cheios de sonho e curiosidade, alargando-os até caberem neles todas as criações da imaginação e todos os caminhos que conduzem às estrelas. Sim, porque no desporto aprendemos a subir, a cortar o cordel aos papagaios de papel e a ir até às estrelas mais brilhantes, que são as de carne e osso (p. 19-20).

Nesse sentido também, confio em Hermann Hesse (1877–1962), meu querido companheiro, que também me ajudou a buscar esses olhos de criança e poder ver as cores do mundo. É com ele que entendi o sentido de *banal*: não é o mundo que se banaliza, mas na verdade são nossos olhos e nosso coração. Hesse diz isso através de um personagem, *Hermann Lauscher*, em uma obra de mesmo nome (1948/1974), relatando sobre uma das sutis alterações na passagem da infância para a idade madura.

Nunca mais encontrei tanchagens tão esguias, sempre-noivas tão flamejantes, lagartos e borboletas tão cintilantes e atraentes, e minha razão cansada insiste em reconhecer que não foram as flores e os lagartos que desde então se banalizaram, mas sim meu coração e meus olhos (p. 10).

Comecei um caminho deixando-me conduzir por algo, por um canto verdadeiro; dei mais um passo – um grande passo para mim – e cheguei ao mestrado com um intuito mais amplo, de querer compreender as experiências dos atletas com deficiência visual no esporte. Essa proposta foi originada a partir da pesquisa anterior, sobre a superação no esporte. Percebi naquele momento que poderiam haver muitas outras experiências significativas para essas pessoas. Talvez tão significativas que transbordassem da intensidade do momento esportivo e fossem tomadas na vida cotidiana dessas pessoas. Cada vez mais vejo, pela minha experiência e pela experiência desses participantes, que as chamadas esferas da vida (vida pessoal, vida profissional, vida acadêmica, vida familiar, vida esportiva/recreativa) na verdade fazem parte de um horizonte só. Vi a possibilidade também de me aproximar mais do fenômeno esportivo, algo que me cativou e que me fez optar pela área.

Curiosidade, aproximação, cuidado, olhar, pesquisar... palavras que me conduzem por esse caminho da busca pela verdade. Penso que aqui me satisfiz, mas não somente pela satisfação pessoal e profissional. Creio que neste trabalho tive a oportunidade de elucidar coisas junto com os participantes dessa pesquisa e de adentrar em suas experiências, revelando o modo destas se darem existencialmente. Descobri que nos outros, sejam eles quais forem, poderia conhecer o humano, sem banalizá-lo. O olhar da criança não é menos, não é *infantil* quando a ele se dá voz.

INTRODUÇÃO

Ao falar do esporte como uma área do conhecimento, podemos perceber dois quadros representativos de sua disposição na atualidade. Num primeiro panorama, apresentam-se as prioridades e os paradigmas que as ciências naturais e biológicas (fisiologia, anatomia, bioquímica, biomecânica) constituíram cientificamente e permaneceram como estatutos do saber relacionado à prática esportiva. Como alerta Bento (2003), “o desporto é visto apenas sob os prismas da economia, das tricas e do resultado. Não merece outra focagem. Nem outra história” (p. 14). Ampliando o contexto para além do esporte como área do conhecimento, atualmente este fenômeno, considerado cultural, atinge muitas pessoas no mundo inteiro através da prática comum – passível de ser categorizada em esporte amador, esporte para toda a vida e esporte de massa – até o esporte de alto rendimento, direcionado para as grandes competições nacionais e mundiais, envolvendo muitos ou todos os países, sendo um espetáculo social e econômico (Barbanti, 2003). O rendimento é um rótulo presente no esporte, o qual foi colocado, mais atualmente, devido às grandes revoluções industriais e econômicas, sobretudo a Revolução Industrial e o surgimento do Capitalismo (Bento, 2002; Moura e Castro, 2002; Garcia, 2002; Rubio, 2006). Na realidade, uma soma de fatores contribuiu para que o rendimento tornasse-se uma meta primeira do fenômeno esportivo, sendo que todos esses fatores envolvem a ampliação da consideração do esporte, ou seja, este fenômeno deixa de ser algo secundário enquanto atividade das pessoas na vida cotidiana, tornando-se, no limite, uma prioridade. É nesse momento que surge o profissionalismo, o esporte espetáculo e toda sua inflação perante a mídia, a economia e a sociedade. É nesse

momento também que os interesses presentes no esporte se conjugam ao método científico, retornando a descrição deste primeiro panorama. Tani (2002) também remete sobre o papel do (alto) rendimento como uma característica primeira do esporte a que, de uma forma ou de outra, os praticantes assumem como objetivo. O autor destaca que, provavelmente, essa meta pessoal esteja em função de um dado sócio-cultural: ser ela a única concepção de esporte considerada ou conhecida. Garcia (2002) destaca o paradigma do rendimento imposto após as grandes revoluções industriais e econômicas mundiais – incluindo nesse contexto o surgimento do Capitalismo –, argumentando que o esporte participa das grandes transformações e evoluções sociais e enfatiza que este fenômeno “encarnou o princípio da eficácia, do progresso e do rendimento” (p. 322). Portanto, sintetizando o movimento demonstrado nesse primeiro panorama,

A enorme evolução que o desporto teve no século XX transformou-o nos seus conceitos, práticas e modelos de organização. Os métodos de treino e os desempenhos desportivos alcançaram níveis de excelência antes inimagináveis, para o que têm contribuído a ciência e a tecnologia chamadas a participar num domínio tornado um espetáculo e uma actividade sócio-económica de relevância mundial. Em consequência registrou-se um deslocamento do epicentro, originalmente colocado na pessoa que o desporto visava melhorar, para o efeito do rendimento produzido pelo praticante. De sujeito, o atleta tende a transformar-se em objecto (Serpa, 2007, p. 371).

Numa outra perspectiva, a área tem recebido contribuições das produções do tipo interdisciplinar¹, como no campo das ciências humanas e ciências do esporte, favorecendo a formação de uma dimensão que aborde o esporte como fenômeno complexo. Pela complexidade de manifestações do fenômeno esportivo, ele se torna na atualidade um “espaço de encontros” (Gaya, 2007, p. 204). Nessa perspectiva, que se propõe desde o início a não ser reducionista, o esporte é *tematizado*, ou seja, torna-se tema, podendo ser um ponto de convergência de múltiplos olhares em que ganha espaço a importância de análises fenomenológicas das vivências esportivas² de atletas/praticantes para a configuração teórico-

¹ “Interdisciplinaridade compreendida na perspectiva de produção do conhecimento a partir de um olhar comum que procura satisfazer prioritariamente as exigências de um objeto complexo” (Gaya, 2006).

² Sobre esta contribuição potencial da fenomenologia para o estudo da vivência esportiva, ver Kerry e Armour (2000), Loland (1992, 2006a, 2006b), Vannatta (2008) e Brown e Payne (2009).

metodológica desta temática, além das potenciais contribuições da pesquisa qualitativa para este campo do saber.

De uma perspectiva fenomenológica, o esporte é um fenômeno em que são manifestadas diversas vivências e busca-se a prática com inúmeros objetivos. “É um palco onde entra em cena a representação do corpo, das suas possibilidades e limites, do diálogo e da relação com a nossa natureza interior e exterior, com a vida e o mundo” (Bento, 2002, p. 7). Para Garcia (2002) torna-se mais importante do que a busca por uma definição de esporte a tentativa de compreender quem é o praticante/atleta, ou seja, o ser humano dentro do esporte, para assim considerar-se este fenômeno como uma ferramenta do indivíduo e não ao contrário. “Uma teoria sobre o desporto deverá levar em consideração a diversidade humana, considerando-se ela mesma diversa, indicando possibilidades várias sem estigmatizar situações ou atitudes” (Garcia, 2002, p. 334). Portanto, seguindo a proposta de Bento (2003): “Alarguemos o olhar para a função de humanização – que ele [o esporte] assume e o torna indispensável. Sem desporto o envolvimento cultural empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões” (p. 14).

De encontro às possibilidades da tematização do esporte, em vários momentos este fenômeno pode ser marcado como um âmbito de busca incessante pelo rendimento máximo, o que direciona de forma unívoca esta manifestação. A limitação de se considerar o esporte somente sob a ótica competitiva é reduzi-lo e podar as ramificações das múltiplas possibilidades da manifestação desse fenômeno. É capital a importância do elemento competitivo; sem ele, não haveria esporte. Marinho (2007) argumenta e defende justamente esta faceta do esporte moderno, destacando o papel do rendimento e da excelência na formação do homem. “Com o desporto, a vida intensifica-se e ganha um novo significado, novo alento, uma nova realidade” (p. 244). Garcia (2002), de uma perspectiva antropológica, disserta que o rendimento e a competição são características ontológicas do homem. Mesmo com este enfoque definido na maioria das vezes como prioritário, isto é, o esporte ser reduzido a um local de competição – tornando-se, como consequência, um território exclusivo –, tendo como metas o desempenho máximo, a beleza corporal e outros valores considerados cultural e socialmente, observa-se que a potencialidade do esporte está também em ser um fenômeno em que oportunidades de manifestações corporais diversas e intensas surgem, explorando as limitações, potencialidades, capacidades e habilidades; surgem emoções, sentimentos e percepções, como satisfação, alegria, raiva, superação, bem-estar, socialização, derrota,

fraqueza, incapacidade, entre tantos outros, nomeados e inominados. Dessa forma, “para além da expressão objectiva da competição, existe um significado pessoal que o praticante lhe atribui” (Serpa, 2007, p. 374). Em resumo, “a riqueza do esporte está na sua diversidade de significados e re-significados” (Paes, 2002) e na predisposição em atuar no mundo da vida, incluindo a relação interpessoal pelo suporte imediato do corpo em movimento.

O esporte, para ser tematizado como um fenômeno complexo, remete a aspectos relacionados ao praticante, na sua diversidade e potencialidade de manifestar seus sentimentos, metas e vivências; então, pode-se tomar o esporte como um *locus* de manifestação da humanidade (Porto, 2005).

Sim, o deporte é um parceiro, um local e um espaço onde o corpo é interlocutor permanente. Onde o corpo tem voz e fala com sua carne, com os seus músculos, com os seus ossos, com as suas vísceras e com o seu sangue. Onde é fulgurante a presença do corpo para cada um e do corpo para si mesmo. Onde se aprende a olhar para o corpo e a perceber e sentir que ele não está a mais, que não é uma paixão inútil. Onde saboreamos o gosto carnal, intenso e quente, de nos sentirmos humanos (Bento, 2003, p. 16).

Neste tipo de consideração, o enfoque se aproxima dos níveis analíticos que caracterizam o ser humano enquanto tal, como as dimensões corpórea, psíquica e espiritual, de uma perspectiva fenomenológica clássica, não desconsiderando as esferas culturais, sociais, políticas em que o ser humano vive, as quais justamente aparecem entrelaçadas àquelas dimensões vivenciais.

Dessa maneira, ao adotar uma orientação ao olhar para o esporte como um fenômeno tematizado e como *locus* onde são manifestadas vivências intensas por parte dos praticantes/atletas, exige-se uma postura mais sensível (Maffesoli, 1998), experiencial, isto é, fenomenológica, no sentido da apreensão da experiência humana enquanto tal. Ao falar de dimensões existenciais do esporte, pretende-se atingir a esfera das experiências vivenciais, identificar aquelas experiências que têm lugar existencialmente significativo, passando, num segundo momento, a compreender a temática a que se dedica este trabalho, como o atleta com deficiência visual vive as experiências esportivas. Através da narrativa sobre a experiência vivida, pode ser possível acessá-la de maneira autêntica, isto é, em primeira pessoa, trazendo seu significado existencial para o atleta. Todavia, comumente, há também o recobrimento destas experiências originárias por discursos prontos e estereotipados que falam mais das representações edificantes acerca do esporte do que propriamente da experiência vivida.

Programa da Dissertação

Organizamos o trabalho de pesquisa em três momentos principais: o primeiro momento, preliminar, consiste em uma fenomenologia da deficiência; o segundo, intermediário, é uma comunicação sobre a história da deficiência; e o terceiro, analítico, consiste no exame das experiências esportivas significativas dos atletas com deficiência visual. Os dois primeiros momentos fazem parte da introdução e fundamentação teórica do estudo, em conjunção com a revisão bibliográfica atualizada sobre o tema da pesquisa, na qual se buscou ampliar e aprofundar como o objeto está inserido na área de conhecimento, incluindo as contribuições da fenomenologia ao estudo do fenômeno esporte. Já o terceiro momento é parte dos resultados e da discussão a partir da análise fenomenológica dos relatos. Foram realizadas 4 entrevistas com atletas com deficiência visual, todas gravadas e transcritas na íntegra, as quais passaram pelos primeiros procedimentos de análise (leitura e síntese), consolidando a redução fenomenológica, e posterior aprofundamento e discussão.

De acordo com o objeto de estudo – experiências esportivas significativas –, a tentativa de se fazer uma fenomenologia da deficiência, como momento preliminar, vai em direção a uma necessidade fenomenológica de se responder a questão: o que quer dizer deficiência? Essa investigação preliminar sobre a deficiência da corporeidade e a relação desta com a corporeidade “normal” ou ideal, passando pela especificidade da experiência interna de quem não vê (pessoas com deficiência visual), busca cumprir a necessidade fenomenológica inicial de compreensão da experiência dos sujeitos participantes da pesquisa.

O segundo momento pauta-se em contribuições históricas, partindo da história da deficiência para se fazer uma tipificação fenomenológica da maneira de se abordar a deficiência ao longo do tempo, ou seja, das concepções ou representações da deficiência. Tivemos como objetivo nessa seção captar esses modos típicos que, por suas características e particularidades essenciais, podem se repetir ao longo da história, em diferentes sociedades. Mesmo as sociedades não se repetindo, esses elementos ou apenas traços essenciais desses modos típicos das concepções de deficiência podem ter correspondências com os resultados, a depender destes, mas com uma possibilidade e abertura de comunicação. Portanto, esse momento segue sob amparo historiográfico e também fenomenológico.

Esse momento, contido na introdução, também pode ser relacionado com a produção científica recente sobre o tema. A ciência busca, entre outros objetivos, produzir conhecimentos científicos e objetivos para intervir na realidade. A produção do conhecimento pré-científico, conhecimento comum, também cria, realiza objetivações, expressa padrões de visões de mundo e modos de intervir na realidade. É possível, através dessas duas tarefas, localizar potenciais concepções que foram construídas e que ainda prevalecem de alguma maneira. Grosso modo, uma exemplificação superficial desta repetição de concepções relacionadas à deficiência, a qual é trazida no momento oportuno, é o tratamento dado em Esparta, no período antigo, e durante o regime Nazista, na Alemanha, no século passado: havia traços de uma eugenia em relação à composição e perfil da sociedade, considerando atentamente, como já dito, as características e objetivos próprios de cada sociedade.

Por fim, retomando o intuito da última etapa, analítica, a organizamos do seguinte modo, a corresponder ao próprio método proposto nesta investigação. Primeiramente, realizamos um sumário de cada entrevista realizada, destacando as particularidades das experiências de cada atleta; em seguida, realizamos a síntese das entrevistas, a qual consiste no *cruzamento intencional*, individuando os elementos comuns entre os relatos. Feito isto, passamos para um fechamento das categorias encontradas, explicitando suas relações e desdobramentos, inclusive na dimensão existencial dos atletas. Apresentamos também as dificuldades de aplicação do método analítico e buscamos discutir com a literatura apresentada aqui o que tem sido feito e as possíveis correspondências com as intenções, conclusões e caminho desta investigação.

Uma fenomenologia da deficiência

Ao falar-se corpo deficiente ou corporeidade deficiente, já se tem implicado o corpo normal ou ideal. Tal implicação é encontrada já nas terminologias convencionais, como a própria palavra deficiência: *de-*, prefixo latino que indica privação, separação, negação, movimento de cima para baixo³, *eficiência*, aptidão, hábil(idade). Em algumas línguas vernáculas de origem latina, como o espanhol e o italiano, a estrutura da palavra é

³ Este prefixo pode ser tomado como um prefixo de negação, negando o sentido original da palavra, ou um prefixo de oposição, colocando um sentido oposto em relação à palavra original.

semelhante⁴. Então, deficiência implica um limite, uma norma, uma negação ou privação de um estado ou situação.

Neste caso, a tentativa de se fazer uma fenomenologia da corporeidade deficiente se dirige a uma unidade intencional da deficiência, aquilo que constitui esse fenômeno originalmente, mesmo com as flutuações históricas, tema da próxima sessão. Dessa forma, inicialmente já se distingue aqui a preocupação com a corporeidade deficiente, deixando de lado outras manifestações desse tipo, como a deficiência intelectual, por exemplo. No entanto, essas denominações – deficiência física, sensorial, intelectual – não existiram sempre, mas são produtos de categorizações de unidades, vinculadas principalmente às práticas médicas⁵. Assim, já que a deficiência implica a norma, há um reconhecimento de algo que não serve ou não é compatível à norma.

Outro elemento importante é a característica temporal da condição de deficiente: a permanência. A pessoa deficiente vive a deficiência como condição permanente em sua vida⁶. No entanto, essa condição se acomoda; a pessoa, existencialmente, não fica restrita a viver na permanência de uma condição dita negativa, de déficit, mas a condição passa a fazer parte do horizonte vivido da pessoa⁷.

Nesse sentido, Paul Ricoeur (2008) propõe-se a debater filosoficamente a questão da doença e da deficiência em três âmbitos, intimamente imbricados: biológico, social e pessoal/existencial. O autor, seguindo sua análise de inspiração fenomenológica e a partir de algumas obras de Georges Canguilhem (1904–1995), iniciando desse plano de consideração biológico, introduz uma noção que desde o início já desconfigura tipos de leituras estritamente médicas da doença e da normalidade: o ser vivo está em debate com o meio. Ricoeur traz uma

⁴ Na língua italiana, uma possível tradução de deficiência é *deficienza*. No caso da língua espanhola, é comum utilizar-se a palavra *discapacidad*, sendo a tradução do radical como capacidade, ficando dis/de/in-capacidade. No caso de outras línguas, como a inglesa, há uma semelhança com essa estrutura: *disability*; *dis-ability* podendo ser pensado como des-habilidade.

⁵ Mesmo não sendo seu objetivo principal, Stiker (1999) aborda algumas concepções terminológicas da deficiência. Por exemplo, no início da cultura ocidental, não há classificações unitárias; chamavam-se os cegos, os coxos, etc. O agrupamento conceitual começa a surgir levemente na Idade Média, ganhando expressões mais fortes na modernidade e contemporaneidade.

⁶ Vale destacar de maneira crítica que a permanência como elemento essencial da deficiência está sendo abalada a partir das novas tecnologias na área biomédica. Está sendo possível, por exemplo, cirurgias específicas dos olhos de pessoas com elevado comprometimento visual e, após estas operações, recuperarem significativas porcentagens de capacidade visual (seja em campo ou acuidade visual). Há também dentro do debate contemporâneo sobre a pesquisa envolvendo células-tronco a questão sobre o potencial de regeneração de estruturas comprometidas de pessoas com deficiência física.

⁷ Mesmo que tratado aqui de maneira geral, há possíveis diferenças existenciais entre pessoas que nasceram na condição de deficiência e outras que, por algum motivo, adquiriram esta condição.

citação da obra de Canguilhem sobre o que acontece com a pessoa em estado patológico, partindo da noção supracitada: “as normas da vida patológica são as que obrigam o organismo a passar a viver num meio ‘encolhido’, qualitativamente diferente, em sua estrutura, do meio vital anterior” (em *La connaissance de la vie*, 1965). Assim, nas palavras de Ricoeur, para desdobrar essa noção do meio “encolhido”: “É aí que duas leituras do patológico acompanharão duas leituras da norma. Numa leitura negativa, patológico significa déficit, deficiência. Numa leitura positiva, significa organização *outra*, que tem suas leis próprias. Sim, uma estrutura outra da relação entre o ser vivo e seu meio” (p. 213). Numa dessas leituras, a “boa saúde” implica na capacidade de poder realizar ações e, na situação contrária, de não poder realizar cotidianamente tais ações, há o sentimento de impotência e diminuição. Segundo Ricoeur, trazendo novamente as palavras de Canguilhem, a saúde pode ser vista como uma capacidade de tolerância de variações e o caráter estável e definitivo desta condição é ilusório.

Na esfera social, Ricoeur (2008) já introduz:

Uma normalidade social de uso põe-se no lugar da normalidade biológica de exercício. É normal a conduta capaz de satisfazer aos critérios sociais de viver junto. É aqui que surge de maneira temível a comparação de um ser vivo com o outro. (...) Numa sociedade individualista que leva ao auge a capacidade de autonomia, direção individual de um tipo de vida, é considerada deficiência qualquer incapacidade de escapar a uma relação de tutela na forma de assistência e controle. (...) O critério da cura consiste em poder viver como os outros, fazer o que os outros podem fazer. Ocorreu um deslocamento da norma interior ao ser vivo para a norma exterior do social, codificado pelos outros (p. 214).

E continua: “A sociedade gostaria de ignorar, esconder, eliminar seus deficientes. Por quê? Porque eles constituem uma ameaça surda, uma lembrança inquietante da fragilidade, da precariedade, da mortalidade. (...) Inferioridade e depreciação são socialmente normatizados. (...) O afastamento biológico é dramaticamente consolidado pelo afastamento social” (pp. 214-215).

Já no plano existencial, entra em cena a definição do indivíduo “em referência a si mesmo em função de seu horizonte de desempenhos, com seus critérios pessoais de efetuação e avaliação” (p. 218). Assim, a negatividade do estado patológico ou anormal no plano existencial se configura como uma recusa de si.

Aquilo que no plano biológico se nos mostrou como regressão a um meio “encolhido”, e no plano social, como uma exclusão sancionada por instituições de diferentes ordens⁸, reaparece no plano existencial como recusa de dignidade, recusa de reconhecimento (p. 220).

Ricoeur conclui trazendo o aspecto ético das reflexões desenvolvidas: “A doença, dizíamos, é coisa diferente de falta, de carência, enfim de quantidade negativa. É uma outra maneira de ser-no-mundo” (p. 220).

O esclarecimento fenomenológico objetivado aqui não é da mesma natureza dos esclarecimentos do tipo médico sobre a deficiência, mas se utiliza deste como uma das camadas que envolvem culturalmente este fenômeno. Canguilhem, em um texto de 1989 intitulado *As doenças*, já destaca que o saber do tipo médico foi apropriado de maneira imprópria no discurso e nas experiências das pessoas.

A doença é o risco do ser vivo como tal (...). Todavia, a relação doente-doença não pode ser de completa discordância. Nas sociedades contemporâneas em que a medicina se empenhou para se tornar uma ciência das doenças, a vulgarização do saber, por um lado, e as instituições de saúde pública, por outro, fazem com que, na maioria dos casos, o viver a doença para o doente seja também falar dela ou ouvir falar dela segundo clichês ou estereótipos, isto é, valorizar implicitamente as recaídas de um saber cujos progressos são, em parte, devidos ao fato de o doente ter sido posto entre parênteses enquanto eleito da diligência médica (2005, p. 24-25).

Uma leitura existencial das doenças as toma como provas e “instrumentos da vida por meio dos quais o ser vivo, quando se trata do homem, se vê obrigado a se reconhecer mortal” (Canguilhem, 2005, p. 33).

Ao falarmos de norma(s), podemos perceber que há dois elementos subjacentes a esta noção: a norma é *constituída* numa *comunidade*, na relação intersubjetiva entre as pessoas. Husserl (2001d) faz essa análise identificando que nas relações entre os homens, há aquelas em que as pessoas parecem estar dependentes umas das outras e que os resultados das ações executadas tornam-se uma unidade global, um resultado no qual as pessoas fazem parte. Nesse sentido, “há uma norma comunitária; é o fato de que em cada indivíduo social, temos esta norma sob os olhos... Em termos de costumes, isso significa que ‘nós nos comportamos de tal

⁸ Ricoeur se refere aqui, por exemplo, aos hospitais e instituições psiquiátricas.

maneira, que nos faz fazer tal coisa” (p. 213, tradução própria). Ele sintetiza essa noção de norma comunitária do seguinte modo: “*Uma unidade de exigências e contra-exigências que cruzam o conjunto da comunidade social, que são em primeiro lugar formadoras da comunidade, um sistema de deveres e de direitos, criando uma unidade, em oposição a meros indivíduos ‘em troca’ uns com os outros*” (p. 213, tradução própria). Após definir o que é essa norma, ele define o âmbito onde ela ocorre, ou seja, a comunidade humana, que é

uma unidade que se constitui em média de normas e, de fato, as normas cuja validade tem um caráter consciente, que limitam a ação dos homens, que circunscrevem as vontades do indivíduo particular de acordo com as esferas da livre vontade, contrariando essas vontades à proibição (Husserl, 2001d, p. 214, tradução própria).

Entendemos que, fenomenologicamente, na experiência vivida de *acordo social*, na experiência cotidiana de comunidade e sociedade, há uma troca entre os indivíduos permeada, sem nunca perdermos de vista o emaranhado intersubjetivo que subjaz nessa relação, por um modo de se comportar frente aos outros, de exigências esperadas pelos outros e de expectativas de respostas adequadas dos outros. E é na objetividade dessa norma no acordo intersubjetivo que podemos estabelecer e re-estabelecer a normalidade e a anormalidade, conceitos capitais aqui. Husserl, numa outra obra (2001b), faz uma distinção bastante clarificadora do que acontece na comunidade e que culmina na normalidade:

Pode acontecer igualmente que as experiências de um grande número de sujeitos diferentes estejam em acordo, que, como resultado, eles reconhecem e têm um mesmo objetivo único determinado, o que não é necessariamente o caso para todos os sujeitos. É aqui, em particular, importante distinguir entre a comunidade de homens normais, isto é, o mundo normal que experimentamos numa experiência e numa compreensão intersubjetiva, que inclui em si o mundo daqueles que vêm normalmente, ouvem normalmente, etc. – e a comunidade humana que, ao lado dos homens normais, também inclui igualmente em si os homens anormais que são daltônicos, cegos de nascença, que não ouvem os sons, que nascem surdos, etc. (Husserl, 2001b, p. 122, tradução própria).

É nesse acordo de experiências entre diferentes sujeitos que as experiências comuns tornam-se norma, ou seja, *a maioria poder ver as cores, a maioria poder escutar sons, a maioria andar sem grandes impedimentos*, enfim, o recorrente é normal, é o comum que permite entendimento intersubjetivo baseado em recursos mutuamente percebidos como equivalentes,

tornando-se norma. Retomando aqui a noção de norma supracitada, a norma é o que está sob os olhos; no extremo, seria dizer que a norma é o critério que levamos na relação com os outros no mundo. Então, a normalidade estabelecida na norma permite que identifiquemos aquilo que é diferente, que não é compatível em primeira instância com o elemento normatizado.

Husserl (2001b) define um argumento nesse sentido, mas faz conjuntamente outra clarificação importante, envolvendo já o público dito “anormal”.

Na vida em comunidade os homens têm a natureza, de que faz experiência alguém que tenha os sentidos normais, e os homens anormais têm suas maneiras de lidar com a mesma graças a analogias indiretas e outros meios de construção de suporte sobre o círculo de homens normais. Mas não existem muitas naturezas, apenas uma natureza (p. 123, tradução própria).

Analogias indiretas e outros meios de construção de suporte são expressões que remetem ao meio encolhido, qualitativamente diferente, como trazido acima. Não existem diferentes meios, como alerta Husserl; há somente uma natureza, a qual é vivida de diferentes modos.

A objetividade que se pode estabelecer da relação intersubjetiva, na qual a normalidade e a anormalidade se constituem, também precisa ser posta como objeto da análise fenomenológica. Ficando somente nesse plano da objetividade, corremos o risco de tomar a norma com essa normalidade como único estatuto ao ir de encontro com os outros em sociedade. Esse modo objetivo de ir ao encontro dos outros – dado num outro grau que não o do exame fenomenológico da constituição da norma, mas o da aplicação e assunção da mesma como pronta e acabada – arrisca-se a sustentar desejos de imposições, monólogos autoritários, no limite, totalitarismos, em que se perde o sentido comunitário, portanto dialógico, da norma. A norma é válida e cotidianamente usada; sem ela não teríamos o aparato em relação às exigências sociais supracitadas.

Além disso, Husserl parece justificar o que ocasiona a normalidade ser tomada frequentemente como algo relacionado somente ao aspecto físico da pessoa.

Apesar de tudo o que há de comum entre os sujeitos em questão nesta função psico-física que podemos experimentar, o olho do sujeito normal e aquele do sujeito anormal é um ponto de vista puramente físico das diferenças orgânicas, aquelas que podem, eventualmente, se entrelaçar a outras diferenças físicas do sistema nervoso central, etc. Mas somente isso que é puramente físico é o tema da ciência da natureza, não a função psico-física, nem o eu psíquico que está co-entrelaçado. A

ciência da natureza, no sentido primeiro em que ela é uma ciência da natureza puramente física, faz abstração de tudo isso (Husserl, 2001b, p. 123, tradução própria).

Dessa maneira, o estabelecimento da normalidade precisamente física é fruto da concepção de homem e de mundo da ciência da natureza, perspectiva essa que se enraizou profundamente na cultura principalmente contemporânea. Esta perspectiva, de acordo com seus princípios, não está interessada nos aspectos subjetivos, o que já limita as possibilidades de consideração pelo sujeito e por suas qualidades outras – vivências sociais e existenciais –, ou seja, por sua condição de estar no mundo enquanto sujeito de uma anormalidade física.

Falar em deficiência na perspectiva fenomenológica, portanto, é falar de uma condição existencial qualitativamente diferente, de um modo de debater com e no mundo que não é compatível com a noção de normalidade presente em nossa norma comum de viver. Sem dúvida, como princípio dessa perspectiva, este é o modo adequado de tomar as pessoas em tal condição em relação aquilo que é especificamente humano, fundamentando uma postura ética.

Breve revisão histórica das concepções relativas às pessoas com deficiência

Ao se pretender compreender as experiências vividas no esporte por sujeitos com deficiência visual, nesse segundo momento, (re)toma-se como se manifestaram, no processo histórico, as experiências das pessoas com deficiência, principalmente a visual, ou seja, buscase compreender, mesmo não sendo a proposta de tratamento do objeto da pesquisa, uma breve história da deficiência através das concepções que permeiam esta condição ao longo do tempo. Nesse sentido, também uma (re)visão sobre a história do esporte adaptado ou para pessoas com deficiência complementa o início de uma *revisão fenomenológica* do objeto tematizado. Uma concepção de história presente na fenomenologia é a de que a presença atual dos fenômenos é portadora de uma série de sedimentos que são atualizados (Barreira, 2009), ou seja, uma análise histórica proporciona uma contextualização importante e permite compreendermos onde e quando esse quadro de fundo se posiciona realmente (Ales Bello, 2004). A fenomenologia como método, ou conforme uma denominação do próprio Edmund Husserl para tal, uma *arqueologia fenomenológica* (Ales Bello, 1999), seria o procedimento de

escavação para ir descolando as roupagens que foram inadvertidamente se aderindo aos fenômenos (Barreira, 2009).

Como já advertido e justificado anteriormente, este breve momento de revisão histórica não é o escopo desta investigação, mas contempla a busca de compreensão do objeto – experiência esportiva de atletas com deficiência visual – não descolada e deslocada do processo histórico que fundamenta a atualidade desta experiência. Mostra-se a importância de tal intento visto que os sujeitos envolvidos, os quais são convidados a participar da pesquisa, cujas experiências autênticas e significativas na prática esportiva são foco deste trabalho, sempre foram e ainda o são, com ressalvas e características próprias de cada sociedade e cultura durante os séculos, considerados os outros, os diferentes, objetos de atenção muitas vezes curiosa, discriminação esta tomada muitas vezes pela negatividade e pela ausência, qualidades atribuídas e justificadas de inúmeros modos.

Este momento se organiza a partir da revisão focada em diferentes períodos definidos na história, destacando o desenvolvimento da cultura ocidental, devido à influência histórica sobre o Brasil, país onde esta pesquisa é realizada e da nacionalidade dos sujeitos participantes das entrevistas. Começa-se, então, com breves fatos históricos relacionados ao início conhecido da história da humanidade, passando para momentos nas ditas primeiras culturas ocidentais, chegando à Antiguidade, com Grécia, berço da civilização ocidental, e Roma. Após a passagem pelos momentos delimitados dentro do Império Romano, passa-se para a mentalidade sobre as pessoas com deficiência presente na Idade Média, Renascimento, Modernidade e, por fim, os anos mais contemporâneos, a partir do crescimento do número de pesquisas científicas envolvendo esse público, principalmente nas áreas da medicina e psicologia, das declarações de direitos universais, do movimento de inclusão social e do surgimento do esporte adaptado.

Mesmo sendo uma breve revisão, configurada a partir de fontes secundárias, as quais remetem em diversos momentos às fontes primárias, nota-se uma escassez de estudos rigorosos do ponto de vista histórico, sendo que grande parte dos estudos são compilações de fatos históricos, limitando o aprofundamento de caráter compreensivo na mentalidade dos períodos⁹. O que se toma como foco nas leituras realizadas nesta seção é a concepção da

⁹ Seguindo a linha interdisciplinar da pesquisa, em muitos momentos utilizou-se de referências mais abrangentes em relação ao contexto histórico, isto é, tomou-se como referências obras do tipo historiográfico que tratam mais amplamente dos períodos selecionados aqui.

deficiência nos diferentes momentos ao longo da história da cultura ocidental, observando as possibilidades de tratamento e consideração que se materializaram, como modos típicos, e que podem continuar existindo, sem desconsiderar o contexto que suporta essas ações.

A presença da deficiência no ser humano nos primeiros momentos da história da humanidade

Falar dos primeiros seres humanos com deficiência torna-se uma tarefa árdua devido às poucas fontes deixadas que possam ser datadas dos períodos *pré-históricos*. Tal denominação é questionada por historiadores, pois não se trata de um período anterior à história, mas anterior à escrita. Portanto, é a ausência da escrita, elemento marcante no desenvolvimento da cultura ocidental, a característica determinante dessa denominação expressiva de uma posição evolucionista – e não simplesmente cronológica – que afirma que convivemos com sociedades pré-históricas, ou seja, ainda não alçadas à história via seu suposto marco fundador, a escrita. As fontes comuns que permitem a “leitura” desses contextos são instrumentos e objetos, representações em rochas e os fósseis.

A literatura nacional na área de atividade física adaptada apresenta alguns elementos introdutórios sobre a história da deficiência neste período, sempre advertindo a ausência de fontes arqueológicas para confirmações mais precisas. Mosquera (2000) traz que o período pré-histórico era marcado pelo caráter instintivo na busca pela sobrevivência, em que os indivíduos com mais aptidão estavam mais capacitados a viver e os menos favorecidos, mulheres, idosos e deficientes, ao contrário, seriam naturalmente suprimidos. Gaio (2006) também argumenta que as características da produção de trabalho na época estavam baseadas numa coletividade e na utilização e empenho da própria força; assim, o impedimento causado por algumas deficiências poderia diminuir a condição de colaborar. Mesmo assim, alguns dados mostram que ocasionalmente pessoas com deficiência continuaram a viver.

Mosquera (2000) também traz que pessoas com deficiência também eram eliminadas de tribos, deixadas em algum lugar distante, em cavernas ou jogadas em rios; tal atitude, também podendo ser considerada um ritual, segundo o autor, se justificava pela crença de que, fazendo tais rituais, estariam trazendo a normalidade novamente à comunidade ou tribo. Gaio (2006), citando Guhur (1992), trata sobre a tentativa constante dos indivíduos primitivos de controlar os possíveis agentes causadores de males, representação que estava ligada também à

deficiência. Já Franco e Dias (2005) trazem que nas ditas sociedades primitivas, de maneira geral, havia ausência de pessoas cegas, pois estas eram deixadas ao abandono ou mortas, pois se acreditava que eram marcadas por um sinal, sendo este a incorporação de um castigo. Então, pode-se dizer, segundo os autores, que a deficiência era encarada em alguns momentos como agente maligno para o grupo.

Silva, Seabra Júnior e Araújo (2008) e Gaio (2006) também apresentam um outro tipo de tratamento, trazido por Silva (1987), caracterizado pela atitude de “aceitação, tolerância e apoio”. Silva, Seabra Júnior e Araújo (2008) argumentam que as poucas fontes neolíticas “comprovam que esses homens chegaram a idade adulta e, portanto, sobreviveram. Sendo assim, a idéia generalizada de extermínio dos doentes, idosos e PCDs [pessoas com deficiência] não guarda expressão de verdade absoluta” (p. 16). Havia também a possibilidade de fraturas após acidentes de qualquer tipo, indicando, além das deficiências congênitas, a presença de patologias ou deficiências adquiridas (Silva, Seabra Júnior & Araújo, 2008; Gaio, 2006). A partir de fontes arqueológicas, Rudgley (1999) relata uma análise feita de um esqueleto encontrado e que parece indicar a presença de uma amputação do braço, artrite, perda de visão do olho esquerdo e lesões na cabeça. Este indivíduo *neandertal* sobreviveu e, além disso, fazia parte de uma comunidade, provavelmente sendo cuidado. Segundo o autor, a sobrevivência desse indivíduo pode indicar um cuidado com o outro que sofreu e perdeu alguma de suas capacidades. É uma consciência social comumente negligenciada pela apresentação de fatos na história da deficiência os quais se constituem pela declaração de uma mentalidade de “somente os mais fortes sobrevivem”. Essa referência se contrapõe a alguns elementos já citados, e, principalmente, com a argumentação Gaio (2006) de que os povos primitivos não possuíam “uma organização social que pudesse interpretar a problemática dos corpos deficientes” (p. 64), devido à necessidade de concentração nas funções de sobrevivência.

Apesar das controvérsias¹⁰ e da escassez de fontes, tem-se, portanto, os primeiros elementos que constituem a mentalidade referente às pessoas com deficiência no período pré-histórico: a deficiência estava presente na época, seja de maneira congênita ou adquirida, e os indivíduos enfrentavam esta situação de acordo com a crença do povo, através de rituais de “purificação”/exclusão/eliminação ou através do cuidado, como exemplos mais emblemáticos.

¹⁰ Essas controvérsias talvez se constituam mais a partir das possibilidades de interpretação atuais do que àquilo que os homens da época viviam efetivamente.

Constata-se, portanto, que o limite imposto por uma abordagem factual das fontes costuma dar margem a interpretações de fundo evolucionista e funcionalista que suprem lacunas da compreensão histórica sustentada pela vulgarização da noção “sobrevivência dos mais aptos”. Por outro lado, a consideração pela diversidade de evidências, como a da sobrevivência de pessoas na condição de deficientes, permite leituras menos rígidas que intensificam o papel da configuração cultural no modo de lidar com as mesmas.

Em épocas posteriores, como no Egito Antigo, havia uma forte crença em forças incontroláveis e mágicas que causavam os males às pessoas, como as doenças e as deficiências (Stiker, 1999). Lá também foram criadas as primeiras compilações médicas, contendo descrição de doenças e cuidados. O *Papiro de Ebers* continha descrições sobre diversas doenças, entre elas as que afetavam a visão (Silva, 1986). Na Mesopotâmia, a deficiência e a doença estavam mais ligadas ao pecado pelas ações humanas. Nessa cultura, também houve o primeiro código conhecido de leis – *Código de Hamurabi*¹¹, por volta de 1700 a. C. –, o qual continha leis de punição para crimes que envolviam a amputação de membros. Os Incas possuíam uma prática de purificação chamada *trepanação*, em que eram feitas aberturas nos crânios de pessoas nas quais se acreditava haver algum espírito maléfico (Silva, 1986).

Esses elementos indicam posturas mais complexas em relação às doenças e às pessoas com deficiência, com a influência mágica, muitas vezes; no entanto, há a permanência das alternativas de eliminação dessas pessoas e também de aceitação e integração.

Antiguidade clássica

Pode-se considerar, culturalmente, o período da Antiguidade Clássica como a fonte originária da civilização ocidental. O nível de complexidade e sofisticação da sociedade e da cultura, as quais contam com a escrita bem elaborada, processos educacionais, código de leis, organização das cidades, entre outros elementos, definem conjuntamente uma ordem social única (Wallace-Hadrill, 2008).

Um marco possível para a caracterização do berço da cultura ocidental é o conjunto da obra de Homero (Grécia arcaica, aproximadamente 800–750 a. C.), o qual, através de poemas cantados, e posteriormente escritos por outros, narrava histórias épicas, como a *Ilíada* e a

¹¹ Emblemática e comumente conhecido pela expressão sintética “olho por olho, dente por dente”.

Odisséia. Homero continua sendo uma figura enigmática para os historiadores; não se garante a sua existência. Também há possibilidade de ele ter sido cego (Pinheiro, 2005).

Concomitantemente a esse período antecedente a Era Cristã, tem-se como fonte a Bíblia Sagrada, especificamente o conjunto de obras que compõem o Antigo Testamento. Segundo Stiker (1999), o texto da Bíblia pode fornecer algumas representações e a situação social das pessoas com deficiência na sociedade judaica. Embora tenha havido, nesta cultura, algumas distinções relativas ao tipo de deficiência, as “deficiências como um todo eram julgadas impuridades, desqualificando seus portadores para a ativa participação no culto” (p. 24, tradução própria). Essa *proibição cúltica* estava ligada à *impureza cúltica*, ou seja, o defeito estava relacionado ao pecado, o que trazia a deficiência para o plano humano e impossibilitava o deficiente de cultuar formalmente. A poluição da deficiência demonstrava um simples senso: “o que deriva do pecado humano não tem parte em Deus” (p. 27, tradução própria). A deficiência separa aquilo que é do homem daquilo que é divino; é uma marca presente no homem que define sua não pertença total a Deus, como uma linha divisória que estabelece esta distinção¹².

O marco estipulado na cultura ocidental para o início da Era Cristã é a existência de Jesus de Nazaré. Sua presença também modificou a mentalidade judaica até então corrente na época, segundo Stiker (1999). O mesmo autor afirma que Jesus desconstrói a mentalidade religiosa ao tratar a deficiência não mais como pecado ou efeito da falta individual, solicitando uma atitude responsável e individual, amorosa, mantendo o companheirismo ético. Uma passagem bíblica emblemática se encontra no evangelho de João (capítulo 9, versículos de 1 a 7, citado aqui somente de 1 a 3), quando, ao verem um cego, os discípulos questionam Jesus sobre a origem da cegueira: “Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Os discípulos perguntaram: ‘Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego? Foi ele ou seus pais?’

¹² Essa é a interpretação feita por Stiker (1999) a partir do episódio do combate entre Jacó e Deus, presente em Gênesis, capítulo 32, versículos 23-33, em que Jacó torna-se coxo. “Nessa noite, Jacó se levantou, pegou suas duas mulheres, suas duas servas, seus onze filhos e atravessou o vau do Jaboc. Jacó os pegou e os fez atravessar a torrente, com tudo o que possuía. E Jacó ficou sozinho. Um homem lutou com Jacó até o despertar da aurora. Vendo que não conseguia dominá-lo, o homem tocou a coxa dele, de modo que o tendão da coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. Então o homem disse: ‘Solte-me, pois a aurora está chegando’. Jacó respondeu: ‘Não o soltarei, enquanto você não me abençoar’. O homem lhe perguntou: ‘Qual é o seu nome?’ Ele respondeu: ‘Jacó’. O homem continuou: ‘Você já não se chamará Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com homens, e você venceu’. Jacó lhe perguntou: ‘Diga-me o seu nome’. Mas ele respondeu: ‘Por que você quer saber o meu nome?’ E aí mesmo o abençoou. Jacó deu a esse lugar o nome de Fanuel, dizendo: ‘Eu vi Deus face a face e continuei vivo’. Ao nascer do Sol, Jacó atravessou Fanuel e mancava por causa da coxa. Por isso, até hoje os israelitas não comem o nervo ciático, que está na articulação da coxa: é porque aquele homem feriu Jacó na articulação da coxa, no nervo ciático.”

Jesus respondeu: ‘Não foi ele quem pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus...’”. Segundo o próprio Stiker (1999), a passagem de uma mentalidade a outra se configura da seguinte maneira: “Sob o Antigo Testamento, a impuridade afligiu o deficiente, e, como uma conseqüência, requisitos e restrições foram geradas. Sob o Novo Testamento, toda a responsabilidade é devolvida sobre a humanidade” (p. 34, tradução própria).

Mesmo com essa passagem significativa do ponto de vista da modificação da concepção histórica da pessoa com deficiência, tratada aqui de forma breve, há outros elementos culturais da época que se misturam aos já apresentados.

Os pólos culturais sobressalentes na história da cultura ocidental são a Grécia Antiga, Esparta e, posteriormente, Roma e seu império. Na Grécia havia também uma atitude de eliminação de crianças nascidas com deficiência, a partir da exposição destas em lugares distantes da cidade (Silva, Seabra Júnior e Araújo, 2008; Gaio, 2006). Segundo Gaio (2006), assim como na sociedade grega em geral, em Esparta havia atuações semelhantes; ambas as culturas primavam pela perfeição corporal, para a excelência militar e também esportiva, as quais exigiam corpos fisicamente belos e fortes, o que já afastava as pessoas com alguma deformidade. Havia um tipo de eugenia na mentalidade destas sociedades. Os gregos criaram a palavra *estigma* (*stígma*) “para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (Goffman, 1980, p. 11)¹³. Algumas posturas de acolhimento e reclusão também existiram nesse período, seja com pessoas com deficiência congênita, seja adquirida (Silva, Seabra Júnior & Araújo, 2008; Gaio, 2006).

Na tentativa de se adentrar no contexto antigo, dirigindo a atenção para a valorização do corpo, Sennett (2008) faz um paralelo compreensivo entre corpo e cidade. Na Grécia, os homens das posições sociais mais elevadas andavam trajados com roupas bem largas, deixando a vista grande parte de seus corpos. “Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exhibir-se confirmava sua dignidade de cidadão. (...) O desnudamento coletivo a que se impunham (...) reforçava os laços de cidadania” (Sennett, 2008, pp. 30-31). Dessa maneira, o corpo desses homens estava ligado à idéia de cidade e cidadania; através da prática dos

¹³ Esses sinais, segundo o mesmo autor e segundo a etimologia da palavra presente no dicionário Houaiss (2009), eram marcados por ferro em brasa ou com cortes no corpo e que representavam um aviso da classe ou status da pessoa.

exercícios físicos, momento que os homens ficavam todos nus, havia um cuidado com o corpo que pode ser conjugado ao cuidado da cidade. Mostrar o corpo cuidado era um reflexo humano da cidade bem cuidada. Sennett (2008), remetendo a Peter Brown (1988), traz que “o ginásio ateniense ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a *polis*, e que pertencia a cidade” (p. 46). Essa relação corpo e cidade ou corpo e construção também estava presente em Roma, onde, baseados na concepção de corpo geométrico/simétrico/perfeito, os romanos elaboravam a geometria da construção cidade, buscando também a perfeição. Sendo o corpo humano a escala para o arquiteto moldar a construção, “a geometria humana seria o indício de como a cidade deveria ser” (Sennett, 2008, p. 113). A partir destas considerações, é possível depreender que estas analogias ateniense, espartana e romana de corpo e cidade vinculados apresenta um tipo de valorização do corpo. Supõe-se que essa valorização do corpo e da cidade era abalada ao acontecer o nascimento de um ser com o corpo disforme, defeituoso. Dessa maneira, essa valorização não poderia conter ou não tinha espaço para abarcar um ser humano que, por sua deformidade corporal, pudesse amolecer a base de sustentação aparente da cidade. Mulheres e escravos não tinham seus corpos à mostra, segundo Sennett (2008); os bárbaros andavam completamente vestidos; os deficientes, também colocados na extremidade do tratamento hierárquico, não poderiam representar a idéia de cidade antiga.

Para se compreender a mentalidade presente principalmente na Grécia Antiga, é preciso também levar em consideração a visão de mundo mitológica dos gregos, a qual orientava a vida cotidiana e também contribui para o entendimento das posturas frente às pessoas com deficiência. A partir de alguns mitos gregos¹⁴, é possível observar a deficiência como uma forma de castigo (Gaio, 2006; Stiker, 1999). Stiker (1999) analisa sobre a relação entre o pensamento mítico e a presença da deficiência. O autor também aponta que, de maneira geral, havia uma atitude de exposição das *crianças deformadas* (p. 39) na Grécia e em

¹⁴ Segundo Gaio (2006), no mito de Quimera, em que Belerofonte recebe a incumbência de matá-la, ele, após cumprir sua missão, tenta acessar o Monte Olimpo, sendo jogado de volta à terra, ficando aleijado e cego. A autora também cita a história do “leito de Procrusto”: Procrusto (*estirador*, aquele que estica), colocava pessoas em sua cama de ferro; as que não se enquadravam em tamanho, ou eram esticadas, ou eram amputadas em algumas partes. Para a autora, isso pode ser interpretado como um tipo de padronização, adequação às normas, o que reflete diretamente no tratamento das pessoas com deficiência, ou, conforme Brandão (1987), “Procrusto configura a tirania ética e intelectual exercida por pessoas que não toleram e nem aceitam as ações e os julgamentos alheios, a não ser para concordar” (p. 156). Stiker (1999) analisa o mito de Édipo e também disserta sobre Hefesto e Hermafrodito, mitos nos quais se pode encontrar a deficiência dentro do pensamento mitológico grego.

Esparta¹⁵. O que era levado em consideração era a proximidade da monstruosidade (*terata*), a ausência de uma integridade da espécie humana, ficando na dimensão da *teratologia*. A exposição que gerava a morte não era considerada como uma execução, mas um sacrifício ou um retorno aos deuses. “Há um sentido religioso muito acentuado nisto: estes nascimentos sinalizavam a possibilidade de infortúnios e são explicados pela ira dos deuses” (Stiker, 1999, p. 40, tradução própria). O nascimento de uma criança com má formação é que afetava o grupo, manifestando o medo.

Monstruosidades estão ligadas ao medo da esterilidade coletiva, ao medo da extinção da espécie ou de sua saída da norma. Mas essa possível insegurança não é somente biológica, é insegurança frente ao divino, ligada ao delito dos homens e ira de cima. Isto é porque o ato não é primariamente um assassinato, mas um retorno às mãos dos deuses. Nisto, a anormalidade biológica (...) é projetada no nível social. Em outras palavras, aberração dentro da espécie não somente ameaça o futuro e a continuação desta espécie, mas também anuncia, ameaça, significa uma condenação pelos deuses: uma condenação do grupo. Os níveis social e biológico estão misturados (...) uma aberração na ordem corporal é uma aberração na ordem social. Isto não pode ser um assunto privado; não é um assunto médico. (...) O corpo diferente é socializado” (Stiker, 1999, p. 40, tradução própria).

O mesmo autor também declara que há certa classificação ou divisão entre as deficiências; por exemplo, problemas sensoriais, como a surdez e a cegueira, congênicas ou adquiridas, eram considerados doenças, fraquezas, simples diminuições ou até características especiais¹⁶; já as más-formações, como já dito, ameaçam a ordem. Mesmo com esta certa racionalidade, podendo estar relacionada com a medicina Hipocrática da época, Stiker (1999) avalia que o pensamento grego frente à deficiência e às doenças é elaborado de forma ambígua e até trágica. Portanto, o mundo grego pode ter considerado a deficiência do ponto de vista técnico, médico, ao estar relacionada à fraqueza ou doença, e também do ponto de vista filosófico e social, o qual trata diretamente do defeito.

¹⁵ A exposição consistia em deixar a criança em um buraco no chão ou em um curso de águas e ver se a criança sobrevivia ou não (Stiker, 1999).

¹⁶ Pode-se considerar também que pessoas com determinadas deficiências eram consideradas pessoas com habilidades especiais, principalmente em relação aos cegos, os quais eram portadores de “uma segunda visão” e adivinhos. Para se observar tais situações dentro da mentalidade grega, pode-se acessar algumas tragédias de Sófocles (495–406 a. C.), como *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona* (traduzidas por Donaldo Schüler, editora L&PM Pocket).

Mesmo que o modo de pensar de Roma e do Império Romano – o qual se consolidava enquanto agente conquistador e dominador principalmente nos três primeiros séculos da Era Cristã – estivesse implicado e se assemelhasse ao pensamento grego, podendo denominar-se de mentalidade Greco-Romana¹⁷, há alguns elementos complementares e próprios dos romanos que dizem respeito à deficiência. Além do costume da eliminação, havia, em contrapartida, certa admiração e fascínio pelo monstruoso, seja ele animal ou humano. No fim da república e no início do Império Romano (entre o fim da era anterior ao nascimento de Cristo e os primeiros séculos da era Cristã), os *distorti* eram vendidos no mercado dos monstros (*teraton agora*), pois se tornaram como “mascotes”. “Eles cessaram de ser destruídos e expiados e tornaram-se objetos da atenção e cultivo de todas as classes” (Barton, 1993, p. 86, tradução própria). Segundo este autor, aquilo que era definido como monstruoso ou curioso era objeto de desejo e inveja dos curiosos (*curiosi*), sendo que o sentido de curiosidade, para a época, era algo pejorativo, diferentemente de como é na atualidade (p. 88).

As diferentes atitudes frente às pessoas com deficiência, sejam tomadas de maneira mais generalizada, como no período descrito no começo dessa seção, ou sejam tomadas de forma mais diferenciada, como no período Greco-Romano, mostram que havia algum tipo de re-ação, algum tipo de comparação entre a norma, a ordem e aquilo que se destoava. Mesmo que nem sempre se possa afirmar a existência de uma norma conceitual, pode-se sim garantir uma espécie de “normatização prática” baseada na intuição de semelhanças e dessemelhanças que, porventura, não é sequer tematizada. Nesse período, havia justificativas e crenças que fundamentavam as atitudes tomadas, seja num plano unicamente religioso, seja num plano social, político e filosófico. A valorização da deficiência, ou outras denominações próprias da época, eram em sua maioria apreendidas como algo negativo, amedrontador ou mesmo aterrorizante, efeito de uma causa originalmente divina, tendo lugar e presença na mentalidade da Antiguidade, na vida cotidiana e nos mitos, como objetos de interesse e/ou repulsão.

As pessoas com deficiência na Idade Média

¹⁷ Para uma investigação sobre os processos de comunicação e “transculturação” entre as culturas grega e romana, ver a obra de Paul Veyne (2009). Para o autor, o Império Romano na verdade é um Império Greco-Romano. Uma obra complementar e atual na qual este tema também é discutido é de autoria de Andrew Wallace-Hadrill (2008).

Com o declínio de um poder hegemônico do Império Romano, outras configurações sociais ou de sociedade emergiram na Europa. Além desse fato, o crescimento de uma mentalidade religiosa com o advento do Cristianismo ajudou consideravelmente a dar forma à concepção de mundo dos homens no período medieval. Relacionada ao aumento dos valores cristãos nessa época, Gaio (2006) argumenta inicialmente sobre a presença da segregação das pessoas com deficiência no período, substituindo a aplicação dos sacrifícios.

Stiker (1999) trata sobre a marginalização das pessoas com deficiência na sociedade medieval, porém, antes disso, traz que “o deficiente, o debilitado, o doente crônico fizeram parte espontaneamente do mundo e de uma sociedade que era aceita como sendo multifacetada, diversificada, discrepante” (p. 65, tradução própria). Segundo o autor, as pessoas com deficiência eram inseridas em grande parte no contexto das pessoas pobres e marginalizadas, mas há tratamentos diferenciados entre os pobres e os deficientes, mesmo sendo estes também considerados marginalizados. Eles eram também “marginalizados integrados” (Allard, 1975, citado por Stiker, 1999, p. 69, tradução própria), ou seja, com os cuidados exigidos, poderiam ser admitidos na vida cotidiana. Outro papel desempenhado pelas pessoas com deficiência na época, assim como os monstros, é que “elas ‘demonstram’ o que podiam acontecer com o corpo humano. (...) De outra maneira, elas confirmam nossa normalidade. O deficiente, os ‘monstros’ imanentes em nossa sociedade e não em suas margens, aumentam nossos medos, porque *eles já estão lá*” (Stiker, 1999, pp. 69-70, tradução própria); e o autor continua: “a pessoa deficiente desempenha um outro papel: mostrar a parte inferior da sociedade. (...) A pessoa deficiente, pela virtude de sua estranheza, teve o privilégio de envolver a sociedade normal e normativa em relativismo. (...) Além disso, o deficiente mostrou que uma maneira de ser no aqui e agora não era tudo, não era universal ou definitiva” (p. 70, tradução própria). A presença da deficiência também é explicada por uma criação de Deus variada, ambígua, matizada, onde há espaço para o normal e para o diferente.

Há também a inauguração de um sistema de caridade, no qual há espaço para a manifestação da piedade humana e divina. Não é mais preciso sacrificar as pessoas com deficiência para retornar aos deuses e acalmá-los, como fora em época anteriores, mas a diferença que a deficiência representa “torna-se parte do cotidiano com o qual nós devemos viver e o devemos ver como vindo a nós por Deus com a finalidade de nos santificar. Ela não é mais uma questão de devolver às divindades, mas de aceitar um presente” (Sitker, 1999, p. 76,

tradução própria). Então, segundo o autor, a deficiência não se explica mais pelo pecado ou pela punição, nem se mostra mais algo não integrável¹⁸.

Uma figura emblemática do cristianismo e que também apresenta contribuições para o assunto, segundo Stiker (1999), foi São Francisco de Assis (1181/2–1226). Ele de fato se aproximou do pobre, ou melhor, da pobreza, do doente – principalmente dos leprosos – e do deficiente. Os pobres, os marginalizados, os deficientes receberam dignidade: eles eram o objeto direto da criação de Deus e estar próximo a eles – a mais alta relação fraternal – é estar adorando a Deus (Stiker, 1999). Sennet (2008), também discutindo sobre o papel de São Francisco – e sobre a existência de misericórdia –, apresenta que

cuidando dos males alheios, reiteramos nossos sentimentos religiosos sobre Jesus Crucificado. São Francisco reafirma a igualdade com os pobres e banidos que marcou o início do cristianismo. Do ponto de vista sociológico, ele detona uma verdadeira bomba, ensinando que nossos corpos contêm o parâmetro ético para avaliar regras, direitos e privilégios; quanto mais dor causamos, mais somos injustos (pp. 169-170).

Ao final da Idade Média, por volta do século XIV, houve uma mudança de perspectiva em relação às pessoas com deficiência: o elemento místico ou a nova possibilidade interpretativa que figurava com a exaltação das pessoas com deficiência a partir de São Francisco de Assis deixa de ser uma das atitudes determinantes, e a sociedade “começa a fazer dos marginalizados o objeto de ‘tratamento’” (Stiker, 1999, p. 84, tradução própria). Os marginalizados tornam-se inúteis e essa inutilidade pode gerar um perigo social. Além disso, começa haver um processo de especialização, em que as pessoas com deficiência e outras pessoas consideradas marginais não estão mais misturadas. Segundo Stiker, se evidencia certo tumulto nos séculos XIV e XV: a deficiência é novamente considerada como pecado ou punição divina e a dignidade dos marginais se esvai. “A era do cristianismo medieval nunca

¹⁸ Em relação a esses argumentos e interpretações de Stiker (1999), o autor também apresenta as considerações feitas por Agostinho de Hipona – ou Santo Agostinho (354–430) – sobre essa questão. Segundo ele, Santo Agostinho “tentou reduzir substancialmente o caráter anormal e horripilante da anomalia. Em sua perspectiva teológica e estética, ele executa uma dupla operação: ele exonera Deus destas malformações e ele alivia a humanidade deste medo. *Diferença* é, para ele, nem um acontecimento fortuito, nem uma punição, mas o sinal da inescrutável grandeza do Criador” (p. 76, tradução própria). Santo Agostinho solicita uma visão global, mais ampla da criação; tudo aquilo que parece uma falha, na verdade é a perda desta visão global da beleza e da sinfonia daquilo que foi criado por Deus.

encontrou uma posição inteiramente estável, nem uma práxis efetiva em direção à deficiência. Nós notamos instabilidade em meios nos quais tipos de aberração e diferença eram situados” (Stiker, 1999, p. 87, tradução própria).

Certamente, essas características presentes na época explicam o perfil instável das possibilidades de atitude frente às pessoas com deficiência; contudo, isso pode ser um sinal de que novos elementos surgem e os antigos se modificam na sociedade da época. Especificamente, a marginalização na sociedade aparece como uma possibilidade e as crenças e valores também parecem se remodelar. Stiker (1999) também conclui que “não é incorreto declarar que a Idade Média foi duramente segregacionista ou elitista no sentido moderno destas palavras. (...) A mentalidade e as atitudes foram variáveis e ambíguas ao mesmo tempo. Nunca verdadeiramente excluídos, os deficientes foram sempre espiritualmente integrados; nunca integrados, porque eles estavam sempre nas franjas sociais” (p. 88, tradução própria).

Renascimento e Idade Moderna

Se em outros momentos da história, os monstros e as pessoas com deficiência eram objetos de curiosidade, no período do Renascimento este interesse tomará nova configuração e tamanho. Em relação a essa história e suas conclusões, Courtine (2008) já alerta: “elas contam os progressos de racionalização e da medicalização das percepções do corpo monstruoso” (p. 487). Stiker (1999) apresenta que os sinais da ética cristã deixam de vigorar como predominantes e houve a emergência de uma medicalização, mesmo não sendo uma postura completamente definidora desta era. “O nascimento do pensamento psiquiátrico e o nascimento da **medicina baseada na observação de processos naturais** são dois exemplos que demonstram que um novo sistema de pensamento foi inaugurado” (p. 92, tradução própria e destaque nosso). Este pensamento médico mais científicizado começa a explicar as origens da deformidade, mas há ainda espaço, por um lado, para a presença divina nessas explicações, mesmo que seja menor e marginal. Outras explicações, segundo o mesmo autor, atribuem à deficiência e à monstruosidade o estado de consequências de falhas no desenvolvimento do feto. Além disso, como destacam Stiker (1999) e Courtine (2008), o debate público sobre essas condições e suas causas ganham espaço principalmente no âmbito acadêmico, mais a partir

daquilo que era observado e com menor suporte do pensamento teológico. Portanto, há um “*desencantamento do estranho*” (Courtine, 2008), em que o “desenvolvimento da teratologia constitui um dos exemplos mais frequentemente admitidos de uma secularização e de uma racionalização dos modos de observação, dos desejos e das formas de saber, cujos efeitos se fazem sentir poderosamente, entre o século XVI e o século XVIII, nas ciências da natureza no Ocidente”¹⁹ (p. 488).

A título de melhor definição desse processo, declarado pelo mesmo autor como algo descontínuo e não linear, é um “período intermediário em que a autoridade religiosa havia começado a abdicar de seus direitos de interpretação da monstruosidade e a ciência moderna ainda não havia reivindicado plenamente os seus” (p. 490). Esse debate também cresce dentro dos laboratórios e na vida comum, através de meios populares de divulgação deste tipo de assunto. Para Courtine (2008),

eis o que é a experiência do monstro: este irresistível fascínio que perpassa toda a sociedade, a comoção social que ele produz, depois o espetáculo de uma catástrofe corporal, a experiência de um pasmo, de uma vacilação do olhar, de uma suspensão do discurso. Eis o que é o monstro: uma presença repentina, uma exposição imprevista, **uma perturbação perceptiva intensa**, uma suspensão trêmula do olhar e da linguagem, algo de irrepresentável (p. 498, destaque nosso).

Ampliando o foco, para buscar-se compreender o contexto na qual essa dinâmica acontecia, Barreto (2007) apresenta três rupturas fundamentais, que constituem uma tese central de David Le Breton, que marcam a passagem da época pré-moderna ao período da modernidade.

Uma primeira ruptura se dá entre o homem e os demais homens. Para tornar-se senhor de si, o homem moderno precisou afirmar-se enquanto indivíduo, isto é, pessoa portadora de vontade própria, demarcando sua diferença em relação aos demais e à coletividade que, até então, lhe conferia identidade. Diretamente associada a esta, uma segunda ruptura se processa entre o homem e o cosmo. De ser situado no interior das forças da natureza e, portanto, a ela submetido, o homem dela se separa em busca de liberdade, isto é, da possibilidade de se tornar não apenas senhor de si, mas da própria natureza. Por fim, uma terceira ruptura se produz entre o

¹⁹ Embora Courtine (2008) trate especificadamente da monstruosidade e do monstro, suas contribuições continuam sendo válidas para a discussão que se faz aqui, e justifica-se tal utilização a partir das considerações de Stiker (1999, 2008), argumentando que muitas vezes a monstruosidade e as pessoas com deficiência são tratadas conjuntamente, de acordo com o contexto histórico de cada época.

homem e seu corpo, concebido agora como um objeto natural distinto do sujeito que o porta e, como os demais objetos, submetido a leis mecânicas. O homem separado da natureza, separado dos demais homens e separado de seu próprio corpo. Todas essas rupturas marcam uma profunda mudança em relação ao lugar do homem no mundo, mudança esta na qual o corpo tem um papel central (Barreto, 2007, p. 33).

Essas modificações possibilitam um direcionamento para o olhar médico sobre o corpo, objeto de abstração, “uma materialidade dessacralizada, e um construto intelectual, uma abstração, com o intuito de conhecê-lo e controlá-lo” (Barreto, 2007, p. 36). A partir das contribuições de René Descartes, Barreto (2007) traz, citando Le Breton (1990) e Detrez (2002), que “o corpo, assim, é reduzido a uma engrenagem especializada, destituído de sua versatilidade, bem como de seus recursos próprios, passível de ser decomposto em suas múltiplas partes independentes, em tese substituíveis, portanto, algo manipulável. Ele é, por assim dizer, a parte menos humana do homem do século XVII” (p. 39).

A deficiência, e aquele que se encontra nesta condição, continuou sendo um objeto, alguém que, por se destoar das outras pessoas do grupo, causava um tipo de re-ação, como já foi mencionado. No entanto, o tipo de re-ação nesse período ganha outra amplitude e uma configuração mais sofisticada: os espaços de discussão aumentam, a deficiência foi se transformando paulatinamente em um problema médico, medicina esta que já possui os elementos próprios da investigação científica moderna, saber biomédico este que passa a ser regulado pela normalidade²⁰. A deficiência como objeto é mais racionalizada, e conseqüentemente, a própria pessoa com deficiência, processo este que se definirá nos próximos séculos, a partir do mecanicismo e das contribuições de René Descartes (1596–1650)²¹.

Apesar disso, Courtine (2008), ao falar das formas de construção do monstruoso no imaginário da época, apresenta alguns elementos constantes nessa representação; um deles, em especial, mostra que o monstro, em sua centralidade estável, é caracterizado como humano e em sua periferia encontram-se as formas mais bestiais. Pode-se depreender aqui, como aspecto positivo, mesmo em meio a uma modificação de abordagem com desdobramentos mais

²⁰ Cf. Barreto (2007, p. 42), ao tratar sobre a reflexão médica e o lugar da saúde, doença e normalidade nesta reflexão nos séculos XVIII e XIX.

²¹ Para observar às implicações do cartesianismo ao modelo médico em relação às pessoas com deficiência e sob uma perspectiva fenomenológica, ver Edwards (1998).

objetivos do ponto de vista da medicina enquanto ciência, que há continuidade e reconhecimento da presença do humano no imaginário da época em relação ao monstro. Porém, se observa que a humanidade é considerada em sua parcialidade, somente no aspecto propriamente físico (Stiker, 2008).

A partir da racionalidade imposta, o corpo inválido passa a ser também um corpo educável e reparável.

Assim o corpo enfermo, quer seja visto pela rua, pelos escritores ou pelos eruditos, ou até por aqueles que se ocupam com ele, continua a ser repugnante, miserável, fantasmado. No entanto, uma fratura histórica acaba de ser produzida no final do século XVIII. Os enfermos começam a ser educados, a ser olhados de modo diferente de refugos e a sair de uma visibilidade somente feia e pavorosa (Stiker, 2008, p. 350).

O corpo enfermo nutriu o interesse por essa educação²², mesmo que o caráter da deficiência seja o mais sobressalente. Assim, “o corpo do enfermo, educado porque educável, participa da grande história do ‘corpo endireitado’” (Stiker, 2008, p. 351). Em alguns momentos, esse corpo foi valorizado e igualável em suas capacidades com os “corpos normais”. Há também uma separação entre aquilo que é monstruoso daquilo que é enfermo; nesse ponto, começam a surgir conceitos modernos relacionados à anomalia, à normalidade e à monstruosidade²³. Todo esse processo seguiu sob uma orientação médica e racional a partir dos fatos observados e da comparação entre os pares, em que se realizavam as comparações necessárias para a definição. O lado humano das pessoas deficientes que foi posto em destaque foi, portanto, o lado fisiológico.

Stiker (2008) também apresenta uma nova categoria para esses corpos: o corpo degenerado. Com o desenvolvimento das teorias relativas ao evolucionismo, “a idéia de

²² Uma passagem emblemática nesse momento histórico é a tentativa do médico Jean-Marc-Gaspard Itard (1774–1838) em educar um menino que provavelmente viveu anos sozinho em uma floresta, na França, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX. A título de complementação desse caso, ver Banks-Leite e Galvão (2000). Como outra fonte de informação sobre o assunto, o episódio foi retratado pelo cinema por François Truffaut, em “O garoto selvagem” (*L’enfant sauvage*, 1969). Do ponto de vista da psicologia – ciência emergente nos séculos XIX e XX, períodos finais de nosso recorte histórico –, em sua vertente educativa, tem-se os trabalhos de L. S. Vygotsky (1896–1934) sobre as pessoas com deficiência. Ver, por exemplo, os “Fundamentos de Defectologia” (1997). Também no século XX começaram a ser publicadas obras gerais sobre o tema das pessoas excepcionais, assim como materiais de orientação para o público em geral. Como exemplos de obras abrangentes sobre o tema, ver Telford e Sawrey (1988) e Roucek (1926).

²³ Nesse processo, destacam-se as obras de Georges Canguilhem, sobre os conceitos de normalidade e patologia, assim como sobre os monstros e as monstruosidades. Ver em especial Canguilhem (1982).

degenerescência pertence a uma concepção do homem, espécie ou indivíduo ameaçado pelo risco da decadência (...) comandada por uma defesa contra todo germe de imperfeição ou de desvio, que renova a separação dos bons e dos maus elementos da sociedade” (p. 369). O autor lembra que este tipo de eugenia justificou atitudes de radicalismo extremo, como a “purificação” implantada pelo regime nazista na Alemanha²⁴.

Contemporaneidade

Contudo, no século XIX e XX, começam a surgir movimentos que se apoiavam em valores como a reabilitação e a integração dos enfermos e das pessoas com deficiência, principalmente aquelas que adquiriram esta condição no trabalho ou durante as guerras. Stiker (2008) trata sobre o corpo acidentado no trabalho, argumentando que há um novo posicionamento em relação à norma: normalização como nova prioridade moral e social. Nesse sentido, o corpo acidentado

[...] não era mais o resultado de um destino, de uma ‘catástrofe’ natural, de uma falta, de uma desvio na vida, tornava-se um corpo deteriorado pelos mecanismos sociais, pelo qual somos coletivamente responsáveis. *O corpo enfermo entrava na socialização.* Uma dignidade nova lhe era devolvida: poder-se-á exibir a prótese da perna perdida na guerra, como se poderá reivindicar brandindo o braço cortado por uma máquina. Todas as enfermidades se colocarão progressivamente sob essa bandeira do direito à igualdade de oportunidades e à participação social integral. O corpo acidentado pelo trabalho, depois pela guerra (de 1914–1918), não pode ser mais monstruoso, degenerado, querido por Deus, naturalmente inferior; *é acidentado*, mais freqüentemente sob o efeito de circunstâncias sobre as quais não se tem nenhum controle individual (Stiker, 2008, p. 373).

No século XX, os valores de integração, readaptação, acessibilidade, participação e inclusão social configuram uma nova forma de se colocar individual e publicamente frente ao fenômeno da deficiência. É neste século que são manifestados os direitos das pessoas com deficiência através de conferências, tratados, manifestos e declarações. De uma maneira bem expressiva, elas conseguem declarar seus anseios e buscar seus interesses. Continuam ainda

²⁴ Para uma visualização documental rica em retratos desse episódio, veja-se o documentário de Peter Cohen “Arquitetura da Destruição” (1992).

sendo objeto de estudos, mas agora em diferentes áreas do conhecimento e possuem uma participação mais ativa nessas investigações²⁵.

Esporte para pessoas com deficiência

Um panorama histórico da atividade física e esporte para pessoas com deficiência – ou adaptados – mostra que, de práticas terapêuticas e de reabilitação, pautadas por uma orientação médica, esta modalidade passou por um processo com modificações em seus objetivos, no sentido do desenvolvimento de metas sociais e humanas, como a inclusão social. De maneira geral, a literatura nacional na área de atividade física e esporte adaptados apresenta fatos históricos em relação às origens e a evolução nacional dessa vertente contemporânea do esporte²⁶.

Seguindo o breve percurso histórico apresentado, o surgimento do esporte para pessoas com deficiência e das Paraolimpíadas ocorreu em meados do século XX. A criação formal do esporte para pessoas com deficiência é atribuída a Ludwig Guttmann, médico inglês que direcionou atividades esportivas na reabilitação de ex-soldados lesionados após a Segunda Guerra Mundial, no hospital Stoke Mandeville (Mosquera, 2000; Anderson, 2003; Silva, Seabra Júnior & Araújo, 2008). Para além de fatos, datas marcantes do início desse tipo de tratamento, da generalização da prática, das primeiras paraolimpíadas, da implementação desses esportes no Brasil algumas décadas depois, destaca-se que, inicialmente, por volta das décadas de 40 e 50 do mesmo século, além da ênfase no processo de reabilitação física, um dos objetivos das atividades esportivas nesse processo era a empregabilidade, tornar as pessoas com deficiência adquirida em pagadores de impostos (Anderson, 2003), caracterizando tal iniciativa como econômica e política, além de médica. Segundo o mesmo autor, “embora o governo aceitasse o papel que jogos e esporte desempenhavam na reabilitação, aquelas atividades eram somente um meio para um fim. O objetivo último da reabilitação era o emprego” (p. 462, tradução própria).

De maneira geral, o esporte adaptado é direcionado a populações que, num primeiro momento, são excluídas devido aos requisitos impostos para a prática considerada “normal” e

²⁵ Inclusive nesse sentido é criada uma área de estudo denominada “Estudos da Deficiência”, na qual há a participação efetiva de acadêmicos com deficiência nas publicações. Para informações complementares, ver Diniz (2007) e o periódico científico criado por esse movimento *Disability & Society*.

²⁶ Mosquera (2000), Gaio (2006), Silva, Seabra Júnior e Araújo (2008).

por isso necessita de adaptações/modificações. Estas populações não eficientes, enquanto compostas por uma variação orgânica e classificadas como diferentes do padrão estabelecido cultural e socialmente – com forte influência do modelo médico –, são constituídas pelas denominadas pessoas com deficiência.

Atualmente, a prática esportiva é realizada por pessoas com diversos tipos de deficiência, sendo que muitos dos praticantes dedicam-se assiduamente a treinamentos sistematizados e participam de competições frequentemente. Muitos destes atletas têm reconhecimento nacional e internacional e alguns se tornam ícones da mídia esportiva, dando visibilidade ao fato de que o esporte, para esses ídolos, assim como para muitos praticantes e outros atletas, ocupa um lugar de destaque em suas vidas. Para além das motivações originárias da prática esportiva por essas pessoas, como a terapia e a reabilitação motora, vê-se que o esporte adquire propensão e significado notáveis em suas vidas (Ranieri e Barreira, 2008a, 2008b), não condizentes com as justificativas normatizantes e instrumentalistas que se fazem presentes muitas vezes no esporte adaptado.

Através desse breve apanhado histórico sobre as possibilidades de atuação frente à deficiência, pode-se elencar alguns tipos de tratamentos ao longo da história, como se buscou no final de cada subtópico. Acredita-se que, abstraídos os contextos, muitas dessas possibilidades típicas ainda estão presentes na atualidade, com dosagens diferentes em relação a cada conteúdo, como formas de se re-agir frente a essas pessoas. No entanto, hoje a tendência permanece em um crescimento constante da participação dessas pessoas em diversos âmbitos, o que configura uma nova visão: não se criará elaborações a partir das observações, mas a partir do que as próprias pessoas trazem como sendo próprio delas. Nesse sentido, como já mencionado, o esporte é um âmbito onde essas manifestações podem ocorrer sem serem reduzidas por teorizações e, no caso desta investigação, parte-se daquilo que é manifesto a partir das narrativas desses sujeitos. Além disso, o momento da entrevista, procedimento de coleta utilizado nesta investigação, busca valorizar a narrativa do sujeito e, conforme argumentação Hochstetler (2003), os praticantes precisam promover uma relação entre suas práticas e a reflexão sobre elas, e um caminho para tal promoção é valorizar o processo – ao contrário da ênfase no produto e no resultado – através da narrativa. Em comunhão com estas indicações, Overboe (2009) argumenta que, através do reconhecimento das experiências vividas das pessoas com deficiência, estas podem retomar aspectos legitimadores contrários

àqueles que cotidianamente as desvalorizam como pessoas. Acredita-se, portanto, que esta tendência se configure por esta atitude e que a ciência está contribuindo, além de outras formas²⁷, abrindo espaço e ao dar voz aos sujeitos com deficiência e as suas próprias experiências.

Com essa abertura participativa às pessoas com deficiência no ambiente acadêmico, sejam como autores efetivos, como também em participações e colaborações, há o surgimento de investigações e reflexões em diversas áreas do conhecimento, como a história, a sociologia, a psicologia, entre outras. Especificamente em relação ao objeto tematizado deste trabalho, há na literatura vínculos entre, primeiramente, as contribuições da fenomenologia para área de educação física e esporte (Brown & Payne, 2009²⁸; Surdi & Kunz, 2009; Kunz, 2000; sendo as duas últimas contribuições nacionais), passando para as comunicações entre fenomenologia e deficiência (Edwards, 1998; Toombs, 1995²⁹; Winance, 2006; Ancet, 2008; Masini, 1992, 1993, 1994), e, por fim, o diálogo entre os três temas – educação física, pessoas com deficiência e fenomenologia (Connolly, 1995). Estas contribuições possibilitam a realização de estudos como o presente e vêm colaborar para a justificativa e a fundamentação interdisciplinares desta investigação.

A dimensão existencial no Esporte

Contudo, como traz Moura e Castro (2002), o sujeito praticante não é, muitas vezes, o foco da discussão e reflexão sobre o tema e, conforme Bredahl (2007), a pessoa com

²⁷ Sobre algumas perspectivas atuais na literatura nacional em relação às pessoas com deficiência visual, ver Amiralian (2009) e Sampaio et al. (2010). Esta última publicação é uma compilação grande e densa em diferentes perspectivas sobre a deficiência visual: medicina, oftalmologia, educação, disposições legais e ocupacionais, esporte e atividade física, reabilitação.

²⁸ O artigo de Brown e Payne (2009) é um dos mais recentes na área de educação física e ciências do esporte a tratar sobre as contribuições da fenomenologia para esta área do conhecimento. Desde sua criação, o periódico internacional *Quest*, onde este trabalho foi publicado, tem apresentado eventualmente em seus números artigos que apontam para as contribuições da fenomenologia para este domínio de investigação. A partir de uma revisão em seus volumes e números, desde por volta da década de 70 do século passado, encontra-se referências deste tipo. Ver, por exemplo, a edição número 1 no volume 23 de 1975, número intitulado “A linguagem do movimento”, em especial os textos de P. A. Phillips, R. E. Stone e C. L. Stevenson. No entanto, no início, essas referências são mais diluídas entre outras reflexões, as quais apontam timidamente para o papel da fenomenologia no estudo do movimento. Nos últimos anos, principalmente, essas referências passam a serem efetivamente os objetos de estudo e reflexão nos artigos.

²⁹ Destaca-se o trabalho de Toombs (1995) por ser um dos únicos artigos científicos publicados em que há uma descrição pessoal, em primeira pessoa, das experiências do corpo deficiente, seguindo sob certa orientação fenomenológica, sobretudo em relação às modificações na percepção do tempo e espaço.

deficiência não participa de maneira efetiva nas investigações na área, isto é, comumente os pesquisadores não possuem nenhum tipo de deficiência e, em geral, nas pesquisas realizadas os sujeitos com deficiência não colaboram no desenvolvimento efetivo das mesmas. O foco predominante tende àquilo que caracteriza o sujeito em diversos ambientes, inclusive no esporte adaptado: a deficiência.

Masini (1992, 1993, 1994) remete aos passos e princípios da fenomenologia, inspirada na perspectiva de Maurice Merleau-Ponty, para destacar os direcionamentos que devem ser dados no âmbito da intervenção em educação para pessoas com deficiência visual, destacando também a singularidade desta condição e as potencialidades dessas pessoas. Conceição e Krug (2009) direcionam a discussão para o âmbito da educação, especificamente a educação física inclusiva, destacando o papel do profissional como agente reflexivo e crítico na atuação, como qualidades necessárias para atuar adequadamente nesse âmbito. Ao falarem sobre a formação de educadores, os autores destacam o momento de superação de atitudes reprodutivas pautadas em técnicas e instrumentos, passando para uma postura compreensiva frente ao fenômeno da diferença, elemento constante no cotidiano educacional. Portanto, no ambiente inclusivo, existe uma necessidade constante de entendimento do contexto, possibilitado pelo caráter crítico do ato educativo. Portanto, “a Educação Física voltada apenas aos objetivos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem do movimento humano, mecânico e biológico, não dá conta de uma realidade includente” (Conceição & Krug, 2009, p. 245).

Overboe (1999, p. 17) argumenta sobre a confirmação das pessoas com deficiência a partir do reconhecimento de suas experiências vividas. O autor examina uma distinção feita por Drew Leder (1990) em “O corpo ausente” (*The Absent Body*), distinguindo duas considerações sobre o corpo: o corpo categorizado ou objeto (ou *körper*) e o corpo vivido (ou *leib*). A primeira categorização reduz a visão de corpo à categorização e a racionalização, sendo tal postura bastante presente no Ocidente a partir de René Descartes (1596–1650); o corpo é um corpo físico que é somente considerado como objeto a ser classificado e reduzido a sua aparência, da mesma forma que as outras coisas. Essa atitude é conduta “normatizante” da atualidade. Já na segunda consideração sobre o corpo, o corpo vivido (*leib*), deixado de lado pela ciência, Overboe (1999, p.18) elucida que esta interpretação toma o corpo como uma entidade experiencial, ou seja, não havendo uma separação do meio com o ser, do sujeito com o objeto. É nesse sentido, propõe o autor, assim como Edwards (1998) discute, que a corporeidade da pessoa com deficiência deve ser compreendida, ou seja, a valorização da

pessoa passa pela apreensão de suas experiências vividas enquanto tais, destacando o papel do corpo.

A literatura especializada na área de atividade física/esporte para pessoas com deficiência visual, ao longo da década, tem se tornado mais consistente do ponto de vista teórico-conceitual. Um exemplo é a publicação atualizada de Almeida et al. (2010), cuja qual é bem abrangente e detalhada no que se refere aos conceitos, procedimentos e direcionamentos concernentes à elaboração de atividades para pessoas com deficiência visual. A consistência se baseia na apresentação de conceitos bem fundamentados; além disso, o aspecto técnico é constantemente implícito nas passagens do trabalho; por exemplo, os autores se focam na adequação de métodos, no estudo e conhecimento de parâmetros, como os relacionados ao desenvolvimento motor; esses aspectos de cunho mais técnico, no fim, são remetidos às contribuições da ciência para a sistematização de estudos e intervenções. Em outra comunicação recente, Carvalho (2010) sintetiza as contribuições das práticas de atividades físicas por pessoas com deficiência visual, destacando em diversos momentos as características da limitação devido à deficiência.

Acreditamos que, durante a prática esportiva, o atleta com deficiência pode viver num momento em que a sua condição encolhida, definida clinicamente pelo limite e de modo predominantemente estigmatizado durante sua vida cotidiana, não é mais a característica primeira que define a percepção a seu respeito pelos outros e por si mesmo enquanto pessoa, já que o foco compartilhado das pessoas envolvidas no contexto esportivo é o objetivo presente ao se realizar a ação. Tal perspectiva vai de encontro com aspectos atuais discutidos na literatura científica, destacando o valor inclusivo do esporte e sua qualidade em alargar as possibilidades vividas nele, assim como outros argumentos discutidos por Rechineli, Porto e Moreira (2008). Além desses autores, Valla, Porto e Tolocka (2006) destacam a importância da experiência corporal do corpo em movimento para pessoas com deficiência visual, extrapolando o âmbito da discussão sobre a reabilitação e indo de encontro com uma dimensão mais experiencial, propriamente subjetiva. Dessa forma, há a possibilidade de valorização do momento de prática esportiva, ao se revelarem, por parte do sujeito, durante o movimento, vivências que abarcam dimensões humanas que o caracterizam; estas vivências intensas são potenciais objetos de estudo ainda pouco explorados em investigações qualitativas que tem como tema o fenômeno esportivo. Aponta-se, então, para a atitude diferenciada presente neste estudo ao se pretender compreendê-lo desta maneira, isto é, não interessada em aspectos

objetivos e quantitativos, mas curiosa com o que o próprio sujeito vive e a que dá significado. Segundo Stelter (2000), numa perspectiva fenomenológica, através das experiências vivenciais corporalmente ancoradas, pode-se compreender o ser humano no mundo. Além disso, raríssimos estudos na área de ciências do esporte preocuparam-se em observar este conteúdo subjetivo da experiência vivencial do sujeito através do relato e da análise fenomenológica, fato para o qual chamam a atenção Kerry e Armour (2000).

Nesse sentido, ao falar de dimensões existenciais do esporte como ponto de partida do olhar investigativo, pretende-se atingir aquilo que é subjetivo, a dimensão das experiências vivenciais, como o atleta com deficiência visual vive as experiências esportivas. Partir da dimensão existencial para se olhar ao esporte possibilita a abertura para diversas experiências, sem fechamento ou oclusão. Independentemente das definições sobre esporte, as pessoas o *vivem*, e vivem tudo o que é dito teoricamente, como os elementos essenciais do esporte discutidos principalmente no âmbito da filosofia do esporte³⁰. A dimensão existencial permite justamente o que se busca aqui: como as pessoas – os participantes desta pesquisa, no caso – vivem o esporte. O foco está naquilo que é vivido corporalmente pelo praticante e que recebe apreço, isto é, um significado existencial da prática esportiva. Há a importância da prática esportiva na vida destes atletas, sendo que a mesma ancorada no envolvimento corporal durante a atividade e transcendendo o próprio momento da mesma prática, recebendo um reconhecimento durante a sua vida cotidiana; como um *fenômeno enquanto lembrado*: este testemunho da experiência na vida diária se dá a partir das vivências intensas durante a prática esportiva. A partir do olhar da fenomenologia, que visa esclarecer (tornar claro, iluminado), elucidar (revelar), compreender (tomar junto) a própria experiência, pretende-se ir ao encontro do que constitui tal objeto latente e pulsante ao falar do fenômeno esportivo, a experiência esportiva e as possibilidades de sua presença na vida cotidiana dos atletas com deficiência visual.

³⁰ Um exemplo de obra deste tipo é o livro de Bouet (1968). Ele apresenta os grandes temas da atividade esportiva do esporte moderno, que são: a experiência do corpo, o movimento vivido, o enfrentamento do obstáculo, a busca do rendimento e competição. Ele também apresenta funções, papéis e aplicações diversas do esporte: função de superação, agonística (desafio), hedônica (beleza), higiênica (saúde), de relações interpessoais (social), de lazer, de estética, de espetáculo; papel lúdico, educativo, militar, de preparação e de adaptação a trabalho; e aplicações políticas e sócio-econômicas. Esse é um exemplo de análise do esporte visando suas características principais, as quais, como dito, podem aparecer na narrativa acerca das experiências vividas das pessoas. No entanto, o argumento aqui é que a dimensão existencial permite ver o modo como as pessoas vivem o esporte, partindo destes elementos singulares para se individualar, através do método fenomenológico, os elementos essenciais das mesmas.

OBJETO E OBJETIVOS

O objetivo desta investigação é identificar e compreender as experiências esportivas significativas relatadas por atletas com deficiência visual. Através da análise fenomenológica, busca-se apreender e descrever estas experiências vividas no nível fundamental das mesmas. Também se pretende localizar, caso tal emergência se manifeste durante os relatos, a relação destas experiências vividas durante a prática esportiva e a sua repercussão nas atitudes cotidianas destes atletas, como testemunho do *fenômeno enquanto lembrado ou recordado*.

Em relação ao primeiro objetivo, mais preciso e determinado, tem-se como objeto as experiências esportivas relatadas por esses atletas; no entanto, não são somente atividades e práticas cotidianas, no sentido de observar as repetições e os movimentos executados em treinamentos e competições, mas sim buscar aquelas experiências que são significativas para a pessoa, aquilo que substancia a dimensão existencial no esporte desses atletas e o que os faz narrá-las, cada um com sua singularidade, a partir das perguntas dirigidas durante a entrevista. Portanto, o foco da análise está nas vivências (elemento comum) que se manifestam nas experiências esportivas significativas (elemento singular) destes sujeitos.

Em relação ao segundo objetivo, aquele condicional, ou seja, localizar a relação destas experiências vividas durante a prática esportiva e a sua repercussão nas atitudes cotidianas destes atletas, apenas se cumprirá caso tal elemento seja emergente durante as narrativas. A denominação adotada como *fenômenos enquanto recordados* não indicam manifestações de atividades cognitivas próprias da memória, ou de lembranças atribuídas às funções da esfera cerebral, a qual conduz ao armazenamento de informações e experiências, mas refere-se a um *resgate ou retomada existencial*. Fenomenologicamente, recordar uma vivência é dizer que a mesma não é originária como um ato vivido no presente em primeira pessoa, mas é como um re-viver, um recordar-se de uma experiência significativa, inclusive em sua intensidade, que, no caso desta pesquisa, se dará no momento em que os sujeitos são solicitados a fazê-lo durante da entrevista.

METODOLOGIA

Procedimentos

Ao definir o objeto e objetivo, tem-se imediatamente o perfil de sujeitos que comporão a amostra. Para a presente investigação, serão contatados atletas com deficiência visual a partir de um processo de seleção intencional, ou seja, buscar-se-á o vínculo com os entrevistados a partir de instituições que fomentem o esporte para pessoas com deficiência e participem e/ou organizem competições. Com relação ao número de sujeitos da amostra, pretende-se contatar e entrevistar, no mínimo, quatro (4) atletas com deficiência visual. Tal delimitação mínima do número de entrevistados se configura a partir de dois aspectos relacionados com o tipo de investigação proposta. Primeiro, e sobretudo, observa-se, no tocante à coleta, transcrição e análise em pesquisa qualitativa e, principalmente, no caso desta investigação, a característica inviável e prescindível da tentativa de se aplicar alguma técnica de amostragem a qual defina estrita e estatisticamente o número de sujeitos para a participação das entrevistas. O tipo de entrevista proposto, baseado na orientação fenomenológica, bem como os ajustes epistemológicos, buscam atingir aspectos relacionados com a vida e a prática esportiva da pessoa com deficiência visual em suas dimensões existenciais, ou seja, tem como meta certos conteúdos da esfera subjetiva humana – a vivência da própria pessoa e a compreensão deste objeto enquanto tal –, não tendo como escopo constatações pré-determinadas do tipo quantitativas. Desse modo, todo o propósito como o critério de validade das pesquisas quantitativas são incompatíveis com os pressupostos filosóficos que pautam este tipo de investigação, conforme argumento de Giorgi (2008).

O segundo aspecto é a adoção do procedimento de interrupção das entrevistas no momento em que os conteúdos chegarem à *saturação*. Segundo a descrição de Morse (2000 e 2003)³¹, Denzin e Lincoln (2005), Flick (2004) e outros autores estrangeiros e brasileiros³², conforme a realização das entrevistas e os conteúdos/categorias das mesmas – as experiências esportivas – repetem-se nos diferentes relatos, manifestando consonâncias, legitima-se a interrupção do processo de coleta.

³¹ Vale destacar que Morse (2000) faz uma orientação esquemática sobre a composição de amostras relativas ao tipo de trabalho desenvolvido, sujeitos envolvidos e dados já coletados, critérios procedimentais exigidos no desenvolvimento de investigações qualitativas.

³² Guest, Bunce e Johnson (2006) e Minayo (2006). Os primeiros autores especificamente tratam sobre este procedimento em pesquisa qualitativa.

Como meio de contextualização da amostra, ou seja, para o tratamento inicial e seleção, serão entrevistados atletas que pratiquem quaisquer modalidades esportivas promovidas pelo órgão internacional de gestão do esporte adaptado para cegos, *International Blind Sports Federation* (IBSA), participantes de, no mínimo, uma competição regional, estadual, nacional e/ou internacional. Além deste critério, adotar-se-á, como definição do perfil dos sujeitos, a classificação esportiva proposta pela IBSA (B1, B2, B3) destinada a atletas com deficiência visual, conforme também por Mosquera (2000) e Crós et al. (2006). Destaca-se a preferência para sujeitos que, após avaliação oftalmológica, recebem classificação visual como B1 e B2, devido ao maior comprometimento da fisiologia ocular³³ e à possibilidade de um repertório de experiências ao longo da vida não ancoradas prioritariamente na visão. Contudo, estes critérios não-excludentes não fazem parte da constituição do objeto e das intenções dos objetivos da investigação, e receberão atenção caso, no momento do relato, as vivências esportivas estejam atreladas a este tipo de pré-determinações.

Por fim, os atletas que concordaram em participar das entrevistas foram informados dos objetivos e conteúdos da pesquisa a partir de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³⁴, incluindo os detalhes sobre a gravação da entrevista, tendo a garantia do sigilo dos seus nomes e das suas instituições, seguindo os preceitos e razões éticas de confirmação de sua privacidade. Esta investigação prima pelos cuidados e preceitos éticos em pesquisa com seres humanos, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (nº 2009/01).

Fenomenologia

³³ De acordo com a recomendação da classificação médica pela *International Blind Sports Federation* (IBSA), assim como abordada por Mosquera (2000), Crós, Mataruna, Oliveira Filho e Almeida. (2006), Almeida, Miranda, Munster e Duarte (2010), a classificação possui as seguintes disposições e características: B1 (*blind one*) – ausência da percepção de luz ou alguma percepção que, neste caso, não é possível o reconhecimento de uma mão em qualquer distância; B2 (*blind two*) – pode-se reconhecer a forma de uma mão até acuidade visual 2/60 metros, 5° de amplitude; B3 (*blind three*) – entre 5° e 20° de amplitude, entre 2/60 e 6/60 metros. Segundo Mosquera (2000), o número anterior à barra significa a distância que a pessoa com deficiência pode ver em relação à distância de uma pessoa sem nenhum comprometimento da fisiologia ocular, distância esta representada pelo número após a barra. A título ilustrativo, há outros âmbitos onde existe a presença de classificações relacionadas à deficiência visual, como o contexto legal e o educacional. Para um aprofundamento maior nesses âmbitos, ver Buchalla (2010), Chou (2010), Haddad e Sampaio (2010), Munster e Almeida (2005), Nascimento e Morato (2006) e Oliveira Filho (2003).

³⁴ Uma cópia deste documento encontra-se em anexo.

O próprio movimento e como ele é vivenciado não são considerados pelas investigações na área de ciências do esporte, conforme constatação de Kerry e Armour (2000). Os autores afirmam a necessidade de se aplicar um método que tenha como objeto o movimento, tornando-o significativo através da reflexão que o desperta. Com efeito, devido às suas sustentações filosóficas, o método fenomenológico é privilegiado para atender ao significado construído das vivências pelo próprio praticante e ao fato de propiciar análises do significado e das experiências de movimento que partam do próprio conteúdo subjetivo expresso pelos atletas³⁵. Assim, atribui-se devidamente o valor ao saber da experiência do atleta, ao invés de explicá-lo e colocá-lo em uma teoria científica previamente construída.

Edmund Husserl (1859–1938), considerado o pai da fenomenologia clássica, constituiu uma ciência voltada para o estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional (*consciência de*). Fenomenologia como ciência e método teórico-filosófico rigoroso visa a reflexão sobre os fenômenos, aquilo que se manifesta, isto é, as experiências vivenciais. Numa explanação sumária, no tocante aos seus objetos e objetivos, o trilhar metodológico da fenomenologia predispõe o pesquisador a entrar em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses como aquilo que define e valora o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Como uma *atitude* ou *conversão fenomenológica*, há o esforço de partir sem pré-teorias ao olhar para o objeto, observando aquilo que é, deixando as coisas mesmas se manifestarem. Para que se possa chegar à vivência, esta manifestada em primeira pessoa pela narrativa, “é necessária uma nova *maneira de se orientar, inteiramente diferente* da orientação natural³⁶ na experiência e no pensar” (Husserl, 2006, p. 27) e *retorna-se às coisas mesmas* (Husserl, 2001) – momento este denominado de redução fenomenológica ou eidética –, na tentativa de atingir a constituição do objeto buscado, a fim de compreendê-lo e descrevê-lo (Ales Bello, 2004). Trazendo para esta proposta de investigação, a partir desse caminho, será possível *identificar* o lugar e os significados das experiências esportivas na vida do atleta com deficiência visual,

³⁵ Os dois últimos pontos também são enfatizados por Moura e Castro (2002), como já citado anteriormente.

³⁶ A *orientação* ou *atitude natural* pode ser considerada como um nível de consideração sobre objetos/fenômenos de investigação. Caracteriza-se na superfície do fenômeno, tipicamente âmbito de pesquisa das ciências naturais, orientadas pela lógica causal e espaço-temporal, cercando o fenômeno a partir dessas objetividades. A conversão fenomenológica se configura pela mudança de atitude: da atitude/orientação natural (aspectos factuais do fenômeno) à atitude fenomenológica (aspectos essenciais do fenômeno).

como um *recorte existencial*, na tentativa de *compreensão* de como se configuram tais vivências.

Pressupostos para a fundamentação metodológica

Para seguir um caminho condizente com os fundamentos da fenomenologia, é necessário, por parte do pesquisador, fazer uma leitura primeira e atenta a seus princípios iniciais. Essa preparação visa atender ao tipo de objeto, ao objetivo deste gênero de pesquisa e ao conhecimento das bases as quais fundam o método. Nesse sentido, os meandros da compreensão e atenção às propostas de Husserl, as quais constituem filosoficamente o método, qualificam este tipo de preparação como não imediata e pouco explorada³⁷.

O que pode contribuir para tal preparação metodológica é a leitura atenta e sistemática de autores que discutem a sustentação teórica e a aplicação do método em diferentes linhas de pesquisa. Pelo rigor e atenção às obras e escritos de Husserl, muitas vezes destacando os desdobramentos da fenomenologia como método, o trabalho de Angela Ales Bello, além da leitura de alguns textos redigidos pelo próprio filósofo traduzidos em língua portuguesa, possibilita o acesso às fontes que constituem a fenomenologia teórica e metodologicamente. Nessa preparação inicial, tal procedimento predispõe o pesquisador para a reflexão e a coleta adequadas ao gênero de pesquisa observado e para a análise proposta do relato disponível em registro gráfico, permitindo a compreensão e descrição posteriores.

Entrevistas fenomenológicas

A elaboração do instrumento de coleta busca condizer com o tipo de investigação apresentada, remetendo a um meio que permita a narração das experiências vividas; tal instrumento pode ser denominado de *entrevista fenomenológica*. As entrevistas serão baseadas em um roteiro não-estruturado e aberto, partindo de uma questão inicial e central, e gravadas para posteriores transcrições e análise. A questão inicial³⁸ a nortear a entrevista, a qual visa o

³⁷ Como sugerem Kerry e Armour (2000), este caminho é pouco explorado principalmente, dentro da área de pesquisa qualitativa, no campo entre as ciências do esporte e as ciências humanas.

³⁸ Conforme Dale (1996, p. 310), a entrevista do tipo fenomenológica tem início a partir de uma questão a qual guiará o processo de coleta.

relato das experiências esportivas do atleta com deficiência visual biograficamente, será: “Como surgiu o esporte em sua vida?”. O pesquisador/entrevistador, segundo Dale (1996, p. 313), encoraja o entrevistado a refletir sobre sua experiência e detalhá-la o máximo possível.

Elaboramos esta pergunta disparadora de acordo com a característica do objeto *experiências esportivas significativas*. Esta pergunta possibilita e provoca o participante a recorrer a todo seu percurso esportivo desde seu início; a partir do início, é possível ir caminhando junto durante a entrevista e aprofundar em experiências que foram marcantes em sua vida. A elaboração e opção por essa pergunta se justifica pelo interesse de ampliar bem o contexto em que o sujeito pode falar, permitindo ao entrevistador ir aprofundando em experiências de interesse.

Estas atitudes podem ocorrer a partir do tipo de entrevista proposta, a qual é flexível, e quer o relato detalhado por parte do entrevistado de forma espontânea, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do sujeito. Há a liberdade da manifestação deste tipo de conteúdo subjetivo. Tal permissão é válida também para o entrevistador, aquele que intervirá no momento da entrevista que for adequado para os direcionamentos potenciais, condizendo e respeitando o livre fluxo de consciência do entrevistado (Kidder, 1987).

Com o objetivo de se retomar certos conteúdos, quando e se for necessário, e atingir outros que porventura não foram claramente relatados pelo sujeito, além das perguntas não pré-estabelecidas³⁹, elaborou-se outra pergunta, a qual observa a importância da vivência esportiva e seus momentos na vida do atleta com deficiência visual: “Qual tipo de experiência esportiva destaca-se como importante, motivadora e/ou prazerosa em sua vida?”.

A gravação e a posterior transcrição têm como objetivo fundamental a leitura dos relatos no momento da análise, permitindo ao pesquisador, num primeiro momento, a leitura atenta sobre o conteúdo e, posteriormente, já durante a análise, tentar apreender e descrever como se manifesta o objeto investigado. Além disso, este registro gráfico das entrevistas será anexado à pesquisa, possibilitando a consulta e retomada por parte do leitor.

O esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a postura inicial do pesquisador/entrevistador para que esteja sempre atento no momento da entrevista, principalmente, ao relato do sujeito, testemunhando a experiência vivida do outro. O posicionamento do pesquisador/entrevistador é fundamental neste tipo de

³⁹ Estas perguntas demonstram o interesse e a curiosidade pelo o conteúdo narrado, não podendo ser estipuladas previamente. Como propostas sugestivas da natureza deste tipo de pergunta, ver Stelter (2000) e Dale (1996).

entrevista (Stelter, 2000, p. 69); a atenção para “chamar” a experiência no momento da entrevista se relaciona com a característica do aprofundamento em tal dimensão “quieta”, tácita. A experiência corporal, objeto buscado no momento da entrevista, é pré-reflexiva (p. 67), e, por tal peculiaridade, não emerge de maneira imediata e racionalizada, exigindo etapas preparatórias metodologicamente bem orientadas segundo a fundamentação da fenomenologia.

Há, no tocante à relação pesquisador/entrevistador-entrevistado durante a entrevista, um posicionamento empático⁴⁰ frente ao outro que é autorizado a relatar sobre a sua experiência vivida. Husserl e Edith Stein (1891–1942), sua aluna e assistente⁴¹, mostram que “há um imediato colocar-se em relação aos outros mediante a empatia” (Pezzela, 2003, p. 113, tradução própria), sendo que “é necessária a abertura ao outro” como “um primeiro grau para a compreensão, possibilidade de entendimento, e só onde há a abertura e disponibilidade, existe a possibilidade de fundar uma comunidade que possa verdadeiramente dizer-se humana” (p. 115, tradução própria).

Ales Bello (2004) aborda a empatia/entropatia na relação entre os seres humanos, pois assim, reconhecendo no outro um outro eu (*alter ego*) – “o outro se manifesta como outro semelhante a mim: semelhante, não idêntico” (Ales Bello, 2004, p. 118) e como “modo no qual os sujeitos humanos se reconhecem reciprocamente tais, sujeitos e não objetos” (Ales Bello, 2003, p. 44, tradução própria) –, manifesta-se a intersubjetividade e, conseqüentemente, o reconhecimento da vivência estranha. Simplesmente “não se trata propriamente de uma identificação, mas da possibilidade de uma proximidade” (Ales Bello, 2004, p. 119), destacando, no presente caso, a relação entre o sujeito e o pesquisador. Conforme Ales Bello (2003, 2004, 2006) e Manganaro (2002), trazendo a própria definição de Stein, a empatia é um ato *sui generis*, uma vivência própria do ser humano, ao contrário de perspectivas psicológicas que tomam a empatia como simpatia ou, ao contrário, antipatia, que, do ponto de vista fenomenológico, são reações de ânimo e, portanto, psíquicas. Empatizar é reconhecer o outro como *alter ego*, como outro eu. Este é, para Manganaro (2002), o ponto nodal da essência da empatia: “o colhimento do ‘tu’ como alter-ego” (p. 44, tradução própria). Sintetizando as

⁴⁰ Nesta abordagem, não haverá distinção entre empatia e entropatia.

⁴¹ Edith Stein (1891–1942) foi aluna e assistente de Husserl. Teve formação em psicologia e cultura germânica pela Universidade de Breslávia entre 1911 e 1913, transferindo-se para Göttingen para complementar sua formação filosófica e estudar a fenomenologia de Husserl (Ales Bello, 2000; Stein, 1998). Como objeto de sua tese de doutorado, a qual foi publicada em 1917, a empatia foi tematizada e seguiu sob análise do método fenomenológico, aplicado com o rigor da fenomenologia husserliana, chegando a resultados muito próximos das reflexões feitas pelo mestre.

características próprias ao fenômeno, Pezzela (2003, p. 110, tradução própria) dá uma definição do ato da empatia partindo da perspectiva fenomenológica seguida por Stein:

Um instrumento natural, imediato, tipicamente humano através do qual se consegue colher e compreender os outros seres humanos, as suas vivências, os seus estados de alma, os seus sentimentos. Não é uma prática que se aprende ou aplica quando há necessidade, mas é co-natural ao ser humano.

Em relação ao papel da intersubjetividade e à empatia, Ales Bello (2003, p. 45-46) argumenta sobre uma aquisição gradual da consciência de si através de uma contínua troca com o outro. “Nós nos comunicamos no nível das estruturas, mas não quanto aos conteúdos” (Ales Bello, 2004, p.119-120) porque “nós temos as mesmas estruturas, porém cada um vivencia conteúdos diferentes, especificidades próprias, peculiaridades próprias” (p. 119). Husserl, então, colocava que a importância da vivência estava na sua estrutura fundamental (essência, *eidós*), que é universal, não no conteúdo, este último diverso de um ser humano para outro. Entretanto, mesmo as possibilidades do vivido entre as pessoas sendo as mesmas, ou seja, a estrutura essencial das vivências sendo universais, tendo como movimento uma analogia vivida (Depraz, 2007, p. 83), um emparelhamento de corpos próprios (*Leib*), o conteúdo ativado (vivido) em suas potencialidades em primeira pessoa é diferente. A relação analógica vivida e o emparelhamento, características estruturais da relação intersubjetiva permeadas pela vivência da empatia, trazidas por Depraz, podem ser remetidas como elementos tratados mais contemporaneamente a Stein na obra de Husserl (como em Husserl, 2001a, 2001c, 2001d), ressaltando a presença de tais características em certos momentos da tese de Stein e, sobretudo, sendo aspectos profundamente analisados por Husserl.

De fato, quando me coloco em contato com aquele que considero outro de mim mas semelhante a mim, *alter ego*, colho, intuo, apreendo, enfim empatizo aquilo que está vivendo, a sua vivência; nesta apreensão eu me dou conta que ele/ela está vivendo, por exemplo, uma emoção, um sentimento ou simplesmente uma percepção, mas está vivendo tudo isso em primeira pessoa como fato totalmente originário para ele ou para ela, mas não originário para mim; para mim é originário somente o fato que empatizo a sua situação, mas certamente não vivo o conteúdo de sua vivência que é incomunicável (Ales Bello, 2007, p. 79, tradução própria).

Uma comunicação entre a relação empática e o momento da entrevista está na atenção por parte do pesquisador e no momento dialógico que este tipo de coleta proporciona.

Seguindo um caminho diverso do das conversações comuns e cotidianas, orientadas principalmente por um diálogo do tipo explicativo, há a importância, para esta investigação, da curiosidade pela experiência vivida, isto é, a ênfase para que a fala do sujeito acerque e adentre as suas experiências vividas no esporte. Ao mesmo tempo, além da postura atenta do entrevistador, o interesse pelo seu objeto deve estar focado, isto é, ele conduzirá a entrevista para a experiência vivencial no esporte, caso haja o desvio.

Vale destacar que a elucidação requerida pelo objetivo secundário e condicional também indica a empatia⁴² como uma questão implícita para essa *entrevista fenomenológica*. Já foi dito que o fenômeno recordado no momento da entrevista não é a vivência vivida novamente, mas trazida à tona, com sua intensidade relativa e própria. Contudo, só há tal possibilidade devido à presença de um *vínculo empático* entre o sujeito entrevistado e o entrevistador, este último também atuante como pessoa atenta, indagadora e curiosa, sobretudo para poder compartilhar e testemunhar a experiência narrada do outro. O momento da entrevista é permeado pela relação empática entre os dois que se desdobra na possibilidade da intersubjetividade, isto é, de um compartilhar algo essencial do movimento subjetivo. A empatia é entendida aqui como uma vivência, não como um estado psíquico relacionado à simpatia. A empatia, diferentemente de outras definições presentes na psicologia, é uma vivência que possibilita o reconhecimento do outro como eu, é dar-se conta de que o outro é um ser humano, com possibilidades vivenciais iguais às minhas, mesmo que estas vivências sejam em seus conteúdos divergentes. Dessa feita, no momento da entrevista há a possibilidade da abertura ao outro, à sua experiência presente na narrativa, e de um momento de testemunho da vivência do e com o outro. Portanto, foi significativa uma preparação para o momento da entrevista e a elaboração de um roteiro de perguntas que permita o acesso à experiência do outro⁴³.

Neste caso, a entrevista acerca da experiência vivencial busca, sobretudo, a fala autêntica do sujeito, aquele silêncio que se rompe e expressa no relato algo que parece uma nova coisa “des-coberta”, provavelmente nunca dita nem refletida, que é a vivência, e não

⁴² A maneira como a empatia é definida e tratada na literatura atualizada em fenomenologia e como a mesma é tratada na obra de Edith Stein foi objetivo de uma investigação nossa (Ranieri & Barreira, 2009). Todo o desenvolvimento em sequência desse assunto nesse momento segue sobre fundamentação do trabalho citado.

⁴³ Como desenvolvido em tópicos específicos da Metodologia, recebendo fundamentação da literatura internacional sobre este tipo de entrevista como, por exemplo, em Dale (1996) e Stelter (2000).

conceitos e idéias já conhecidas⁴⁴. Assim como abordado por AmatuZZi (2001b), van der Leeuw (1964) remete ao ato de “des-cobertura” da vivência, em que o fenômeno “se revela progressivamente” (p. 529); o fenômeno não é um produto do sujeito, “mas o fenômeno está junto de um objeto que se refere ao sujeito, e de um sujeito relativo ao objeto” (p. 529). AmatuZZi (1992, 2001a) aborda o tema da fala do sujeito, juntamente com a teorização de Maurice Merleau-Ponty (1908–1961), com duas distinções: a fala primária – originária ou autêntica – e a fala secundária. Esta última seria uma fala repleta de pré-definições, opiniões já conhecidas, como as chamadas “frases feitas”, o que caracteriza este tipo de fala como sem nenhuma novidade para o sujeito falante, um pensamento sobre pensamentos já realizados. A fala secundária se localiza na orientação pessoal ou existencial, isto é, já não se enquadra num tipo de orientação natural, constituída de fatos e pré-definições do tipo causa e efeito, mas é composta por conteúdos subjetivos, elementos que vão constituir a esfera da dimensão existencial, a qual é objeto de identificação no momento inicial de síntese dos relatos⁴⁵. Já a fala autêntica é aquela que ultrapassa certo silêncio e manifesta-se, durante o discurso, como algo novo tanto para o sujeito como para o pesquisador, ocupando uma orientação fenomenológica, no sentido de que, após tomado o conjunto de entrevistas submetidas ao *cruzamento intencional*, possibilita-se a emergência do elemento constante e universal entre todas as experiências. Aponta-se, então, para a presença da empatia desdobrada como apreensão intersubjetiva imediata como o movimento vivencial que possibilita também a apreensão e a diferenciação intuitivas de ambos os tipos de fala, justamente no momento da entrevista. Esse reconhecimento pode-se dar, eventual e inicialmente, a partir de elementos textuais presentes no discurso, como a utilização dos pronomes pessoais em primeira ou terceira pessoa do singular e suas conjugações próprias, o que pode apontar para a fala autêntica ou a fala secundária, respectivamente. Outros elementos a serem percebidos podem ser o tipo de narrativa sobre a experiência, podendo ser mais um relato acerca da experiência, em que o sujeito a trata como objeto de reflexão, não ativando de fato uma recordação em

⁴⁴ Essas considerações enfatizam a necessidade de uma atitude atenciosa e paciente por parte do entrevistador/pesquisador, como a curiosidade expressa por aquilo que, ao sujeito/entrevistado, poderia parecer inconveniente em uma entrevista convencional, como por exemplo, uma interlocução jornalística que não avance as fronteiras da privacidade e intimidade.

⁴⁵ Outro exemplo semelhante de orientação – da atitude pessoal à fenomenológica – como ponto de partida analítico, ver Barreira, Ranieri e Carbinatto (2009).

primeira pessoa na tentativa de “re-viver” a experiência⁴⁶. Não obstante, esses elementos mais discursivos, mesmo podendo contribuir inicialmente para as análises, não representam a atuação do movimento vivencial da empatia se desdobrando intersubjetivamente na compreensão da experiência alheia justamente naquilo que nela existe de compartilhável, de estruturalmente comum, sendo este movimento mais implícito e indicando um tipo de apreensão e testemunho intuitivo por parte do pesquisador, o que significa tão somente a captação do sentido manifesto.

Análise fenomenológica dos relatos – A redução *eidética*

Todo o processo de análise pode ser desenvolvido de maneira proveitosa, seguindo os pressupostos metodológicos da fenomenologia, a partir de uma boa fundamentação e orientação da coleta dos relatos. Para isso, é necessário possuir um instrumento de coleta apropriado para que todo o fluir da narrativa esteja a todo o momento despertando conteúdos vivenciais diretos, estes inseridos no contexto esportivo dos sujeitos. A elaboração de um roteiro de entrevista aberto direcionado às experiências e sentimentos, juntamente, e, sobretudo, com o papel do pesquisador/entrevistador para direcionar a entrevista para a própria experiência do sujeito, são procedimentos de coleta que possibilitam o acesso às experiências. Portanto, o esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a elaboração do instrumento de coleta.

Já no momento da análise, com uma postura reflexiva, crítica, sobre o relato transcrito e além da tentativa da manutenção do processo gradual de posicionar-se sem pré-definições frente ao material, ou seja, com uma atitude de “deixar falarem as coisas mesmas” (Ales Bello, 2004, p.80), o pesquisador deve se preparar para aprofundar-se na experiência vivida, se debruçando sobre a narrativa transcrita, escavando-a e descolando a atitude natural para que se tente chegar à estrutura-base da vivência. Este processo fundamental, não considerado nem imediato⁴⁷ nem fácil, porém rigoroso e orientado a uma estratificação gradual, é denominado de *redução fenomenológica ou eidética*. O ato de “colocar entre parênteses a existência das coisas”, apagar a luz da existência factual e acender a luz da essência – “do sentido das coisas”

⁴⁶ Para orientações relacionadas à estratégias em relação aos procedimentos de entrevista em pesquisa fenomenológica, ver Stelter (2000).

⁴⁷ Cf. Ales Bello (1999, p.20).

–, que foi esquecido pelo positivismo (Ales Bello, 2004, p. 83), isto é, o processo de deixar de lado a existência (atitude natural) para deixar-se mostrar aquilo que é ou evidenciar a essência é o que Husserl chama de *redução eidética*, que é o primeiro passo do método fenomenológico (Ales Bello, 2004, p. 85).

O pesquisador tentará apreender a estrutura da experiência vivencial – *como se manifesta a experiência* –, testemunhando atentamente o conteúdo expresso da vivência no fluxo de consciência do sujeito e realizando a análise intencional para apreender a estrutura típica, a qual é específica e própria do objeto, daquilo que se mostra a ele. Num conjunto de relatos obtidos, pode-se, através da comparação, separar e exprimir esta estrutura pré-categorial de elementos predicativos do objeto. Estes elementos, conforme as próprias palavras de Husserl, lembradas por Ales Bello (1999), são “outras determinações secundárias e causais” (p. 21) da essência, pois a mesma “se insere numa hierarquia de verdades essenciais situadas em níveis diferentes de generalidades”, ou seja, como bem abordado por van der Leeuw (1964) o fenômeno “é – relativamente – escondido” (p. 529); os elementos predicativos – a atitude natural, pré-conceitos e pré-ciências – escondem/encobrem a estrutura essencial da vivência.

Por fim, o pesquisador fará uma descrição fenomenológica da estrutura típica como ela se mostrou após o percurso e a tentativa de captar essa matriz do objeto. Esta descrição não é meramente superficial nem uma interpretação, mas “visa captar o significado das coisas”. Ela segue duas direções: a primeira para o “interior do sujeito analisando as experiências vivenciais” – “o que se vive”, segundo Husserl –; e a segunda se preocupando com a intersubjetividade, analisando as perspectivas de mundo (Ales Bello, 1999, p. 36). Por isso, apresenta-se uma via de reconstrução através da *arqueologia fenomenológica*.

Arqueologia Fenomenológica como método

Dentro da Fenomenologia, uma ciência rigorosa e sustentada por bases filosóficas, há um grande campo de discussão com outras ciências, com diversos fenômenos e inclusive um debate sobre ela própria. Para atingir os objetos de pesquisas como esta, é necessário abordar certo caminho, dentro do grande contexto de aplicação da Fenomenologia, sendo que Ales

Bello (1999, 2004) o apresenta conforme um projeto do próprio Husserl, como uma *arqueologia fenomenológica*, que visa se aproximar da matriz do fenômeno. Este trabalho de busca contempla o processo de construção do objeto, isto é, “se refere a uma operação de escavação nos elementos constitutivos daquilo que é construído através das operações sensoriais que se nos oferecem já prontas e formam o mundo da experiência” (Ales Bello, 1999, p. 18). Isso seria um caminho contrário que o pesquisador percorreria “re-visitando” o sentido da formação da experiência vivencial, ou seja, “é uma arqueologia que visa à reconstrução” (Ales Bello, 1999, p. 35).

Conforme Barreira (2007, p. 7), “a unidade do fluxo de consciência vem analisada na forma como manifesta os estratos que a constituem: estratos sensível-motores, afetivos e volitivo-intelectuais que compõem a unidade da pessoa em suas esferas corpórea, anímica (psíquica) e espiritual”. É na variação de intensidade nas dosagens de cada dimensão que delinea, como elemento último, a esfera *hilética* (material/sensual) e *noética* (sentido/intelectual) da experiência (Ghigi, 2003; Ales Bello, 1998, 2005b, 2006b).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 4 entrevistas com atletas com deficiência visual, todos praticantes há mais de um ano e que já competiram pelo menos algumas vezes em competições regionais, bem como alguns também em competições nacionais e/ou internacionais. A título de definição dos sujeitos entrevistados, três deles são classificados para as competições esportivas como B1, ou seja, não possuem nenhum resquício visual e o outro é classificado como B3, com maior resquício visual. O sujeito 1, homem de 24 anos, atualmente treina e compete nas modalidades *goalball* e futebol de 5. O sujeito 2, homem de 22 anos, atualmente se dedica ao *goalball*. O sujeito 3, homem de 41 anos, treina e compete pela modalidade *goalball*. O sujeito 4, mulher de 32 anos, treina e compete pela modalidade *goalball* e atletismo, especificamente as provas de campo de arremesso de peso e lançamento de dardo, mas não é tão assídua em treinamentos como na modalidade *goalball*.

Em acordo com as análises iniciais das entrevistas, os resultados estão organizados primeiramente na forma de sumário das entrevistas. Este momento se constitui pelas leituras iniciais das entrevistas transcritas e o destaque pelos momentos principais das mesmas,

sumariadas individualmente. Pôde-se destacar esses momentos como principais devido ao fato de que nos mesmos o relato estava fortemente ligado às experiências vividas dos sujeitos, e não eram carregados de discursos distantes da experiência em primeira pessoa. Assim, há o destaque, primeiramente, para as experiências significativas relatadas por cada um dos atletas. Depois deste resumo inicial, houve a identificação das experiências esportivas significativas e a localização da relação entre as experiências vividas no esporte pelos atletas e a repercussão destas em suas vidas, bem como o modo com que se dá esta relação, caso ocorresse. Identificar e localizar são verbos essenciais presentes no objetivo da pesquisa e que implicam uma resposta às perguntas: *qual é?* ou *quais são?* e *como se situam?* Esse momento das análises em *síntese* das entrevistas é composto por *categorias*⁴⁸ ou *unidades de sentido*, que são “como algo interior às experiências” e “visam destacar aspectos definidores do fenômeno conforme o mesmo se dá na coleta de dados, portanto, procuram evitar inflacionar ou deflacionar estes aspectos” (Ottoni, Ranieri & Barreira, 2008, p. 12)⁴⁹. Assim, tem-se o início, de fato, da redução fenomenológica, em que as experiências esportivas significativas são cruzadas intencionalmente, ou seja, busca-se encontrar os elementos essenciais ou universais entre os relatos.

Por fim, uma questão que também necessita de elucidação é uma opção pela definição do que é uma experiência esportiva. Inicialmente, tem-se de maneira explícita a noção de que são experiências vividas no esporte. Porém, opta-se aqui, de acordo com os relatos dos sujeitos, pela ampliação da definição de quando é uma experiência vivida no esporte. É considerada experiência esportiva todas as experiências em momentos que são de prática esportiva de maneira efetiva – durante a prática de fato –, assim como experiências diretamente articuladas anterior e/ou posteriormente à prática efetiva em partidas oficiais, jogos amistosos e treinos. Evidentemente que, fenomenologicamente, a intensidade do momento atual de prática é algo relevante pelo próprio ato de movimentar-se de maneira efetiva numa atividade esportiva. No entanto, como também emergiram momentos pré e pós a

⁴⁸ Husserl (2006) diz que “por categorias, podemos ora entender os conceitos em sentido de significações, mas ora também, e melhor ainda, as próprias essências formais, que encontram sua expressão nessas significações” (p. 48). As categorias exprimem e contém aquilo que é geral e ele adverte que é preciso ter cuidado e aprender a separar a “significação” daquilo “que pode receber expressão *por meio de* significação” (idem). A categoria consegue conter o elemento específico, a vivência específica que se está referindo e a coloca em relação com a *forma em geral*, com a essência formal que é universal e da qual a vivência pertence.

⁴⁹ As categorias como forma de agrupamento de unidades de sentido que emergem durante a coleta de dados (entrevistas) também são utilizadas como procedimento, por exemplo, em Barreira, Ranieri e Carbinatto (2009).

prática efetiva nos relatos, ampliou-se tal noção de experiência esportiva, visto que, também sob esta perspectiva, ambos os momentos conectam-se de maneira intensa com a prática em si e dependem desta como elemento central, seja a percepção da preparação para a prática, o momento de início de um jogo, seja a percepção advinda após a prática, por exemplo, em comemorações por bons resultados. Tal ampliação temporal é condizente com os fundamentos de uma fenomenologia da consciência interna do tempo que evidencia a revelação gradual das faces do fenômeno (Husserl, 1994).

Resumo da entrevista: Sujeito 1

Como já descrito, o sujeito 1 – homem de 24 anos – é praticante das modalidades futebol de 5 e *goalball*. Em seu relato, notam-se momentos com características distintas de prática em ambas as modalidades: no caso do futebol, o início da prática e a prática já organizada dentro de uma equipe institucionalizada; no *goalball*, também o início e a prática atual. Serão apresentados primeiramente os momentos da prática de futebol, seguindo pela descrição já no *goalball*.

O sujeito 1 declara que o início da prática do futebol, na época da escola, era um momento bom e prazeroso, como uma brincadeira. “Ah, pra mim era bom demais... (...) pra mim era quase que tudo, eu me esquecia de todos os problemas jogando bola... (...) na época da escola eu me sentia bem, era nada com compromisso, era só festa... jogar bola pra mim era uma brincadeira”. Esta ausência de compromisso é mais relativa à ausência da formalidade do cumprimento de regras, táticas e de orientações normativas de um jogo formal em relação às equipes de instituições que treinam e competem.

No caso do início da prática de futebol, o sujeito fala sobre o medo de jogar e sobre o machucar-se.

Achava que eu jogando bola, eu teria mais noção muitas outras coisas fora da quadra também... O cara que joga futebol de cego não pode ter medo, ainda mais na escola que é tudo bagunçado, é uma bola só pra ir todo mundo em cima... então, não pode ter medo de se machucar... eu achava que se eu passasse por aquilo, nenhuma outra coisa pra mim seria tão difícil.

Esse medo se configurava ao se deparar com o jogo informal e, caso ele o enfrentasse com resultados positivos, ele poderia ter êxito em situações semelhantes em outros contextos. Ele também relata que se machucava muito jogando futebol e achava que “bom, eu me machuco jogando bola e to aqui jogando ainda, então eu tenho que me inspirar pra fora da quadra e ser assim também... se tiver que me machucar, é cabeça erguida, vamos lá, vou de novo e pronto... até conseguir os objetivos”. Essa experiência retrata que o sujeito, após ser afetado por algo, primeiramente de maneira negativa, poderia modificar sua posição frente à situação a partir de sua reação posterior, de maneira mais positiva.

Em contraste, depois que o sujeito 1 começou a praticar a modalidade em instituições, incluindo treinamentos, ele diz: “aprendi bastante coisa legal”, continuando a gostar da prática mesmo com exigências em relação às regras mais relevantes. “Eu sinto uma sensação boa, é bom a gente fazer o que a gente gosta... (...) é ótimo pra mim”. Ele também destaca que ele pensa o futebol como um divertimento: “no momento, eu penso no futebol pra me divertir, futebol pra mim é uma brincadeira”.

No *goalball*, tanto no início de sua prática, como na atualidade, o sujeito deseja e se sente bem ao competir, mesmo que, no início, tenha sido também como forma de divertir-se.

Não importa onde a bola fosse, eu queria estar lá também... (...) o *goalball* já é um jogo mais sério, é um jogo que eu desejo competir mesmo... (...) cada jogo pra mim é um aprendizado diferente... (...) é uma sensação muito boa, tá dentro de quadra, ajudando, fazendo a alegria da minha equipe.

Esse desejo de competir também dá uma noção de seriedade do esporte para o sujeito. Ele também mostra a alegria em festejar a conquista com os companheiros, como um bom momento no esporte.

Já no contexto da outra modalidade, ele diz que o *goalball* é um “jogo de ensinamentos”, o qual contém “várias regrinhas” que podem ensinar para além do âmbito da prática também.

eu particularmente aprendi que certas coisas não se pode se pensar muito, porque a gente tem um tempo pra fazer aquilo... no *goalball* a gente não pode fica o tempo que quiser com a bola na mão pra arremessar... a gente tem 10 segundos pra arremessar a bola, senão é uma penalidade que a gente sofre... isso também ocorre na vida, você tem aquele tempo pra fazer, se você não fizer determinada coisa pode ser que isso venha te prejudicar no futuro.

Essa experiência do sujeito aponta para a questão da temporalidade no esporte; o tempo para a realização de uma ação ofensiva no jogo (arremesso) imposto por uma regra se relaciona ao tempo para a tomada de decisão, ação e realização de determinadas coisas na vida cotidiana. É o tempo certo para realizar um ato, indo de acordo com a especificidade do contexto: no esporte, a regra delimita a ação; na vida cotidiana, o objeto de ação exige um tempo de realização próprio. Essa correlação essencial entre diferentes experiências torna-se, pela intensidade emocional que dá o tom de aprendizado ao esporte, referência em sua percepção para a comparação e o posicionamento de uma atitude adequada aos desafios do manejo do tempo na vida cotidiana.

De maneira mais generalizada, sem direcionamento para cada modalidade, “praticar esporte para mim é uma forma de me divertir, só que às vezes com seriedade...”. Segundo ele, a seriedade se caracteriza mais pelo elemento competitivo e pela definição de objetivos a serem traçados, buscados e alcançados, e a outra face, a diversão, está tanto na prática em si, como nos momentos de comemoração de vitórias e conquistas com os companheiros em competições.

Resumo da entrevista: Sujeito 2

Conforme mencionado, o sujeito 2 – homem de 22 anos – é praticante da modalidade *goalball* e possui uma percepção visual superior aos outros entrevistados, conforme sua categoria esportiva (B3). Sendo assim, sua primeira experiência relatada no início de sua prática nesse esporte tem como fator envolvido seu nível de capacidade visual, mas este aspecto não é o foco desta análise. Além desse ponto, sua narrativa também localiza os momentos de início da prática e seu momento atual.

O sujeito 2 sentia dificuldades ao praticar no início, por ser um novato; no entanto, essa dificuldade foi mais destacada por ele no relato de um momento específico:

Sujeito 2 – No início pra mim era um pouco ruim, porque o *goalball* é um esporte que você precisa jogar vendado... então, eu não tinha costume de praticar nada às escuras, vamos dizer assim... então, quando teve pela primeira vez que me colocaram uma venda nos olhos, realmente eu senti muita dificuldade, mas foi bom pra mim, porque nesse esporte a gente tem que usar muito a audição... então, por mais que tenha tido um pouco de dificuldade no início, pra mim foi bom nessa parte, de tá

sentindo um pouco o que uma pessoa que não enxerga sente no dia a dia... pra mim, hoje é normal.

Entrevistador – Você lembra desse momento quando, pela primeira vez, você colocou a venda e foi praticar?

Sujeito 2 – Lembro que nesse dia eu senti muito medo, porque eu falei ‘meu Deus, e agora? Será que eu vou de repente arremessar a bola pra fora? Ou então conforme eu for correr, eu vou tropeçar em alguma coisa? Ou vou esbarrar em cima de alguém?’... esse era meu sentimento assim no início... o medo de não tá vendo nada e me machucar de repente... mas isso aí eu superei depois, com um pouco de experiência.

Esse primeiro contato com uma das regras da modalidade proporcionou a ele uma nova maneira de encarar a vida, fato que, em conjunto ao apoio dos amigos durante o aprendizado, às adaptações à modalidade e à convivência com outras pessoas com deficiência visual, marcou sua iniciação ao esporte contendo um aspecto comunitário muito forte.

Olha, pra mim a experiência mesmo foi conviver com as pessoas que também têm deficiência visual, porque na época da escola eu até convivia, mas era pouco... (...) tanto que no primeiro campeonato que a gente foi ficar com o pessoal, conviver um dia inteiro, à noite também, me incentivou mais a ficar, porque eu penso que eu posso tá ajudando o pessoal na hora do jogo, na equipe e também já percebi que o pessoal é mais unido, tem mais união do que os outros tipos de pessoas que enxergam.

Atualmente, o sujeito 2 treina e compete seriamente pela modalidade, sendo, assim, a prática com a qual tem mais comprometimento, com um desejo e motivação para buscar uma futura atuação na seleção brasileira de *goalball*. Ele comenta diversas vezes sobre *se sentir ou ser profissional* na prática; indagado sobre o que é se sentir profissional, ele esclarece:

Pra mim, você ser profissional significa você honrar a camisa que você tá vestindo, independente do clube que for que você tiver jogando, mas quando você entrar em quadra você dar o seu máximo... mostrar pro seu treinador que realmente você gosta da equipe que você atuando... pra mim profissional é isso... nem tanto pelo dinheiro... é claro que a gente sempre quer ter oportunidade, de repente, de ganhar uma bolsa atleta, tá numa seleção, mas acho que pra mim só de honrar a camisa, pra mim já é muito bom, muito significativo.

O *ser profissional* demonstra uma honra e um compromisso efetivo com a equipe, além de um compromisso pessoal de dedicação à modalidade com seriedade.

Além desta experiência relatada, ele também narra outras, como a emoção e o nervosismo sentido no início de um jogo, a união com a equipe e a vontade e o espírito de vitória, a atitude de não julgar previamente uma equipe adversária e a motivação para a prática após assistir um jogo da modalidade televisionado, em que ele observa a atuação dos jogadores da seleção brasileira, observando e comparando seu próprio desempenho com o dos atletas, percebendo uma semelhança e que é possível estar um dia no lugar deles.

Resumo da entrevista: Sujeito 3

O Sujeito 3 – homem de 41 anos –, como já relatado, treina e compete pela modalidade *goalball* e começou a praticar musculação recentemente. Por ser uma pessoa que considera já ter um longo tempo de práticas esportivas – mais de 15 anos –, em sua narrativa, ele destaca momentos significativos em outras modalidades, como o judô, a corrida de rua, atletismo e as atividades em aulas de educação física no período escolar. O início de sua prática aconteceu justamente nesse período escolar.

Segundo o sujeito 3, eram desenvolvidas atividades físicas nas aulas de educação física no colégio com um pouco de fundamentos esportivos, mas não havia um incentivo ao esporte enquanto tal. A partir de uma competição escolar, ele e os colegas tiveram a oportunidade de ter um contato maior com algumas modalidades, gerando um interesse e um desejo pela prática. Para ele, era como

conquistar um espaço... (...) como foi pra mim tudo isso? Foi uma conquista a mais, porque eu comecei a quebrar limites... fui quebrando limites do que eu achava que eu não conseguia... (...) porque você extravasa através do esporte, através da atividade física você já extravasa... imagina através do esporte, através da modalidade esportiva... muito mais, porque você começa observar que você desenvolve uma modalidade como uma pessoa dita perfeita pela sociedade desenvolve... então, você tem modalidades que você pratica normalmente... (...) você pratica de igual pra igual... então, aquilo te traz pro convívio social e te fortalece, porque você começa a perceber que (...) todos nós, seres humanos, temos limites, mas nós não somos limitados... mas só que esse limite, você vai quebrando aos poucos, sempre vai quebrando aos poucos através do esporte e através de outras áreas da vida que eu fui trazendo... então o esporte contribuiu muito comigo.

O sujeito teve a possibilidade de experimentar na prática esportiva suas capacidades e limites, incitando-o cada vez mais a buscar esse extravasamento e o aprendizado na prática. “Eu falava: ‘poxa, eu to começando e to indo bem, eu estou percebendo que eu estou aprendendo, então eu vou dar continuidade...’ esse era, na realidade, um dos fatores preponderantes que me levava pra frente, que me impulsionava”.

Após um período longo de afastamento dos treinamentos de *goalball*, o sujeito 3 retorna à prática. Ele relata as diferenças do ponto de vista das mudanças em seu organismo após o tempo de inatividade e as exigências de adaptação para retomar a prática, dizendo que esperava ver mais dificuldades nesse quesito, mas que, “com sabedoria”, ele poderia até igualar o desempenho de início de prática. “Me sinto muito mais realizado no esporte do que antigamente.”. Nesse sentido, ele narra uma experiência de retorno:

eu fiquei tão emocionado naquele jogo quando eu voltei, eu falei: ‘po, mas eu to parecendo um garoto de 15 anos aqui’... eu com 41 anos, voltando no *goalball*, e meu coração fazia Tum, Tum, Tum, Tum, batia forte mesmo... nossa, nem quando eu estreei no *goalball* eu ficava desse jeito... mas o que era aquilo? Era alegria de voltar... poxa, to voltando... depois eu me dei por conta por que eu tava daquele jeito... meu coração batia e eu sentia ele na garganta, de verdade... e uma colega ainda gritou lá de fora: ‘olha o coração’... ela falou aquilo brincando, mas de fato era verdade... (...) quando eu coloquei a mão na risca, senti a trave, aí eu dei por mim, eu caí em mim, a ficha caiu... eu pensei ‘poxa, isso aqui ta me sendo possível novamente...’... porque eu achava que eu não poderia mais competir... (...) eu tava emocionado mesmo... quando eu saí de lá, depois que eu percebi que eu tava emocionado, subiu pressão... mas não parece ali que você tem 40 anos... mas quando você volta e tem sentido aquilo pra você, aquilo faz parte da sua vida... aquilo pra você é importante, aquilo te tira do sério mesmo... você se emociona mesmo... (...) eu voltei e me emocionei... porque o retorno ‘ó, S3, você ta vivo de novo’...

Foi um retorno à prática, à competição que o fez sentir algo já vivido, como uma nova estréia, sendo emocionante para ele e, sob sua percepção, sendo como se não tivesse a idade atual, que marca o retorno, mas a idade da juventude, a qual marcava a sensação de estréia.

Atualmente, o sujeito diz “que é mais prazeroso praticar do que antigamente... hoje eu faço o *goalball* com tranquilidade”. Ele também voltou a ter como meta a competição em si, poder contribuir com a equipe em partidas, mas também “hoje, pra mim, o *goalball*, ele é

gostoso quando eu vou pro treino... quando eu entro no vestiário... é prazeroso quando o professor fala ‘ó, você errou’... (...) hoje eu não tenho aquela carga da obrigação de ganhar”.

Assim como foi relatado de alguma maneira pelos outros sujeitos, o sujeito relata o momento de início do jogo, o qual gera uma expectativa do que virá, mesmo sendo um atleta tranquilo e experiente. “Situação de jogo quando o árbitro apita, que você ouve lá, ‘quiet please’, ‘play’⁵⁰, é complicado meu, dá friozinho sim... é uma situação normal que eu acredito que qualquer atleta, qualquer competidor hoje, ele sente... (...) eu acredito que eu já esteja naquela situação já de competidor normal já, isso é muito comum... ele é emocionante”.

Resumo da entrevista: Sujeito 4

O sujeito 4 – mulher de 32 anos – pratica atualmente as modalidades de campo do atletismo – arremesso de peso e lançamento de dardo – e, mormente, o *goalball*. Contudo, em sua narrativa, ela relata a prática esportiva na infância, na modalidade basquete, período este em que ela tinha visão. Por volta dos 15 anos de idade, ela interrompeu a prática esportiva devido, entre outros motivos, à deficiência visual adquirida. Encontra-se aqui a descrição de experiências da infância, na prática do basquete, a descrição do início e da atualidade na prática do *goalball* e a prática das provas específicas do atletismo.

O sujeito 4 sempre se sentiu realizada ao praticar o basquete.

No esporte, ali dentro, era um momento que eu me realizava e ficava muito feliz, porque cada dia numa quadra, eu descobria que eu aprendia mais e mais e mais e podia ir além dos meus limites... se ontem foi de uma forma, hoje eu já conseguia me sair melhor em algumas coisas que eu ia aprendendo de novo.

Ela se sentia realizada ao completar objetivos e obter êxito em tarefas, como, por exemplo, o prazer em fazer cestas de longe. Ela relata uma situação, entre outros momentos significativos, como o desafio e a cobrança de um técnico e o recebimento de um apelido positivo – nome de uma jogadora profissional de basquete da época – e sua reação de vergonha frente a isso, em que ela acerta uma cesta com um arremesso feito do meio da quadra de basquete, relatando que tinha muito prazer em fazer cestas de longe, “ainda mais, quanto mais longe pra mim,

⁵⁰ Comandos de arbitragem utilizados no início e durante a partida, primeiramente solicitando silêncio geral no recinto e, depois, autorizando o jogo. Todos os comandos principais da arbitragem são proferidos na língua inglesa.

melhor fazer cesta”. Ao ser indagada sobre como ela se sentia no momento em que arremessava, ela diz que “até hoje quando eu lembro, me dá um ‘negocinho no coração’ de ficar lembrando, de como que era, ainda dá saudade”. Acertar arremessos de longe e sentir mais prazer ao obter êxito a cada distância maior propõe uma noção de desafio e obstáculo progressivo para ela, tanto no sentido espacial, em relação à distância entre ela ao arremessar a cesta, como no sentido comunitário, de reconhecimento público da sua qualidade enquanto jogadora iniciante, como também no sentido pessoal, de conhecer suas capacidades e limites, testando-os, sendo que ela sentia isso como “prazer de quebra de limite, quebra de obstáculo... (...) e era muito bom... eu me sentia bem, fazendo cesta... e cada cesta que eu fazia era muito bom... sentia que eu era capaz de fazer cesta de cada dia mais longe... era bom”. Por fim, ela diz que tudo era bom no basquete:

quando eu estava dentro de uma quadra, tudo era prazeroso, até os tombos que eu levava sabe... então tudo me dava prazer dentro de uma quadra, porque é além d’eu falar, é além de uma fala, de uma palavra... é sentir mesmo... eu sentia muito prazer de estar dentro de uma quadra, de ouvir a bola, de pegar a bola e arremessar... de tomar a bola, de ir pro ataque... isso tudo me dava prazer... acho que quando a gente faz algo que a gente gosta, eu acho que dá prazer... até hoje se eu pego uma bola e tento acertar na cesta, me dá prazer!... mesmo eu sabendo que talvez eu não vou acertar... eu sonho até hoje que eu jogo basquete... é uma coisa que me marcou muito.

Aos 15 anos de idade, ela tem que interromper a prática esportiva devido a fatores familiares, como casamento e gravidez, e, sobretudo, por ter adquirido a deficiência visual. Esse momento é marcado, segundo seu relato, por uma resignação sem lamento, pela aceitação e pelo foco em outras atividades e atribuições as quais não estavam direcionadas diretamente à nova condição limitante. Segundo o sujeito 4, “o que senti? É falta, é falta de algo, sabe... (...) e quem gosta [do esporte], gosta, é uma coisa que tá dentro da gente, eu não sei explicar de onde vem, eu só sei que ela fica dentro da gente ali”. O esporte, segundo seu relato, criou raízes em sua vida e a interrupção da prática ocasionou uma ausência em sua vida.

Após alguns anos, o sujeito 4 tomou conhecimento sobre o esporte para pessoas com deficiência e teve contato, inicialmente, com a modalidade *goalball*. Sua reação ao ter os primeiros contatos foi de um estranhamento frente às características próprias da modalidade, até então uma novidade para ela, e, concomitantemente, um reconhecimento. “Aí quando eu

cheguei na quadra, (...) aquele povo tudo no chão, de joelheira, cotoveleira, mulher contra homem, homem contra mulher, aquela bola pesada, toda furada, uma bola estranha, mas na hora que eu peguei a bola, eu lembrei do basquete”. Este contato inicial foi o estopim de um enraizamento dessa modalidade em sua vida, o que lhe dá prazer e gosto pela mesma na atualidade.

Ao falar das experiências significativas no *goalball*, além de falar de uma experiência com um tipo de arremesso – arremesso com giro –, em que ela recorda, no momento da ação, os incentivos e desincentivos de treinadores sentindo felicidade ao realizar este movimento aprendido, o sujeito 4 acentua que algo que a toca é quando ela defende uma bola indefensável, como “um sentimento de dever cumprido”. Ela relaciona a essa experiência dois direcionamentos intencionais: *jogar com a cabeça*, valendo-se daquilo que já está sedimentado em sua soma de conhecimentos de prática esportiva, e defender cada bola, ao concentrar-se em cada momento em que é preciso realizar esta ação, sendo “uma defesa por cada vez, como se ela fosse a última do esporte, a última do jogo”.

Já no atletismo, nas provas de campo, o sujeito 4 diferencia-o da modalidade *goalball*, principalmente a partir das características próprias do atletismo, como ser uma modalidade individual. Nesse sentido, ela fala de um envolvimento individual efetivo e exclusivo, tanto pelo lado da disposição emocional, como do ponto de vista técnico de execução da ação.

na base do arremesso é muito interessante, eu me sinto bem, eu acho que a gente tem que buscar força lá de dentro pra você arremessar, porque é difícil, ali tem que ter técnica, tem que focar muito no seu corpo inteiro, porque não é só força de braço, tem que ter entrada de quadril, de perna, de ombro... é tudo uma sintonia... tem que ficar vidrado naquilo, porque senão, se você entrar o braço e não entrar a coxa, já era, você não consegue arremessar aquilo que você treina... e aquilo só depende de você, não vai ter ninguém que vai ajudar você a erguer o braço... (...) o que você faz ali depende exclusivamente de você... se você vai se sair bem ou não vai.

Ela relata também experiências de aprendizado rápido em contexto de competição, tendo que arriscar novos movimentos não treinados anteriormente, sendo também uma forma de aprender com o esporte.

Síntese das entrevistas – cruzamento intencional

Após o panorama geral das entrevistas presente no sumário⁵¹ apresentado nos subtítulos anteriores, passa-se para o momento de buscar o que há em comum entre as entrevistas. Enquanto nos resumos têm-se os momentos existenciais próprios de cada entrevista, da singularidade de cada sujeito, passa-se à tarefa de aglutinar os sentidos em unidades *entre* as entrevistas. Esquemáticamente, nesse momento pretende-se atingir o aspecto universal das experiências, num processo que envolve ações de comparação – diferenciação e associação – e definição, o que permite extrair *categorias de sentido* que visam expressar esses aspectos comuns. Destaca-se que essas categorias são extraídas e não criadas, são evidências das experiências, portanto, não são nem arbitrárias e nem uma nova camada de sentido racional jogada sobre a experiência, mas são propriamente a evidência do que se encontra no mergulho junto a seus núcleos constitutivos.

É possível identificar quatro momentos típicos entre as entrevistas e que indicam uma dinâmica experiencial própria da experiência esportiva significativa: ampliação do encolhido, perseverança, imediatez e protelação.

Ampliação do Encolhido

A vivência do encolhimento aparece de forma mais acentuada nas três primeiras entrevistas. Toma-se o encolhimento aqui, conforme a discussão de Paul Ricoeur (2008) na introdução acima, como o viver em um meio encolhido, qualitativamente diferente de um meio constante e cujos limites são habituais, diferente, portanto, de um meio presente como norma ao sujeito e que não está abalado. O encolhimento é o abalo a esse meio, ou abalo ao *mundo circundante* (Barreira, Ranieri e Carbinato, 2009).

O encolhimento aparece nas duas primeiras entrevistas como medo, o qual implica seu enfrentamento na prática esportiva. Quando o sujeito 2 relata sobre o momento em que colocou uma venda nos olhos pela primeira vez, como exigência para poder jogar o *goalball*, ele diz: “nesse dia eu senti muito medo ‘Será que eu vou de repente arremessar a bola pra fora? ou então conforme eu for correr, eu vou tropeçar em alguma coisa? Ou vou esbarrar em

⁵¹ Pode-se adotar outras terminologias para esses momentos do percurso analítico inicial; um exemplo é como AmatuZZi (2001a) traz e descreve essas etapas: o momento do resumo ou sumário de cada entrevista aqui discriminado é definido pelo autor como momento de síntese de cada dado coletado e, posteriormente, há a realização da *síntese das sínteses*, o que, neste caso, define-se por síntese das entrevistas e cruzamento intencional. Apesar das simples diferenças na terminologia, o que configura cada momento é o mesmo.

cima de alguém?’... esse era meu sentimento no início... o medo tipo de não tá vendo nada e me machucar de repente”. Há uma relação interior entre ação (na prática), limites adversativos, os quais geram o medo – de esbarrar, de tropeçar, de cair –, e o desafio proposto e efetivo no esporte que é o que coloca o sujeito num movimento de lançamento, de lançamento para enfrentar o medo. “Mas isso eu superei depois, com um pouco de experiência” (S2); depois, é significativo o prazer, o gosto advindo desse movimento. Da posição de encolhimento (medo), passa-se, através desse desafio proposto no esporte, a uma nova atitude emocional, de sentir um prazer, já na nova posição ampliada. Nesse movimento, há a presença constitutiva de um desejo: a ampliação implica o desejo de se lançar frente o desafio. O prazer vivido é o que desperta esse desejo e que faz ampliar os horizontes vividos. Há uma satisfação em praticar o esporte e satisfazer-se contém esse movimento de lançar-se frente ao desafio.

Na fala do sujeito 1, também surge o medo, no caso medo de se machucar, no início da sua prática do futebol. “O cara que joga futebol de cego não pode ter medo, ainda mais na escola que é tudo bagunçado, é uma bola só pra ir todo mundo em cima... então, não pode ter medo de se machucar.... então, eu achava que se eu passasse por aquilo, nenhuma outra coisa pra mim seria tão difícil...”. Nesse momento, aparece pela primeira vez no relato do sujeito uma experiência esportiva tomada para além do âmbito do esporte, um fenômeno enquanto recordado:

eu me machucava muito jogando bola... então, eu achava mesmo que: ‘bom, eu me machuco jogando bola e to aqui jogando ainda, então eu tenho que me inspirar pra fora da quadra e ser assim também...’ se tiver que me machucar, é cabeça erguida, vamos lá, vou de novo e pronto.

No caso do sujeito 1, a ampliação do encolhido se configura também num movimento, do medo à experiência modelar de enfrentamento.

No relato do sujeito 3, a ampliação do encolhido pode ser destacada, primeiramente, no início de sua prática esportiva e, depois, em sua elaboração sobre dimensões mais amplas, como a social e a política. Destaca-se que o sujeito 3 experimenta uma abertura à experiência corporal a qual é própria do esporte: “eu sempre tive o desejo muito grande, um desejo muito profundo, de sempre tá praticando, de nunca parar, sempre evoluir, sempre aprender mais e de sentir sempre mais a vida, sentindo o corpo e trazendo pro crescimento interno”. Essa

dimensão elementar de sua experiência possibilita o acontecimento de uma ampliação de sua própria experiência em outros aspectos. O primeiro aspecto é o social: “então, foi despertando esse interesse e aquele convívio social dos amigos, conhecendo pessoas e vivendo como a vida pode nos oferecer, com novos horizontes, ampliando outros lados”. A abertura corporal vai em direção ao aspecto social, a qual se dirige ao aspecto político presente na experiência do sujeito.

destaco o crescimento da pessoa num todo... o respeito com que essas pessoas vão sendo tratadas hoje... deixando de ser segregadas, deixando de estar dentro de suas casas... é lógico que nem todo mundo é dado a esporte...(...) o que destaco hoje é esse crescimento... é esse respeito que as pessoas vão tendo no qual aos poucos, as igrejas, as universidades, as escolas, elas vão dando oportunidades, vão se abrindo, o mundo vai se abrindo para que as pessoas comecem a participar dele de uma forma social, de uma maneira muito mais efetiva, com muito mais qualidade, mostrando que elas tem direito de ser feliz... então, são formas que vão sendo criadas pro ser humano viver, de maneira feliz... não importa aonde esteja...

O corpo enfrenta os limites adversativos, deixa “de estar dentro de suas casas”, é corajoso; “o mundo vai se abrindo (...) de maneira muito mais efetiva” já que o corpo vai se abrindo no mundo, ao mundo. A abertura corporal da prática esportiva possibilita a abertura para os outros âmbitos. As dimensões corporal, social e política, tão presentes no relato do sujeito 3, se mostram intimamente interligadas e possuem um encadeamento que tem como fundamento primeiro a intensidade do elemento corporal. Contudo, é preciso compreender bem que tal primariedade não é da ordem de uma anterioridade cronológica, mas da ordem de uma relevância vivida, isto é, daquilo que determina mais agudamente a qualidade da experiência. O corpo vivido, o “sentindo o corpo”, vivifica a possibilidade de posicionamento e agenciamento político. O desejo de praticar, de nunca interromper a prática, de sentir o corpo, possibilita essa abertura e ampliação dos horizontes de vida.

Perseverança

Há o relato, em todas as entrevistas, de um prazer advindo da prática esportiva, principalmente vinculado à superação de um desafio. Este desafio, limite adversativo, pode gerar o medo, como no caso das duas primeiras entrevistas, mas, após o enfrentamento desse

desafio, há o prazer intensificado, o qual possibilita um “sentido de vida”, conforme expressão utilizada pelo sujeito 3.

Percebe-se uma conexão própria entre esta categoria – perseverança – e a antecedente. A ampliação do encolhido pode ser lida como o processo de superação de um limite imposto, assim como a presença da formação do desejo. O ato de desejar, próprio da dimensão psíquica, implica uma falta e uma tendência a supri-la. Este ato pré-volitivo pode ser reconhecido e, nessa medida, rejeitado ou abraçado pelo sujeito. Se abraçado, passa-se à ação, à realização de algo deliberado em direção ao desejo, tomada de decisão que é própria de nossa dimensão espiritual (Stein, 1999). Mesmo com esse caminho, há a possibilidade da ação não se consumir, de haver uma frustração do desejo, “porque no esporte, tem derrotas” (S4). O fato da ação ter sido infrutífera, não ter obtido sucesso, não são situações que levam à desistência, mas sim há uma nova exigência colocada: prevalece a perseverança.

Mas com as derrotas a gente aprende a superar e ir em frente e saber que a gente é capaz de numa outra competição (...) ser campeões... (...) E por mais que a gente saiba que é difícil, tem derrotas, tem sofrimentos, tem perdas, mas mesmo com perdas, a gente tem que saber que a gente tem que continuar com aquela força, de vontade de lutar, de jogar, de vencer, de quebrar barreiras (S4).

Essa perseverança, essa insistência no desejo na verdade marca a *vontade* como disposição espiritual enfatizada.

Eu aprendi muito no esporte a ser uma pessoa determinada... dentro de um esporte, você tem que ser uma pessoa muito determinada... e se você usar a mesma força que você tem dentro do esporte, a mesma vontade, a mesma ‘garra’, a mesma união, aqui fora, você tem mais chances de alcançar êxito do que você não trazer isso pra si...

Portanto, a força, “garra”, determinação são expressões da vontade que levam o praticante a perseverar, a insistir no desejo, outrora frustrado, da ação.

Há também uma disposição frente ao desafio bastante positiva; o prazer também aparece no relato do sujeito 4 como a experiência de se realizar: “no esporte, ali dentro, era um momento assim que eu me realizava e ficava muito feliz, porque cada dia numa quadra, eu descobria que eu aprendia mais e mais e mais e podia ir além dos meus limites... se ontem foi de uma forma, hoje eu já conseguia me sair melhor em algumas coisas que eu ia aprendendo

de novo”. Realizar-se, portanto, confunde-se com consumir aquela volição cujo objeto determina o apreço por si, objeto esse que parece se caracterizar por ser inacabado.

Imediatez

Partindo do primeiro elemento destacado na primeira categoria, temos o medo frente ao desafio. Do medo à experiência de lançamento, envolvendo o desejo e a vontade, tem-se uma imediatez da ação. Um exemplo é a fala do sujeito 1 sobre a adequação entre a ação e o tempo no *goalball*.

Eu particularmente aprendi que certas coisas não se pode se pensar muito, porque a gente tem um tempo pra fazer aquilo...(…) no *goalball* a gente não pode ficar o tempo que quiser com a bola na mão pra arremessar...(…) isso também ocorre na vida, você tem aquele tempo pra fazer, se você não fizer determinada coisa pode ser que isso venha te prejudicar no futuro.

Do medo à imediatez da ação, no momento exato de realização de um movimento, por exemplo, há uma ampliação de intensidade do vivido. No momento da prática esportiva, para poderem realizar algo, os atletas com deficiência visual saem daquelas dependências de mediação externa, ao menos daquelas dependências que fogem das particularidades do esporte⁵². Há um fenômeno, um lance esportivo e uma resposta para o mesmo cuja ação é independente de qualquer outro que não o próprio atleta. Contudo, se nessas ocasiões o atleta escapa à dependência de um outro, à mediação exterior, o atleta ainda se vê compelido a lidar com lances em que a resposta deve se dar também sem mediação interior, sem cálculo e previsão certa. No esporte, existem recorrentes situações em que a exigência de imediatez emerge unificando a temporalidade própria da expectativa e do retido com o momento presente, sem distinção, sem intervalo, mas numa unidade que justamente a caracteriza. O imediato cola a pretensão junto à ação, pois, quando a ação é solicitada, não necessariamente está em correspondência com aquilo que antes se esperava, com aquilo que antes se pretendia para ela: “a gente não pode ficar o tempo que quiser com a bola na mão” (S1). É quando não há esta correspondência entre o previsto e o realmente solicitado pelo lance que surge a

⁵² É importante observar que um jogo de *goalball* ou futebol de 5, como exemplos, depende da atuação de videntes a fim de se garantir a adequação às regras. Os técnicos também costumam ser videntes, dando orientações que se pautam no recurso àquilo que é visto em jogo. Posto isto, deve-se precisar que, quando a bola está em jogo, a obrigatoriedade do silêncio dá aos atletas toda a independência para agir.

imediatez fundindo pretensão e ação. Quando na realidade espaço-temporal, isto é, no efetivar objetivo do lance, não há plena coincidência entre pretensão (intenção), ação (gesto) e efeito (gol ou defesa, por exemplo), confirmam-se o erro ou também o acerto arbitrário (caso em que a intenção era outra, mas o gesto decorre em sucesso). Ao contrário, quando há plena coincidência entre pretensão, ação e efeito, confirma-se o acerto e a imediatez corresponde à efetividade operativa. Na experiência acertada de imediatez, os atletas vivem a experiência de efetividade, vivem a capacidade do corpo no mundo, ganham confiança, abrem-se novos horizontes para eles, com novas trilhas para a mobilidade corporal exercer confiantemente seus gestos. Essa é a experiência que favorece a superação do medo ou da prudência excessiva marcada pelo cálculo e mediações externas e internas.

Na experiência do sujeito 1 no *goalball*, percebemos que na imediatez ocorre algo que se pode chamar de *preenchimento afetivo responsivo*. Na medida em que a circunstância afeta o sujeito, ele responde; a mesma coisa que o afeta, o leva a responder imediatamente, isto é, nada se coloca à consciência do atleta entre o afeto e a resposta, a não ser, naturalmente, os próprios afeto e resposta. Assim, ser preenchido pelo afeto leva ao preenchimento da resposta ativa, caracterizando um duplo preenchimento imediato: silêncio, o som da bola batendo no chão, o tilintar do guizo se intensificando, o salto junto à bola, defesa. O sujeito está aberto a circunstâncias múltiplas, possibilidades diversas no mundo e no esporte. Como na imediatez, ou na simples abertura à imediatez, o sujeito vive no propósito do esporte, no propósito de agir solicitado pelo esporte no agora, ele responde à circunstância que o afeta imediatamente; viver a circunstância possibilita ao sujeito viver no propósito, no aqui e agora. Nesse ponto, responder ao afeto e viver no propósito revela um aspecto egóico da experiência, podendo ser destacada a presença de atos espirituais. O destaque aqui é que o propósito se coloca como atenção ao que afeta, como um querer que deve se submeter à maneira como a circunstância se dá, circunscrevendo a difícil descrição daquilo que parece nem ser de ordem passiva e nem de ordem ativa. Aqui também há uma abertura específica: o corpo, que responde sem dúvidas, que é regularmente enclausurado em relação ao mundo compartilhado, se abre confiante para a ampliação da vivência na imediatez, potencializando-se de efetividade em efetividade confirmada.

Protelação

De maneira mais ampla, a protelação da experiência está vinculada com a calma e a tranqüilidade em situações esportivas específicas, como, segundo o relato dos sujeitos, na espera antes e durante uma partida. O relato do sujeito 1 citado na categoria anterior, sobre o tempo no *goalball*, também implica um ajuste entre a ação e os “tempos” esportivos, possibilitando um desdobramento em uma habilidade de se programar e, como consequência para a sua vida, ser mais responsável. Esse desdobramento na habilidade de se programar também se destaca na fala do sujeito 2, ao dizer que, a partir do convívio com os colegas, aprendeu a ter mais calma e menos afobação durante uma partida, caso falhasse em alguma ação.

Dentro de quadra passaram pra mim ter mais calma, que antigamente eu era muito afobado... se eu errasse um lance eu ficava muito bravo, mas aprendi a ter mais calma, espírito esportivo, porque ninguém nunca quer perder, mas a gente teve que aprender a ganhar e também a perder.

Tal desdobramento para esse sujeito também contém o desenvolvimento de uma disciplina, ao buscar sempre melhorar na prática esportiva. Saber esperar sua vez, saber que cada um tem sua vez, cada um tem seu momento, sua chance, são momentos de espera pela ocasião certa de poder participar e desempenhar a ação esportiva, de acordo com o sujeito 3.

Quando o treinador me coloca dois minutos antes de terminar o jogo, esteja ganhando ou perdendo, eu vou entrar, porque é a minha vez... aquele minuto me soma... por mais que eu faça uma defesa ou não faça nenhuma, ou não faça nenhum gol, você entrou, você está colaborando.

A experiência protelada se configura na impossibilidade de viver a imediatez do propósito a todo o momento. A imediatez depende da resposta ao afeto, da circunstância, tomando a circunstância como elemento espaço-temporal (a bola vindo em sua direção, por exemplo). Se há o desejo sem a circunstância, quer-se responder a algo que não há ainda, que vai além das possibilidades espaço-temporais. “[No *goalball*] não importa onde a bola fosse, eu queria estar lá também... (...) o gol tem nove metros e eu achava que eu tinha que cobrir os nove metros, onde a bola fosse eu teria que ir também... de tanto que eu gostava” (S1). Esse é um exemplo de como o excesso do desejo pelo movimento, o qual satisfazia o sujeito, ultrapassa a exigência do propósito no aqui e agora. Dessa forma, a experiência protelada se dá em “aprender” a esperar, um aprendizado afetivo de acordo com as situações específicas da

modalidade, mas que pode ser transposto enquanto atitude para outros setores da vida dos atletas, já que a clareza evidente da vivência torna-se significativa e instrutiva em outras circunstâncias.

As duas primeiras categorias apresentam uma dinâmica temporal de continuidade que limita sua compreensão caso se as trate de maneira esquemática e em separado. A ação esportiva implica o desafio, o limite; nesse momento, frente à situação que obstaculiza o desenrolar desimpedido da ação, – a qual, eventualmente, por sua novidade ou por ser uma experiência semelhante de insucesso – pode-se gerar o medo. Antes do medo, deve haver a proposta; aqui, o medo surge a partir de uma proposta objetiva, surge numa proposta de operatividade corporal, compartilhada intersubjetivamente. Essa proposta é objeto reduzido, é elemento constituinte da dimensão existencial dos atletas. No entanto, parte-se dessa dimensão para chegar aos elementos essenciais, ou melhor, *indivduar* esses elementos da experiência, como princípio da redução fenomenológica; após a redução, é preciso voltar à dimensão existencial, ao mundo da vida para se como se dão as vivências e como se configuram como significativas e transformadoras, a ponto de extravasarem em outros setores da vida desses atletas.

Contudo, retornando à dinâmica, após o medo, há o momento de enfrentamento que é imposto pela própria situação esportiva; o desafio implica seu enfrentamento ou a desistência. No primeiro caso, como é o que ocorre na experiência dos praticantes entrevistados, há um momento de prazer, de realização após superar a situação desafiadora. O ir e vir entre o momento de encolhimento até sua ampliação carregada de prazer pode ser a dinâmica experiencial que leva o praticante de esporte a se manter na prática e o esporte tornar-se gradualmente significativo em sua vida.

Essa ampliação do encolhido se dá por conta da característica da condição deles. O esporte é fator modificador dessa condição; no esporte, há a efetividade dessa experiência sobretudo corporal. Essa efetividade está de acordo com uma proposta intersubjetiva, compartilhada; o propósito no esporte os insere no mundo comum, no mundo compartilhado, de fazer *com os outros*. Como já dito, essa experiência corporal, no propósito, com os outros, possibilita a ampliação a partir da efetividade, do senso de capacidade própria e comum, isto é, da capacidade da pessoa e da pessoa em comunidade, da possibilidade de realização do desejo, este se tornando vontade frente às barreiras impostas regularmente durante a prática esportiva.

Foi possível perceber também que algumas experiências vividas no esporte são transpostas para a vida cotidiana dos sujeitos. Além do próprio movimento existencial que ocorre na vida desses sujeitos, principalmente o movimento de ampliação da condição de encolhimento, houve situações/experiências específicas que foram tomadas na vida cotidiana. Destacamos também que essas experiências vividas não foram situações extraordinárias ocorridas em determinados contextos específicos e que nunca se repetiram; pelo contrário, são experiências comuns durante a prática; são situações aparentemente simples e que podem aparecer no momento em que se começa a praticar dentro dos limites e regras permitidos do esporte. A regularidade, a constância, a repetição dessas experiências típicas são como hábitos que são recordados para outros setores da vida. No entanto, não são como quaisquer hábitos; a regularidade dessas experiências é marcada – ou foi marcada, em alguma situação do horizonte esportivo dos atletas – por algum momento transformador, desafiador, e tal marca pode continuamente latejar durante a prática. Ser mais responsável, agir no momento, ter o tempo adequado para tomar decisões, são ações que sintetizam aquilo que é significativo e que foi trazido do esporte.

A experiência esportiva possui um substrato hilético (material, corporal) que é altamente significativo quando se desce analiticamente junto a seus sedimentos mais profundos. Primeiramente, o corpo não é considerado somente como coisa física, mas como corpo próprio vivente. Como implicação,

As sensações localizadas não são propriedades do corpo próprio *enquanto* coisa física, por outro lado são propriedades da coisa-corpo próprio, e isto enquanto propriedades do tipo-efeito. Elas entram em jogo *quando* o corpo é tocado, pressionado, picado, etc., e entram em jogo *lá onde* ele está e *no momento onde* está; em certas circunstâncias, duram muito tempo após o contato (Husserl, 2004, pp. 208-209, tradução própria).

Dessa forma, o aspecto hilético da experiência é determinante da atitude esportiva, constituindo o desejo, o querer e movendo de modo elementar a vontade; além disso, o aspecto hilético pode se sedimentar e se disponibilizar para outras aberturas no mundo, como chamamos aqui de fenômeno enquanto recordado. “*O conjunto da consciência de um homem está de certa forma ligado a seu corpo pelo seu substrato hilético, mas na verdade as próprias vivências intencionais não estão mais diretamente e para dizer propriamente localizadas, não formam mais uma camada ao mesmo corpo*” (Husserl, 2004, p. 217, tradução própria).

Portanto, a experiência sensível localizada e originária pode bem se “degradar” em atitudes (intenções) passíveis de transposição para outros contextos totalmente independentes das circunstâncias afetivas dadas até então, mas, mesmo que independentes, guardando uma essência comum enquanto experiência típica (enfrentamento do desafio, protelação, etc.). É o que ocorreu em alguns momentos específicos na vida dos atletas.

O caminho analítico percorrido seguido sob a proposta da fenomenologia clássica como método possui dois passos principais: a redução eidética – identificação e início da compreensão dos elementos essenciais da vivência – e a redução transcendental – compreensão do modo de se manifestar a vivência no fluxo de consciência do sujeito. Portanto, a característica principal do método é a análise rigorosa partindo das experiências, deixando de lado as interpretações e teorias prévias sobre o objeto de investigação. A rigorosidade em se concentrar em um caminho analítico está justamente na apropriação de conceitos fundamentais, na continuidade do caminho, o qual é um processo de percorrer círculos concêntricos do mais amplo ao mais específico, na transição da atitude pessoal à atitude fenomenológica, retornando à primeira. Enfim, o método assumido não pode ser reduzido à mera aplicação de conceitos, o que pode acontecer em trabalhos relacionados na literatura. Nesse sentido, há dificuldade de se encontrar trabalhos que seguem a proposta da redução fenomenológica. As investigações se comprometem a se desprender dos métodos das ciências naturais. Este é, ao nosso ver, um grande movimento em direção a uma abertura epistemológica, no intuito da construção de um conhecimento partindo de fenômenos vividos. No entanto, mesmo as pesquisas não partindo das teorias já concebidas das ciências naturais, as mesmas muitas vezes se reduzem a uma posição relativista, isto é, ao saírem da orientação natural, partem para a dimensão pessoal, nela ficando e afirmando a singularidade como principal resultado encontrado. Especificamente sobre essa relação singularidade e essencialidade, características da orientação pessoal e fenomenológica, respectivamente, Husserl (2001b) explicita o que está implicado nisso:

As naturezas subjetivas e relativas diferem umas das outras, mas no entendimento mútuo e na experiência da comunidade o núcleo do que é comum os atravessa e se desprende ou pode se desprender da multiplicidade total de diferenças subjetivas, núcleo através do qual precisamente nós fazemos a experiência de um mundo para todos, enquanto é este mesmo mundo que “aparece” a uns de tal forma e a outros de tal outra maneira (p. 123, tradução própria).

Entendemos que os resultados de algumas investigações podem ser obtidos a partir do método fenomenológico-existencial, mas acreditamos que muitas vezes os trabalhos se limitam a esses achados pelas dificuldades analíticas próprias de se assumir este propósito, de se aprofundar e elucidar a essência do fenômeno, dificuldades estas também encontradas aqui. Antes de mencionar a diáspora que se seguiu ao programa husserliano de reunir uma comunidade de pesquisadores em torno a um projeto fenomenológico científico, projeto que se tensiona para evitar determinismos e historicismos, Angela Ales Bello lembra que “as potencialidades da fenomenologia são verdadeiramente múltiplas, mas se mostra também a dificuldade de colhê-la e de acolhê-la” (2004, p. 239). Portanto, embora nos proponhamos este desafio de inspiração husserliana, as próprias dificuldades aqui enfrentadas parecem dar sentido e validade a outras proposições do movimento fenomenológico, proposições não tão radicais quanto aquela sustentada por Edmund Husserl.

Efetivando a proposta deste momento da discussão, retomamos e trazemos os autores da literatura que se aproximam das idéias discutidas e dos resultados apresentados.

Em relação à restrição à aplicação de conceitos, destacamos a importância elementar desse processo, como auxílio para a apropriação dos fundamentos do método. Alguns exemplos são os trabalhos de Surdi e Kunz (2009) e Kunz (2000), os quais se debruçam sobre a perspectiva fenomenológica buscando fundamentação para os aspectos fenomenológicos do esporte. Porém, a mera aplicação não condiz com os princípios do método; mesmo sendo conceitos próprios da fenomenologia, corre-se o risco de partir dos próprios conceitos dessa ciência e usá-los para interpretar as experiências. Os conceitos nos servem para a abertura fenomenológica necessária para se chegar à experiência e conhecer os próprios fundamentos da fenomenologia. No momento da análise, o que interessa é a própria experiência manifesta – neste caso, a experiência trazida pela narrativa no momento da entrevista. Um exemplo de qualidade na literatura científica internacional é o trabalho de Fahlberg, Fahlberg e Gates (1992). Os autores discutem com bastante crítica e refinamento conceitos de origem na perspectiva fenomenológica, mas se restringem à aplicação dos mesmos. Na perspectiva fenomenológica-existencial, como exemplo de aplicação conceitual mais específica, Frascarelli (2010) debate as experiências relatadas por uma atleta de alto nível com conceitos próprios da psicologia do esporte, fazendo uma crítica à área. Como já declarado, vemos a importância da aplicação dos conceitos como meio de estudo e apropriação da orientação seguida. Além do

risco de se ficar somente na aplicação, o que já deixa de cumprir o princípio fenomenológico de *voltar às coisas mesmas*, pode-se falhar na tarefa de individualizar e compreender os elementos fundamentais da experiência, culminando na interpretação e, no limite, na explicação. Tal fato já descaracteriza a orientação a partir dos princípios da fenomenologia clássica.

Destacamos também o trabalho de Porto (2005), o qual possui atrativo de ser um dos primeiros e poucos da década a se debruçar na experiência de pessoas com deficiência visual. Vale retomar, nesse sentido, os trabalhos de Masini (1992, 1993, 1994), os quais também buscam uma nova visão envolvendo as pessoas com deficiência, tendo como orientação teórica a obra merleau-pontyana. Os trabalhos de Masini estão entre os pioneiros a efetivar uma inversão do olhar, contando com a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, e construindo uma compreensão da prática educativa que leva em consideração aspectos essenciais, como aqueles relacionados ao corpo próprio de pessoas com deficiência visual. Portanto, os trabalhos dessas autoras também estão de acordo com a nova perspectiva ao definir objetos e método(s) de pesquisa, buscando, sobretudo, sair da atitude natural e ir para a orientação pessoal. Toombs (1995), nessa linha, realiza uma precisa descrição de sua experiência pessoal na condição de deficiente, destacando as alterações espaço-temporais de sua experiência corporal, partindo das análises de Merleau-Ponty e, sobretudo, como sua proposta e justificativa, que a noção de *corpo vivido* é fundamental para a compreensão das pessoas com deficiência, incluindo suas alterações na percepção do corpo e do mundo. Já Stelter (2000) não se propõe a fazer uma análise da experiência, mas sim discutir os caminhos e procedimentos da entrevista em direção à atitude pessoal, indo de encontro com a proposta de procedimento e, conseqüentemente, do método como um todo por nós desenvolvida.

A maioria dos trabalhos que se aproximam da nossa proposta possuem implicações do tipo axiológica, isto é, do sentido dos valores reconhecidos como adequados a partir da implementação da pesquisa. Vale destacar a importância dessa característica nessas pesquisas, assim como aqui, pois esse é um elemento que contribui para que haja um retorno do mundo intelectual da ciência para a vida cotidiana. Em alguns deles, a implicação axiológica fica mais evidente. Overboe (1999) aponta para a importância da afirmação da experiência vivida das pessoas com deficiência; essa afirmação pode se desdobrar e se relacionar numa atitude ética da redução fenomenológica, de partir do próprio fenômeno, da experiência vivida relatada. Edwards (1998), a partir da aplicação de conceitos, como um dos critérios de comparação aqui, também argumenta sobre a importância de se tomar o corpo como (do) sujeito, e não

como objeto, sob a perspectiva cartesiana. Segundo Hochstetler (2003), o praticante, no esporte, tem a oportunidade de experimentar uma ampla variedade de valores. No entanto, é importante que o mesmo reflita sobre sua prática, ou melhor, sobre o processo, permitindo a ele ter conhecimento do que se vive nesse horizonte esportivo. Dessa maneira, a partir do que o autor apresenta, destacamos a importância dos valores tomados no esporte. Assim como Overboe (1999), Hochstetler (2003) também enfatiza o papel da narrativa, o que nos leva a depreender que a partir de um direcionamento voltado à experiência, há uma nova orientação de valores, como uma experiência axiológica.

Sigmund Loland é um autor contemporâneo que tem se debruçado em diversas publicações sobre as implicações fenomenológicas da experiência esportiva. Ele também sai da atitude natural em direção ao sentido da experiência sem se propor a uma análise e com certa aplicação conceitual, o que, neste caso, não ofusca o destaque feito por ele dessas implicações fenomenológicas⁵³. Em Loland (2006a), busca-se abrir para a experiência de atividade física de maneira integrada e em Loland (2006b), busca-se abrir para a experiência de dor no esporte, sempre, nos dois momentos, comparando e integrando perspectivas teóricas. Em um texto anterior (1992), ele procura apresentar e criticar duas perspectivas para se analisar uma situação esportiva particular. Uma das perspectivas, a holística, contém como premissa filosófica a fenomenologia, momento do trabalho em que ele descreve, como os outros, os fundamentos desta ciência e suas correlações com o corpo em movimento esportivo.

Outros trabalhos seguiram sob alguma orientação fenomenológica, buscando fazer uma análise de experiências típicas. Hockey e Collinson (2007) fazem uma contribuição em direção à relevância de se investigar o “corpo esportivo”, dentro do contexto da sociologia do esporte e seguindo uma perspectiva fenomenológica. Os autores destacam a importância de se voltar, no momento das análises, para os aspectos tipicamente corporais, como os sentidos, descrevendo como cada um deles é ativado e possui uma atividade própria durante a prática esportiva.

Winance (2006) chega a um resultado – além de outros – bem aproximado ao nosso, resguardando as diferenças entre os caminhos seguidos. A autora parte do método etnográfico, da perspectiva merleau-pontyana e faz uma enumeração descritiva de pessoas com deficiência em processo de reabilitação. Uma das categorias identificadas por ela é a “retração” do corpo e

⁵³ Tal destaque ocorre também em Kerry e Armour (2000) e em Brown e Payne (2009), em artigos com objetivo de ampla revisão da literatura científica.

do mundo; o conceito é de origem biomédica, mas que, segundo ela e sua discussão com Merleau-Ponty, se aplica ao movimento vivido por pessoas que adquiriam a condição de deficiência. Segundo a enumeração feita, o corpo e o mundo se retraem, o que vai de encontro com a noção de encolhimento utilizada por nós. Fica evidente a marcação dos elementos negativos dessa retração, o que pode caracterizar a resposta emocional das pessoas frente à nova condição limitante. A autora também destaca um movimento que vai da retração à expansão, sendo este último elemento favorecido por uma atividade de reabilitação bem orientada aos aspectos vividos pela pessoa.

Em síntese, a literatura científica revisada e discutida possui como característica principal a natureza interdisciplinar; tal fato pode estar relacionado à necessidade do objeto de estudo e ao crescimento de pesquisas que se propõem, no mínimo, a serem holísticas. Nessa linha, a maioria dos estudos enuncia um movimento grande em relação à perspectiva teórica utilizada: saída da orientação natural e foco na orientação pessoal. Só por esse fato podemos observar o aumento da utilização da fenomenologia, principalmente a merleau-pontyana e focada na corporeidade e na percepção, como meio de investigação. Também vimos que a maioria dos estudos possui um elemento axiológico muito forte, destacando os valores importantes ao ter como foco pessoas com deficiência. Contudo, os estudos não se focam na análise fenomenológica (redução eidética), como princípio da fenomenologia clássica. Nesse sentido também surge a dificuldade de se discutir e comparar resultados das análises *per se*, sem envolver interpretações teóricas. Acreditamos que nossa investigação contenha também um elemento axiológico, além de realizar um movimento que vai além da atitude pessoal, em direção à fenomenológica, e depois retornando à pessoal. Porém, os valores em destaque e fundamentais são frutos da própria narrativa dos sujeitos, da experiência deles, destacando a autenticidade dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de experiências significativas no esporte para estes atletas com deficiência visual possibilitou o acesso a conteúdos próprios da dimensão existencial desses sujeitos, no sentido de destacar, inicialmente, elementos de ordem e orientação pessoal e subjetiva. Tal identificação, desde os recortes e direcionamentos no momento da entrevistas e

através das sínteses de categorias, possibilita o aprofundamento das análises após o *cruzamento intencional* dessas vivências, no caminho da dimensão ou orientação fenomenológica, objetivo próprio da redução e da descrição de como se dão estas experiências na consciência do esportista, neste caso tendo como fonte as narrativas de atletas com deficiência visual. Além disso, com a localização dos fenômenos enquanto recordados, já é possível destacar as possibilidades dessas *transposições* como experiências modelares na vida desses sujeitos.

No caminho analítico realizado, da dimensão existencial (resumos de cada entrevista) em direção à dimensão fenomenológica (cruzamento intencional), há a presença indicativa de uma dinâmica experiencial própria do esporte, além de outros aspectos vivenciais: a relação ação-limite e o prazer advindo da realização esportiva, alçando-se à forma do desejo corporal que se infiltra na persistência atlética. Essa relação envolve um momento de “encolhimento”, um limite próprio e proposto pelo esporte. Tais considerações, reduzidas em seu caráter compreensivo, podem indicar elementos essenciais próprios da prática esportiva, mas encontradas aqui no relato de atletas com deficiência visual.

Vimos e chegamos aos elementos essenciais da experiência desses atletas e vimos como eles se articulam na dimensão existencial deles, principalmente por serem experiências significativas. Partimos do mundo da vida desses sujeitos, reduzindo-o a seus elementos universais, retornando ao mundo da vida para perceber o modo típico como essas vivências se articulam e se enraízam em suas vidas. Percebemos também uma ampliação de compreensão desses processos no esporte para essas pessoas e como este âmbito altera o modo de estar no mundo deles. A operatividade do corpo é compartilhada socialmente pela ineficiência, pela prudência, pela dependência; há sempre, para as pessoas com deficiência vivendo no horizonte encolhido, a mediação do outro, por mais que eles realizem ações regularmente. Dessa forma, a “aura” da dependência permanece. A prática esportiva, como vimos aqui, dá a oportunidade de efetividade corporal, de maneira intensa, realizadora e, sobretudo, compartilhada socialmente. De que modo as facetas essenciais identificadas aqui, as quais podem ser características do fenômeno esportivo de maneira geral, configuram a dimensão existencial desses atletas? O que é diferente para eles a ponto de tais experiências se tornarem significativas e até transformadoras? Os atletas com deficiência visual, no esporte, experimentam uma situação de efetividade corporal e de ampliação, uma ampliação da

condição existencial deles, da condição do corpo no mundo e, assim, pela modificação do encolhimento dessa esfera, experimentam a potencialização de seu ser no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, A. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud e M. Massimi, Orgs. e Trads.). São Paulo (Bauru): Edusc.

_____. (1998). *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. São Paulo (Bauru): Edusc.

_____. (2000). *Fenomenologia do ser humano – traços de uma filosofia do feminino*. Bauru: Edusc.

_____. (2003). *Edith Stein: la passione per la verità*. Pádova: Messaggero Padova.

_____. (2005a). *Pensare Dio – Credere in Dio*. Pádova (Itália): Messaggero Padova.

_____. (2005b). Phenomenological hyletics and the lifeworld. *Analecta Husserliana*, LXXXIV, pp. 293-301.

_____. (2006a). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo (Bauru): Edusc.

_____. (2006b). The Language of our living body. *Analecta Husserliana*, LXXXIX, pp. 3-14.

_____. (2007). *L'universo nella coscienza: Introduzione alla fenomenología di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizioni ETS, 2007.

ALMEIDA, J. J. G. et al. (2010). Educação física e esportes adaptados às pessoas com deficiência visual. In: SAMPAIO, M. W. et al. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a*

reabilitação, a educação e a inclusão. (pp. 497-506). Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan.

AMATUZZI, M. M. (1992). O silêncio e a palavra. *Estudos de Psicologia*, v. 9, nº 3, pp. 77-96.

_____. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, v. 13, nº 1, pp. 5-10.

_____. (2001a). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In BRUNS, M. A. T., HOLANDA, A. F. (orgs.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas* (pp. 15-22). São Paulo: Omega Editora.

_____. (2001b). *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Alínea.

_____. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, pp. 93-97. Retirado em: 17/07/2006, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf> .

AMIRALIAN, M. L. T. M. (org.) *Deficiência Visual: perspectivas na contemporaneidade*. São Paulo: Vetor, 2009.

ANCET, P. (2008). Le corps vécu et l'expérience du handicap. *ALTER, European Journal of Disability*, 2, pp. 95-108.

ANDERSON, J. (2003). 'Turned into Taxpayers': Paraplegia, rehabilitation and sport at Stoke Mandeville, 1944-56. *Journal of Contemporary History*, v. 38, nº 3, pp. 461-475. Retirado em 16/06/2009, do World Wide Web: <http://www.jstor.org/stable/3180647>.

BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I. (orgs.) (2000). *A educação de um selvagem: As experiências pedagógicas de Jean Itard*. São Paulo: Cortez.

BARBANTI, V. J. (2003). *Dicionário de Educação Física e Esporte*. Barueri, SP: Manole.

BARREIRA, C. R. A. (2007). A fenomenologia como ciência das dimensões existenciais da atividade física: uma abordagem em psicologia do esporte. *Anais de resumos e de trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO*. Retirado em 10/11/2007, do World Wide Web

http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_299.pdf.

_____. (2009, junho). *Fenomenologia: corporeidade, intencionalidade, sentido*. Conferência proferida ao Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P.; CARBINATTO, M. V. (2009). O mundo circundante na atividade física: uma investigação fenomenológica. In *Anais do IV Congresso Internacional de Psicologia e X Semana de Psicologia da UEM*, Maringá – PR.

BARRETO, A. V. B. (2007). *A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich*. 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BARTON, C. A. (1993). *The sorrows of the ancient romans: The gladiator and the monster*. New Jersey: Princeton University Press.

BENTO, J. O. (2002). Da saúde, do desporto, do corpo e da vida. In BARBANTI, V. J. et al. *Esporte e Atividade Física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 1-10). São Paulo: Manole.

_____. (2003). Do sentido cultural do desporto. In PRISTA, A. et al. *Actividade Física e Desporto: Fundamentos e contextos* (pp. 13-22). Lisboa: FCDEUP.

BOUET, M. (1968). *Signification Du Sport*. Paris: Éditions Universitaires.

BRANDÃO, J. S. (1987). *Mitologia Grega*. 3. vol. Petrópolis, RJ: Vozes.

BREDAHL, A. M. (2007). Participation of People With Disabilities in Adapted Physical Activity Research. *Sobama Journal*, v.12, nº 1, supplement, dez. 2007, pp. 74-79. Retirado em: 19/06/2007, do World Wide Web: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/isapa/vol12no12007suplemento.pdf>.

BROWN, T. D.; PAYNE, P. G. (2009). Conceptualizing the phenomenology of movement in physical education: Implications for pedagogical inquiry and development. *Quest*, v. 61, n. 4, pp. 416-441. Retirado em 09/11/2009, do World Wide Web: <http://hk.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/17592.pdf>.

BUCHALLA, C. M. (2010). Organização mundial da saúde e família de classificações internacionais. In SAMPAIO, M. W.; HADDAD, M. A. O.; COSTA FILHO, H. A.; SIAULYS, M. O. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão* (pp. 17-28). Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan.

CABRAL, M. S. A. (2005). Por um conceito de Minoria. In PAIVA, R.; BARBALHO, A. (Org.). *Comunicação e Cultura das Minorias* (pp. 11-14). São Paulo: Paulus.

CANGUILHEM, G. (1982). *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. (Original publicado em 1966).

_____. (2005). *Escritos sobre a Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CARVALHO, K. M. (2010). A prática de atividades físicas por deficientes visuais. *Revista da Associação Paulista de Medicina*, n. 615, p. 44.

CHOU, H. Y. M. (2010). Avaliação funcional da visão do escolar com baixa visão. In SAMPAIO, M. W.; HADDAD, M. A. O.; COSTA FILHO, H. A.; SIAULYS, M. O. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão* (pp. 327-345). Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan.

COELHO JÚNIOR, A.G.; MAHFOUD, M. (2006). A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. *Memorandum*, 11, pp. 08-27. Retirado em 26/02/2007, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.pdf>.

CONCEIÇÃO, V. J. S.; KRUG, H. N. (2009). Formação inicial de professores de educação física à uma realidade de inclusão escolar. *Revista "Educação Especial"*, v. 22, n. 34, mai./ago. 2009, pp. 237-250. Retirado em 07/07/2010, do World Wide Web: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2/index.php/educacaoespecial/article/viewFile/276/135>.

CONNOLLY, M. (1995). Phenomenology, Physical Education and Special Populations. *Human Studies*, v. 18, n. 1, pp. 25-40. Retirado em 16/06/2009, do World Wide Web: <http://www.jstor.org/stable/20011070>.

COURTINE, J. J. (2008). O corpo inumano. In CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: Da Renascença às Luzes* (v. 1). pp. 487-502. Petrópolis, RJ.

CRÓS, C. X. et al. (2006). Classificações da deficiência visual: entendendo conceitos esportivos, educacionais, médicos e legais. *EF y Deportes revista digital*. Buenos Aires, nº 93, ano 10, fevereiro. Disponível no World Wide Web: <http://www.efdeportes.com/efd93/defic.htm>.

DALE, G. A. (1996). Existencial Phenomenology: Emphasizing the Experience of the Athlete in Sport Psychology Research. *The Sport Psychologist*, 10, pp. 307-321. Retirado em: 23/06/2008, do World Wide Web <http://www.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/10696.pdf>.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (2005). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. California, USA: Sage Publications.

DEPRAZ, N. (2007). *Compreender Husserl*. Petrópolis, RJ: Vozes.

DINIZ, D. (2007). *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense.

EDWARDS, S. D. (1998). The body as object *versus* the body as subject: The case of disability. *Medicine, Health Care and Philosophy*, 1, pp. 47-56.

FAHLBERG, L. L.; FAHLBERG, L. A.; GATES, W. K. (1992). Exercise and Existence: exercise behavior from an existential-phenomenological perspective. *The Sport Psychologist*, 6, 172-191.

FLICK, U. (2004). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman Companhia.

FRANCO, J. R., DIAS, T. R. S. (2005). A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. *Revista Benjamin Constant*, 30, abr. 2005, pp. 3-9. Retirado em 23/09/2009, do World Wide Web: http://200.156.28.7/Nucleus/media/commom/Nossos_Meios_RBC_RevAbr2005_Artigo%201.doc.

FRASCARELI, L. (2010). Os “problemas psicológicos” do atleta: um olhar fenomenológico para a experiência esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(4), 115-129.

GAIO, R. (2006). *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí, SP: Editora Fontoura.

GAYA, A. (2006). Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. *Revista Bras. De Ed. Física e Esporte*. v. 20, suplemento nº5, set.

GAYA, A. (2007). O Desporto como questão científica – dialética e transdisciplinaridade. In BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M (coord.). *Em defesa do desporto: Mutações e valores em conflito* (pp. 203-229). Coimbra: Edições Almedina.

GARCIA, R. P. (2002). Contributo para uma compreensão do desporto: uma perspectiva cultural. In BARBANTI, V. J. et al. *Esporte e Atividade Física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 321-27). São Paulo: Manole.

GHIGI, N. (2003). A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, pp. 48-60. Retirado em: 03/05/2006, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/artigo04.pdf>.

GIORGI, A. (2008). Concerning a Serious Misunderstanding of the Essence of the Phenomenological Method in Psychology. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 39, nº1, pp. 33-58. Retirado em: 11/08/2008, do World Wide Web <http://docserver.ingentaconnect.com/deliver/connect/brill/00472662/v39n1/s2.pdf>.

GOFFMAN, E. (1980). *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1963).

GUEST, G., BUNCE, A., JOHNSON, L. (2006). How Many Interviews Are Enough?: An Experiment with Data Saturation and Variability. *Field Methods*. v. 18, nº 1, fev. 2006, pp. 59-82. Retirado em: 24/04/2007, do World Wide Web <http://fm.sagepub.com/cgi/content/abstract/18/1/59>.

HESSE, H. (1974). *Hermann Lauscher* (Eloísa Breda Ferreira trad.). São Paulo: Brasiliense. (Original em alemão publicado em 1948).

HOCHSTETLER, D. R. (2003). Process and sport experience. *Quest*, v. 55, nº 3, p. 231-243. Retirado em 13/12/2008, do World Wide Web: <http://hk.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/2139.pdf>

HOCKEY, J.; COLLINSON, J. A. (2007). Grasping the Phenomenology of Sporting Bodies. *International Review for the Sociology of Sport*, 42(2), pp.115-131. Retirado em: 15/02/2008, do World Wide Web: <http://irs.sagepub.com/cgi/content/abstract/42/2/115>.

HOUAISS, A. (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

HUSSERL, E. (1994). *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa: Imprensa Oficial-Casa da Moeda. (Original alemão publicado em 1969).

_____. (2001a) *Meditações Cartesianas – Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Madras.

_____. (2001b). *Psychologie Phénoménologique (1925-1928)* (P. Cabestian, N. Depraz e A. Mazzú trad.). Paris: VRIN. (Original em alemão publicado em 1968).

_____. (2001c). *Sur l'intersubjectivité I*. Paris: PUF. (Original em alemão publicado em 1973).

_____. (2001d). *Sur l'intersubjectivité II*. Paris: PUF. (Original em alemão publicado em 1973).

_____. (2004). *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Livre second. Recherches phénoménologiques pour la constitution. Paris, PUF. (Original em alemão publicado em 1952).

_____. (2006). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. São Paulo: Idéias & Letras.

IBSA – International Blind Sports Association. (s.d.). *Clasificación Médica da IBSA*. Acessado em: 18/03/07, no World Wide Web: <http://www.ibsa.es/docinteres/HTM/ClasificacionMedica.htm>.

KERRY, D. S.; ARMOUR; K. M. (2000). Sport sciences and the promise of the phenomenology: philosophy, method and insight. *Quest*, 52, pp. 1-17. Retirado em: 13/06/2006, do World Wide Web <http://www.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/4468.pdf>.

KIDDER, L. H. (1987). Questionários e entrevistas. In _____. *Métodos de pesquisa nas relações sociais* (pp.15-48). São Paulo: EPU.

KUNZ, E. (2000). Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 6, n° 12. Retirado em 05/08/2009, do World Wide Web: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2503/1147>

LOLAND, S. (1992). The Mechanics and Meaning of Alpine Skiing: Methodological and Epistemological Notes on the Study of Sport Technique. *Journal of the Philosophy of Sport*, 19, pp. 55-77. Retirado em: 18/04/2008, do World Wide Web <http://www.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/6507.pdf>.

_____. (2006a). Morality, Medicine and Meaning: Toward and Integrated Justification of Physical Education. *Quest*, v. 58, n° 1, pp. 60-70. Retirado em: 13/02/2008, do World Wide Web: <http://www.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/5413.pdf>.

_____. (2006b). Three approaches to the study of pain in sport. In LOLAND, S.; SKIRSTAD, B.; WADDINGTON, I. *Pain and injury in sport – social and ethical analysis*. New York (USA): Routledge.

MAFFESOLI, M. (1998). *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes.

MANGANARO, P. (2002). *Verso l'altro – l'esperienza mistica tra interiorità e trascendenza*. Roma: Città Nuova.

MARINHO, T. (2007). Em defesa do Desporto de Alto Rendimento – o Mito de Sísifo e Eu. In BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M (coord.). *Em defesa do desporto: Mutações e valores em conflito* (pp. 231-244). Coimbra: Edições Almedina.

MASINI, E. F. S. (1992). O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.1, n. 1, pp. 29-39.

_____. (1993). Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em educação. *Rev. Fac. de Educ.*, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./jun. 1993, pp. 71-78.

_____. (1994). *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual – orientando professores especializados*. Brasília: CORDE.

MINAYO, M. C. S. (2006). *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

MORSE, J. M. (2000). Determining Sample Size. *Qual. Health Res.* v. 10, nº 1, jan. 2000, pp. 3-5. Retirado em: 24/05/2007, do World Wide Web <http://qhr.sagepub.com>.

MOYSE, D. (2010). *Handicap: pour une révolution du regard. Une phénoménologie du regard porté sur les corps hors normes*. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble.

_____. (2003). A Review Committee's Guide for Evaluating Qualitative Proposals. *Qual. Health Res.* v. 13, nº 6, jul. 2003, pp. 833-851. Retirado em: 24/05/2007, do World Wide Web <http://qhr.sagepub.com/cgi/content/abstract/13/6/833>.

MOSQUERA, C. (2000). *Educação física para deficientes visuais*. São Paulo: Sprint.

MOURA E CASTRO, J. A. (2002). Desporto para Deficientes – problemas contemporâneos. In BARBANTI, V. J. et al. *Esporte e Atividade Física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 197-214). São Paulo: Manole.

MUNSTER, M. A.; ALMEIDA, J. J. G. (2005). Atividade Física e deficiência visual. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. *Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais* (p. 29-76). Barueri, SP: Manole.

NASCIMENTO, D. F.; MORATO, M. P. (2006). *Goalball: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro.

OLIVEIRA FILHO, C. W. (2003). Atividade físico-esportiva para pessoas cegas e com baixa visão. In DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. (orgs.). *Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas* (pp. 23-32). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

OTTONI, G. P.; RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. (2008). O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento. *Rev. Bras. Psicol. do Esporte*, v. 2, p. 1-32. Retirado em 04/03/2009, do World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/rbpe/v2n2/v2n2a05.pdf>.

OVERBOE, J. (1999). 'Difference in Itself': Validating Disabled People's Lived Experience. *Body & Society*, v. 5, nº 4, pp. 17-29. Retirado em: 18/08/2008, do World Wide Web <http://bod.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/4/17>.

PAES, R. R. (2002). A pedagogia do esporte e os esportes coletivos. In ROSE JR., D. de. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 89-98). Porto Alegre: Artmed.

PEZZELA, A. M. Gli Altri e l'altro – L'empatia. (2003). In _____. *L'antropologia filosofica di Edith Stein – indagine fenomenologica della persona umana* (pp. 110-115). Roma: Città Nuova.

PINHEIRO, A. E. (2005). Homero. Tentativas de (re)construção biográfica na antiguidade. *Máthesis*, 14, pp. 111-128. Retirado em 14/09/2009, do World Wide Web: http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat14/Mathesis14_111.pdf.

PORTO, E. (2005). *A Corporeidade do Cego: novos olhares*. São Paulo (Piracicaba): Unimep/Memnon.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. (2009). Facetas da empatia na Fenomenologia: Uma leitura de Edith Stein. In *Anais do IV Congresso Internacional de Psicologia e X Semana de Psicologia da UEM*, Maringá – PR.

_____. (2008a). As experiências de superação de atletas com deficiência visual no esporte: análise fenomenológica. In *XII Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa*, Porto Alegre – RS. Caderno de Resumos.

_____. (2008b). A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica. In *Anais do 16º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP*, São Paulo – SP.

RECHINELI, A., PORTO, E. T. R., & MOREIRA, W. W. (2008). Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(2), 293-310.

RICOEUR, P. (2008). A diferença entre o normal e o patológico como fonte de respeito. In _____. *O justo 2: justiça e verdade e outros estudos* (pp. 209-220). São Paulo: WMF Martins Fontes.

ROUCEK, J. (coord.) (1973). *A criança excepcional*. 2ª edição. São Paulo, IBRASA. (Original publicado em 1926).

RUBIO, K. (2006). O Imaginário da Derrota no Esporte Contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*. 18 (1), pp. 86-91, jan./abr. Retirado em: 02/10/2006, do World Wide Web <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a12v18n1.pdf>.

RUDGLEY, R. (1999). *The lost civilizations of the Stone Age*. New York: The Free Press.

SAMPAIO, M. W.; HADDAD, M. A. O.; COSTA FILHO, H. A.; SIAULYS, M. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan, 2010.

SENNET, R. (2008). *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.

SERPA, S. (2007). Excelência Desportiva – Uma expressão humana. In BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M (coord.). *Em defesa do desporto: Mutações e valores em conflito* (pp. 371-392). Coimbra: Edições Almedina.

SILVA, O. M. (1986). *A epopéia ignorada – A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo: Cedas.

SILVA, R. F., SEABRA JÚNIOR, L., ARAÚJO, P. F. (2008). *Educação física adaptada no Brasil: da história à inclusão educacional*. São Paulo: Phorte.

STEIN, E. (1998). *Il Problema dell'Empatia*. 2. ed. Roma: Edizioni Studium. (Original em alemão publicado em 1917).

_____. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Roma: Città Nuova. (Original em alemão publicado em 1922).

STELTER, R. (2000). The transformation of body experience into language. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 31, nº1, pp. 63-77. Retirado em: 18/01/2008, do World Wide Web <http://docserver.ingentaconnect.com/deliver/connect/brill/00472662/v31n1/s4.pdf>.

STIKER, H. J. (1999). *A history of disability*. EUA: University of Michigan Press.

_____. (2008). Nova percepção do corpo enfermo. In CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra* (v. 2). pp. 347-374. Petrópolis, RJ.

SURDI, A. C.; KUNZ, E. (2009). A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, nº 2, p. 187-210. Retirado em

05/08/2009, do World Wide Web:
<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3054/5141>.

TANI, G. (2002). Esporte, Educação e Qualidade de vida. In MOREIRA, W.; SIMÕES, F. R. (orgs.). *Esporte como Fator de Qualidade de Vida* (pp. 103-116). Piracicaba: Unimep.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. (1988). *O Indivíduo Excepcional*. Rio de Janeiro: LTC. (Original publicado em 1967).

TOOMBS, S. K. (1995). The lived experience of disability. *Human Studies*, 18, pp. 9-23.

VALLA, D. C. R. M.; PORTO, E. T. R.; TOLOCKA, R. E. (2006). Deficiência visual e sapateado: possibilidade de aprendizagem e busca da vivência da corporeidade. *EF y Deportes revista digital*. Buenos Aires. nº 99, ano 11, ago. 2006. Retirado em 07/07/2010, do World Wide Web: <http://www.efdeportes.com/efd99/visual.htm>.

VAN DER LEEUW, G. (2002). Epilogo – Fenomeno e Fenomenologia. In _____. *Fenomenologia della Religione* (pp. 529-535). Torino: Universale Bollati Boringhieri. (Original publicado em 1933).

VANNATTA, S. (2008). A phenomenology of sport: *playing* and passive synthesis. *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 35, nº 1, pp. 63-72. Retirado em: 03/06/2008, do World Wide Web: <http://www.humankinetics.com/eJournalMedia/pdfs/15757.pdf>.

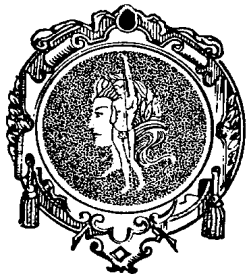
VEYNE, P. (2009). *O Império Greco-Romano*. Rio de Janeiro: Elsevier.

VYGOTSKI, L. S. (1997). *Obras Escogidas. Tomo V. Fundamentos de Defectología*. Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).

WALLACE-HADRILL, A. (2008). *The Rome's Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press.

WINANCE, M. (2006). Pain, disability and rehabilitation practices. A phenomenological perspective. *Disability and Rehabilitation*, v. 28, n. 18, pp. 1109-1118.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade São Paulo pelo telefone 11. 3091-3097.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Dimensões existenciais da atividade física: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira

Pesquisador Gerente: Leandro Penna Ranieri

Telefone para contato: 55.11.9465-7875

O objetivo dessa pesquisa é aprofundar os saberes a respeito das vivências esportivas de atletas com deficiência visual, auxiliando futuramente nos fazeres inclusivos de pessoas em tais condições. Não há riscos ou possibilidade de prejuízos ao participante. Mesmo sabendo o risco mínimo desta pesquisa, sobretudo a saúde pessoal, haverá disponibilidade, se necessário for, de assistência especializada (HCFMUSP e HU).

Esses dados serão utilizados apenas para fim de pesquisa acadêmica.

Asseguramos que sua identidade será mantida sob absoluto sigilo em todas as fases do processo de coleta e análise de dados e você terá o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo que desejar.

Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira
Escola de Educação Física e Esporte
Universidade de São Paulo (campus Ribeirão Preto)

Eu, _____, RG nº _____,
declaro ter sido informado/a e concordo com a sua participação, como voluntário/a, no projeto de pesquisa acima descrito.

Local e data _____

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Observações complementares

Transcrição integral da entrevista: Sujeito 1

Entrevistador – Como surgiu o esporte em sua vida?

S1 – Bom, antes eu era músico, não sabia muito desse negócio de esporte pra cego... encontrei com alguns colegas no ponto quando ia ensaiar com a banda e eles disseram que iam jogar bola... me interessei e fui na semana seguinte... achei legal...

E – Que modalidade foi?

S1 – Foi futebol...

E – E como foi esse início, que você começou a praticar?

S1 – Bom, pra mim era pouco tranquilo porque a gente jogava na escola já né... então eu fui só me adaptando as regras...

E – Então você também praticava na escola, é isso?

S1 – Isso, jogava bola, enquanto estudava na escola, que era só pra deficiente, a gente sempre depois do almoço batia uma bolinha...

E – Como era praticar o futebol lá na escola?

S1 – Ah, futebol na escola é igual os contra de rua né... a gente montava os time lá e rolava a bola, ia todo mundo pra cima da bola, era assim meio bagunçado, agora que eu sei mais ou menos o que é tática de jogo, técnica, essas coisas aí...

E – Mas esse momento que você começou a praticar o esporte, o futebol no caso, como era para você praticar o futebol naquela época? Como você se sentia, como era a sua experiência? Como era praticar, estar lá praticando?

S1 – Ah, pra mim era bom demais, eu sempre fui apaixonado por futebol né, como a maioria dos brasileiros... aí, vixi, pra mim era quase que tudo, eu me esquecia de todos os problemas jogando bola e tal...

E – O que mais?

S1 – Ah...

E – Era bom... Como assim era bom?

S1 – Ah, eu não sei muito explicar o que que era bom, mas eu gostava pra caramba, como a maioria dos brasileiros né... se eu enxergasse creio que eu também estaria jogando bola, talvez no profissional, de tanto que eu gosto de futebol... então, eu como cego eu acabei, assim, eu como cego acabei gostando da mesma forma, podendo jogar... pra mim foi muito bom...

E – Como é que você se sentia jogando futebol na época da escola?

S1 – Bom, na época da escola eu me sentia bem assim, era nada com compromisso né, era só festa... jogar bola pra mim era uma brincadeira...

E – Você se lembra de algum momento que você acha significativo, que foi importante pra você na época em que você começou a jogar futebol?

S1 – Assim, na época que eu comecei a jogar futebol com as regras tudo bonitinho?

E – Na escola, na época da escola...

S1 – Na escola, no período da escola assim nada tão significativo, só achava assim que eu jogando bola, eu teria mais noção muitas outras coisas fora da quadra também...

E – Como assim?

S1 – O cara que joga futebol de cego não pode ter medo, ainda mais na escola que é tudo bagunçado, é uma bola só pra ir todo mundo em cima... então, não pode ter medo de se machucar.... então, eu achava que se eu passasse por aquilo, nenhuma outra coisa pra mim seria tão difícil...

E – Como que era isso pra você, de no começo você achar que se você enfrentasse aquilo no jogo depois você não teria mais medo de nada? Como que era essa transição?

S1 – Não tenho muita recordação não dessa época... o que eu lembro mesmo é que a gente montava os times lá e todo mundo jogava, as vezes eu ia pro gol, as vezes eu jogava na linha mesmo... é a única coisa que eu lembro mesmo, nada de tão importante...

E – Mas essa questão do medo que você falou, que não podia ter medo de estar lá jogando e depois você não ia ter mais medo de nada fora, como era? Fale mais um pouco sobre isso...

S1 – Bom, eu me machucava muito jogando bola né... então, eu achava mesmo que, bom, eu me machuco jogando bola e to aqui jogando ainda, então eu tenho que me inspirar pra fora da quadra e ser assim também... se tiver que me machucar, é cabeça erguida, vamos lá, vou de novo e pronto... até conseguir os objetivos...

E – Que objetivos?

S1 – Bom, objetivos pessoais, emprego, ter casa, família... creio que seja isso... só isso né...

E – Você falou que também hoje tem praticado o goalball... como que surgiu o goalball na sua vida?

S1 – Bom, o goalball eu aprendi na escola, mas eu vim jogar mesmo em 2003... o pessoal tava querendo montar uma equipe masculina lá, eu me interessei, eu sempre achei legal competir... então eu to aí até hoje competindo o goalball...

E – Como é que foi esse início, que você começou a praticar o goalball? Como que era pra você?

S1 – Ah, eu comecei a gostar bastante também, não tanto quanto futebol né, mas gostava bastante, achava legal ir para os campeonatos competir... não importa onde a bola fosse, eu queria estar lá também... bom, eu também levava muito como brincadeira né... uma forma pra me divertir...

E – Você que onde que a bola fosse você queria estar lá... como é isso?

S1 – É, por exemplo, o gol tem 9 metros e eu achava que eu tinha que cobrir os 9 metros, onde a bola fosse eu teria que ir também... de tanto que eu gostava assim, pra mim era muito bom ta jogando...

E – Muito bom?

S1 – É...

E – Como era jogar goalball na época? Como é que você se sentia jogando? Tente lembrar de você jogando goalball...

S1 – Ah, não tem muita coisa, só que era bom, me ajudava também a... era um motivo de diversão...

E – E no futebol você disse que começou e depois você foi jogar com regras, com treinamento... é isso?

S1 – Isso...

E – E como foi esse momento em que você começou a praticar com regras, mais organizado?

S1 – Ah, aprendi bastante coisa legal, e lá eu vi que o cara pra ser bom, ele não precisa correr a quadra toda, é só ele fazer a parte dele e tudo bem, continuei gostando assim mesmo, mesmo com as regras e esses ensinamentos, eu continuei gostando assim mesmo...

E – E como é jogar futebol pra você ?

S1 – Ah, jogar futebol pra mim é... é, eu sou como a maioria dos brasileiros, jogar futebol pra mim é prazeroso, é muito bom...

E – O que você sente quando você ta jogando futebol?

S1 – Eu sinto uma sensação boa, é bom a gente fazer o que a gente gosta...

E – Imagine que você está numa quadra agora e que você está jogando... tente descrever o que você ta sentindo, como é jogar futebol pra você...

S1 – Jogar futebol é uma série de coisas boas num só esporte... você fica bem fisicamente, mentalmente... bom, e é isso...

E – E ali na quadra, quando você está dentro da quadra, jogando, como é?

S1 – Bom, eu só tenho a dizer que é bom, é ótimo pra mim, não tenho mais palavras assim...

E – E o goalball? Como é praticar o goalball hoje?

S1 – Bom, praticar o goalball também é ótimo, muito bom assim, é uma dinâmica de jogo muito legal... são várias regrinhas que ensinam bastante coisa, até extra quadra pra gente... é bom, é um jogo de ensinamentos...

E – Como assim é um jogo de ensinamentos?

S1 – Bom, pra mim são tantas regras importantes que ensinam a gente até a se virar fora da quadra mesmo, a ter m raciocínio do que fazer, super legal...

E – Você pode dar um exemplo ou falar um pouco mais de alguma coisa que você aprende e vai para fora da quadra?

S1 – Bom, eu particularmente aprendi que certas coisas não se pode se pensar muito, porque a gente tem um tempo pra fazer aquilo... no goalball, isso eu aprendi mais ou menos no goalball que a gente não tem o tempo todo pra... no goalball a gente não pode ficar o tempo que quiser com a bola na mão pra arremessar, no caso a gente esteja ganhando... a gente tem 10 segundos pra arremessar a bola, senão é uma penalidade que a gente sofre... isso também ocorre na vida, você tem aquele tempo pra fazer, se você não fizer determinada coisa pode ser que isso venha te prejudicar no futuro...

E – E como é isso para você? Você ter esse tempo pra realizar alguma coisa...

S1 – Bom, pra mim é super importante, eu acho que se um dia eu não tivesse jogado goalball com as regras, talvez eu pensasse que tudo seria a hora que eu quisesse, e não é bem assim, tem um tempo pra fazer determinadas coisas...

E – E como você se sente realizando as coisas nesse tempo?

S1 – Bom, eu me sinto bem, é um aprendizado legal, a gente fazendo as coisas na hora certa é sempre bom no futuro também, a tendência é a gente ser mais responsável com as coisas e tudo... acho que é isso...

E – O que é jogar o futebol pra você?

S1 – Jogar futebol pra mim no momento é, no momento eu penso no futebol pra me divertir, futebol pra mim é uma brincadeira...

E – E o que é jogar goalball pra você?

S1 – O goalball já é mais um jogo mais sério, é um jogo que eu desejo competir mesmo... e, assim, muito bom ta competindo goalball, não tem mais muito o que falar...

E – É bom ta competindo no goalball?

S1 – É, é bom...

E – Como é competir no goalball?

S1 – Ah, é legal, cada jogo pra mim é um aprendizado diferente... é, a gente também cria várias amizades nos campeonatos de goalball... e é isso...

E – Imagine que você está na quadra de goalball jogando agora... como é ta jogando goalball? Ta ali na quadra, com a bola na mão, ou ta defendendo... como é?

S1 – Ah, é uma sensação muito boa, ta dentro da quadra, ajudando, fazendo a alegria da minha equipe... é assim muito bom...

E – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar de como é jogar futebol, de como é jogar goalball, o que você sente, o que você vivencia, alguma experiência que você gostaria de falar?

S1 – Não, não...

E – Qual tipo de experiência esportiva você destaca como importante, significativa, motivadora, prazerosa na sua vida?

S1 – Hum, você pode me dar um exemplo?

E – Ah, algo que te toca, algo que te faz praticar todos os dias, algo que, você próprio disse, que se sente bem, que é bom... tem alguma experiência assim específica que é motivadora pra você, que é importante pra você, no futebol ou no goalball?

S1 – Bom, no futebol eu não tenho mais muito o que dizer e no goalball, bom, eu tive uma experiência boa uma vez, a nossa equipe ficou em terceiro lugar no regional e, assim, sempre que lembro daquele momento festivo eu quero, sei lá, subir ao pódio de novo... eu quero ficar em primeiro pra ver aquela festa de novo, foi muito bom... e participar da festa também... se eu quisesse só ver, era só eu ficar no encerramento...

E – E durante a prática, quando você ta praticando o futebol ou o goalball, que você ta ali na quadra... tem alguma experiência durante você ta praticando, durante você ta jogando que é importante, que é motivadora, que é prazerosa? Durante a prática, quando você ta praticando...

S1 – Eu não tenho muito a destacar, praticando, porque cada jogo é um jogo e eu acabo não lembrando assim das experiências dos jogos, das experiências dentro de quadra... acabo não lembrando muito...

E – Não tem nenhuma experiência que você sempre sente, alguma coisa que você sempre sente quando você ta praticando?

S1 – Bom, o que eu sempre sinto né, no começo dos jogos é, eu tento ser sempre tranquilo, não é sempre que eu sou né... mas eu tento sempre ser... acho que tranquilidade eu tenho até que um pouco...

E – Qual é a importância do esporte na sua vida?

S1 – Ah, é importante pra diversão, a gente joga muito pra diversão... agora você me fez uma pergunta difícil...

E – O que te faz levar a praticar esporte?

S1 – O que me faz levar a praticar esporte é o pensamento positivo de estar no último jogo e ganhar o último jogo e poder fazer festa com meus amigos...

E – E o que praticar esporte pra você?

S1 – Praticar esporte é uma forma de...

E – Tente responder a partir daquilo que você sente... o que vem pra você a partir da prática... o que é praticar esporte pra você, a partir da sua experiência?

S1 - ... Bom, praticar esporte pra mim é uma forma de me divertir, só que as vezes com seriedade...

E – Como assim?

S1 – Competir com objetivos a traçar, que no caso é ser campeão, levar a equipe ao primeiro lugar...

E – Isso é a diversão ou é a seriedade?

S1 – A seriedade é levar a equipe ao primeiro lugar... a diversão vem depois né, ver todo mundo feliz, comemorar junto com eles...

E – E você tem algum tipo de experiência que você gostaria de falar sobre, alguma coisa que você vive ou já viveu no esporte que também vale pra sua vida cotidiana?

S1 – Bom... não tenho muito o que falar nessa parte não...

E – E tem algum outro tipo de experiência no esporte ou na sua vida que foi significativo pra você, que você gostaria de falar nesse momento? Alguma coisa que você lembra, alguma coisa que você sentiu em algum jogo, em algum treinamento, seja do goalball, seja do futebol, algo que é importante, é prazeroso, é motivador pra você hoje?

S1 – Bom, teve um jogo de disputa de terceiro lugar em 2005 e que o jogo, eu senti que a gente ia ganhar e por isso a gente meio que deu uma relaxada e eu, como disse pro pessoal, eu senti aquilo que era bom e eles viraram o jogo e foi muito bom isso pra gente...

E – Então tenta falar um pouco mais desse momento... como você se sentiu antes, como você se sentiu durante... tenta descrever mais...

S1 – Bom, antes do jogo passou pela minha cabeça que ia ser um jogo super disputado, mas que se a gente tivesse calma, a gente ia ganhar o jogo... e no primeiro tempo a gente não tava bom assim, a gente tava meio abatido, quando, no intervalo, a gente conversando entre nós, e aí eu coloquei isso, conversei isso que passou pela minha cabeça e foi aí que veio o nosso crescimento... e aí a gente ganhou o jogo da forma que passou pela minha cabeça... foi muito bom...

E – E como foi esse momento de crescimento? Como é que você se sentiu na hora?

S1 – Bom, a gente fechou o grupo, a partir do momento que fechou o grupo, que todo mundo falou lá o que achava, eu já vi que o crescimento tava por vir... o pessoal deve ter ficado empolgado... começamos a jogar com tranquilidade e empolgação e foi isso que deu o resultado pra gente na época...

E – Como foi jogar com empolgação e tranquilidade?

S1 – Pra mim, eu particularmente jogo mais solto, mais tranquilo, mais leve, pra mim é dessa forma, é muito bom...

E – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre suas experiências, no goalball, no futebol, alguma coisa que você gostaria de acrescentar que você lembrou, ou alguma coisa que te faz bem, alguma experiência dentro da prática, quando você ta praticando mesmo, quando você ta ali fazendo, alguma coisa que te motiva, alguma coisa significativa, que é importante pra você?

S1 – Não, eu não tenho mais nada a falar não...

E – Então ta bom... Obrigado!

Transcrição integral da entrevista: Sujeito 2

Entrevistador – Como surgiu o esporte em sua vida?

S2 – Olha, o esporte surgiu assim na minha vida tipo, como que eu vou dizer assim, foi de uma hora para outra assim, porque eu ficava mais em casa né, não era de sair muito... até os meus pais me prendiam um pouco né, e na escola que eu estudava que já tinha adaptações pra pessoas com deficiência, lá que eu fui descobrindo o esporte né... conversei com outros amigos que já faziam e vim né, comecei a praticar em 2003 né... fiquei em [nome do município], fiquei mais ou menos lá uns 2 anos... saí, infelizmente saí por causa de trabalho, porque infelizmente esse esporte não dá suporte pra gente, bolsa atleta... mas voltei agora esse ano, nesse começo de ano né... e eu to aí, tento buscar, eu sei que é difícil chegar numa seleção, mas eu tento, to lutando aí pra quem sabe um dia chegar, poder representar o Brasil aí fora numa seleção paraolímpica...

E – Me conta um pouco como foi o início, quando você conheceu, começou a praticar o esporte... Como é que foi?

S2 – Olha, pra mim, eu vou te falar que o início foi um pouco difícil né... até porque como eu era novato, já tinha gente com experiência, então eu, assim, me perdia um pouco nas posições que tinham que jogar, tomava muita bolada na cara né, ficava perdidão na quadra, mas depois que eu fui me adaptando né, eu fui praticamente assim gostando né... teve um pessoal que me ajudou bastante né, que me incentivou a continuar, porque no início mesmo eu falei, ‘ah, não, isso aqui não é pra mim não, muito violento’... mas depois eu acabei gostando e to aí até hoje...

E – Me fale um pouco mais desse início, quando você sentia dificuldade... Como era pra você estar lá?

S2 – Olha, no início pra mim era um pouco ruim porque assim, o goalball é um esporte que você precisa jogar vendado né... então, eu não tinha costume de praticar nada assim às escuras, vamos dizer assim né... então, quando teve pela primeira vez que me colocaram uma venda nos olhos, realmente eu senti muita dificuldade, mas foi bom pra mim, porque esse esporte a gente tem que usar muito a audição né... então, pra mim por mais que tenha sido, tenha tido um pouco de dificuldade no início, pra mim foi bom nessa parte, de ta sentindo um pouco o que uma pessoa que não enxerga sente no dia a dia... pra mim, hoje é normal...

E – Você lembra desse momento quando, pela primeira vez, você colocou a venda e foi praticar?

S2 – Lembro, lembro que nesse momento, nesse dia eu senti muito medo, porque eu falei ‘meu Deus, e agora? Será que eu vou de repente arremessar a bola pra fora? ou então conforme eu for correr, eu vou tropeçar em alguma coisa? Ou vou esbarrar em cima de alguém?’... esse era meu sentimento assim no início né... o medo tipo de não ta vendo nada e me machucar de repente... mas isso aí eu superei depois, com um pouco de experiência...

E – Sobre esse aspecto que você superou, que você se adaptou, e até que você falou que depois ficou normal, como é que foi esse momento de transição?

S2 – Olha, pra mim esse momento assim foi mais assim de superação né, porque no início tinha assim bastante gente pra me ajudar e também bastante gente pra atrapalhar né... mas graças à Deus eu tive, como que eu digo assim, sorte né, de ter pelo menos os técnicos que eu sempre trabalhei que me apoiaram e acreditaram em mim né... então pra mim esse momento foi assim mais importante pra mim pra mim ta até hoje praticando o esporte...

E – Do começo, quando você começou a praticar, você tem alguma lembrança de alguma experiência, de alguma vivência que você teve e que acha que foi significativa, uma coisa que te marcou, que te motivou a continuar? Tem alguma experiência desse tipo que você se lembra?

S2 – Olha, pra mim a experiência mesmo foi conviver com as pessoas que também têm deficiência visual né, porque na época da escola eu até convivia, mas era pouco... mas nunca tinha ido assim, tanto que no primeiro campeonato que a gente foi ficar assim com o pessoal, conviver um dia inteiro, a noite também... me incentivou mais a ficar porque assim eu penso que eu posso ta ajudando o pessoal assim na hora do jogo, na equipe e também já percebi que o pessoal é mais unido, tem mais união do que os outros tipos de pessoas que enxergam né, normal...

E – E do início, quando você tava praticando, durante a prática nesse início, teve alguma experiência que você lembra que também foi significativa, que foi motivadora? Quando você tava lá dentro de quadra...

S2 – Experiência que eu tive foi, que na verdade dentro de quadra passaram pra mim ter mais calma né, que antigamente eu era muito afobado, se eu errasse um lance eu ficava muito bravo, mas aprendi a ter mais calma, espírito esportivo, porque ninguém nunca quer perder, mas a gente teve que aprender a ganhar e também a perder né... e graças a Deus também, meus amigos me ajudaram muito nessa experiência dentro de quadra... pra quem não sabia nada no início, me deram bastante apoio assim, calma né...

E – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar desse seu início de prática, de alguma experiência que você teve dentro de quadra, alguma coisa que foi bastante significativa, algum sentimento, alguma coisa assim?

S2 – Olha, eu acho que assim, sentimento que a gente sempre tem né, é que sempre poder mais né... poder alcançar os seus limites né, porque muita gente fala assim que você só vai ficar ali, que você não vai crescer profissionalmente, mas eu acredito assim que com muito treino, com muito companheirismo e um pouco de força de vontade, dá pra você chegar longe... então, essa experiência que eu tive aí no começo foi muito significativa pra mim ta hoje aí no goalball...

E – Como é hoje praticar o goalball?

S2 – Olha, o goalball hoje pra mim é, pra mim é a mesma coisa de eu ta vestindo a camisa assim, vamos dizer, quando eu entro em quadra é a mesma coisa de eu ta vestindo a camisa da seleção assim... eu me sinto né... pra mim o goalball é jogo de equipe entendeu... sei que se só eu tiver, só eu não adianta, sozinho carregar a equipe, entendeu... pra mim o goalball hoje significa ter mais união assim e espírito de vitória assim, pra conseguir chegar ao auge da carreira aí... como jogador profissional...

E – E como é ta dentro de quadra, jogando? Como é? O que você sente? Que tipo de experiência você tem? Como é que é?

S2 – Olha, dentro de quadra assim é complicado viu... eu fico muito nervoso porque, quando você ta num treino é tranquilo né, você ta treinando é, você pode errar, pode cometer alguns tipos de erros, só que quando você ta em quadra, que você entra em quadra, que o juiz vai apitar, realmente dá aquele frio, aquele gelo no coração assim, e você fala 1é agora, não posso errar e também tem que jogar por mim e pela equipe né'... mas pra mim é bom sentir essa emoção... pra mim quem não sente mais essa emoção não é mais atleta né... mas é muito bom pra mim...

E – E tenta se imaginar agora na quadra, durante uma partida e tenta descrever como é, como você se sente, aquilo que você ta vivendo... tenta se imaginar na quadra agora...

S2 – Olha, é, na quadra agora... bom, eu posso imaginar assim mais ou menos que, vai, eu to lá, to ouvindo o barulho da bola vindo em minha direção e antes dela chegar eu to pensando se eu vou conseguir pegar ela, se eu vou arremessar, se eu vou passar pra um colega meu... coração a mil por hora né... e pra mim só vou esfriar mesmo quando sair o primeiro gol da minha equipe e sair na frente... aí eu fico mais tranquilo...

E – E tem mais alguma coisa que você sente quando você ta dentro da quadra, quando você ta lá jogando mesmo, efetivamente, o goalball?

S2 – Que eu sinto mesmo é vontade de ganhar mesmo, vontade de ganhar e sair vitorioso né... e poder ajudar a equipe o máximo que eu puder, dar o meu máximo pra ajudar a equipe... isso que eu sinto toda a partida, toda vez que eu vou entrar em quadra é isso...

E – Como é jogar o goalball?

S2 – Olha, jogar o goalball, como que eu vou explicar assim... pra mim é uma coisa muito positiva né... veja bem, porque é um esporte diferente sabe, muito diferente de um futsal, de jogar futebol mesmo... é um esporte que você tem que ter muita disposição, reflexo e ao mesmo tempo tem que ter muita força né... pra mim o goalball assim ele é um esporte que estimula bem você, estimula muito o seu modo de pensar né, e de agir...

E – E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre jogar goalball, como é jogar, aquilo que você vive hoje jogando goalball?

S2 – Olha, o que eu vivo hoje pra mim é, pra mim, o atual momento que eu vivo hoje é um momento muito positivo né, momento de superação, porque no início realmente, pra quem ta

começando, você nunca acha que vai ta ali junto com os outros atletas jogando, com o mesmo potencial... pra mim o goalball significa pra mim superação né, é isso que eu penso do goalball...

E – E o que é essa superação pra você?

S2 – Olha, superação pra mim é você, como é que se diz, vencer assim o seu adversário e vencer até seus próprios limites mesmo, dá uma pouco mais de você toda partida e sair vitorioso... pra mim o goalball é, superação pra mim é isso, é você entrar dentro de quadra e mostrar que você é capaz de fazer aquilo né, e cada vez mais se superar...

E – Você falou de ‘dar um pouco mais durante a partida’... o que é isso?

S2 – É, eu digo assim, dar um pouco mais, que eu digo é naquele momento que você ta de repente perdendo o jogo assim, por dois gols de diferença ou até três, você desistir, tem muita gente que desiste... pra mim dar um pouco mais é nessa hora que você ta de repente perdendo um jogo, ou não ta bem, ou sei lá, e se cobrar de você mesmo e falar ‘não, posso ganhar o jogo e vou pra cima deles e conseguir até virar o jogo né’... isso pra mim é o se superar né...

E – Tem algum tipo de experiência ou que tipo de experiência você destaca como importante, motivadora, prazerosa na sua vida? Que tipo de experiência você destaca como importante, significativa, prazerosa pra você?

S2 – Olha, pra mim assim, tipo de experiência mesmo é, como é que eu vou dizer... de experiência mesmo pra mim é só no, de experiência assim no profissional né, que eu levo, de ta entrando em quadra, vendo outras equipes aí que tão começando agora né... e principalmente acompanhando no dia a dia um pouco da seleção... experiência pra mim no goalball eu acho que pra mim é isso, ta ali convivendo no dia a dia...

E – Como assim ta vivendo ali no dia a dia?

S2 – Olha, assim, vou dizer assim pra você, o dia a dia ali no treino, de repente num jogo mesmo, numa concentração, na equipe né, você ta se superando... saindo de casa cedo, pra treinar voltando tarde, pra trabalhar no outro dia... acho que tudo isso pra mim tem um bom sentido pra mim na minha vida assim pessoal sabe... depois que eu comecei a treinar, no esporte, minha vida melhorou 100%...

E – Sua vida melhorou? Como assim?

S2 – Eu digo assim, no aspecto assim, pessoal, porque antigamente eu era uma pessoa muito caseira né... não tinha nada pra fazer... então, depois que o goalball apareceu aí na minha vida, agora eu dificilmente quero ficar em casa... quando eu to, eu peço logo pro dia passar pra chegar no dia de treinar né... pra ta ali, junto com o pessoal, os colegas... pra mim o mais importante aí nesse meio de tudo, do esporte, é a amizade... você ver um colega seu subindo, de repente se dando bem na seleção... pra mim o maior orgulho que tenho pra mim é isso, é o companheirismo né...

E – E como é que você se sente treinando junto com os colegas, ou estando numa competição junto com os colegas? Como é pra você?

S2 – Pra mim é uma experiência muito boa sabe... eu me sinto assim um atleta profissional, que eu to ali, então eu tenho que fazer o meu papel sério... eu tenho que entrar em quadra concentrado né... e além de me sentir muito bem assim, no físico e no emocional né... pra mim, eu me sinto bem... quando eu entro em quadra, eu sei que eu, pra um treino ou pra uma competição, meu dia fica até melhor, porque distrai mais a cabeça...

E – Você falou de se sentir profissional... o que é esse se sentir profissional? O que é ser profissional?

S2 – Pra mim você ser profissional significa você honrar a camisa que você ta vestindo, independente do clube que for que você tiver jogando, mas aí quando você entrar em quadra você dá o seu máximo... mostrar pro seu treinador que realmente você gosta da equipe que você atuando... pra mim profissional é isso... nem tanto pelo dinheiro... é claro que a gente sempre quer ter oportunidade de repente de ganhar uma bolsa atleta, ta numa seleção, mas acho que pra mim só de honrar a camisa, pra mim já é muito bom, muito significativo...

E – Eu tinha perguntado como é jogar o goalball... e como é treinar o goalball?

S2 – Olha, treinar o goalball pra mim é uma coisa assim que todo mundo fala que ninguém gosta... é chato assim, mas a gente sabe que é o essencial pra gente ta melhorando a cada dia né, e a cada treino... treinar o goalball pra mim também é a mesma coisa de eu ta jogando contra outra equipe... no meio do treino acontecem coisas engraçadas, as vezes até inacreditáveis assim... mas pra mim é muito bom essa parte do treino...

E – E tem algum tipo de experiência que você se lembra que você viveu durante um treinamento, ou durante jogo, alguma coisa assim, que foi significativa pra você?

S2 – Como você falou?

E – Tem algum tipo de experiência que você viveu durante um treinamento ou até durante um jogo também que você destaca como significativa, importante pra você?

S2 – Olha, experiência que eu tive que eu acho importante pra mim é sempre antes que você entrar em quadra, você não julgar a equipe que você vai jogar do outro lado, antes de começar um jogo né... me lembro uma vez que a gente tava ganhando de, tava jogando em [nome da cidade], e era uma equipe de [nome da cidade]... e era o meu primeiro jogo... e a gente começou a ganhar dessa equipe de três a zero... eu virei pra um colega do meu lado e falei ‘ah, hoje a gente ganha esse jogo, o primeiro jogo é nosso’... ele olhou pra mim e virou pro lado e falou ‘não vai contando assim porque o pessoal que ta jogando nessa equipe é tudo da seleção brasileira, então...’ ... realmente eu aprendi depois daquela, a gente até acabou perdendo o jogo de dezoito a três naquele dia... depois desse dia eu aprendi a ser mais cauteloso antes de julgar as outras equipes né...

E – E quando você tá lá praticando mesmo, durante o treino... que você está lá fazendo a movimentação, seja lá qual for, de treino ou de jogo... tem algum momento que você que lembra que foi significativo, que foi marcante pra você?

S2 – Olha, momento significativo pra mim, ali na hora do jogo é, eu lembro mais assim do meu passado... antes eu não sabia jogar, praticar esporte, antes eu não praticava... ali no momento que eu to no treino ou que eu to num jogo, eu me analiso eu mesmo e falo ‘cara, como que eu cresci!’... profissionalmente, de uns anos pra cá...

E – E como é esse se analisar?

S2 – Me analisar eu digo assim, eu analiso assim, porque no início eu era aquele cara que não sabia de nada e hoje, eu começando assim o goalball, firme... me analiso porque eu até cresço rápido assim, praticando bastante eu consigo me desenvolver mais rápido... no esporte né...

E – E tem mais alguma coisa que você de falar sobre a sua experiência jogando goalball, seja quando você começou, ou seja atualmente, alguma vivência que você teve que foi significativa, que foi motivadora, algum sentimento importante pra você, ou de algum momento que você gostaria de relatar aqui agora?

S2 – Olha, experiência pra mim assim mais significativa foi de ter, o que mais me motivou a jogar o goalball mesmo foi de ter visto uma vez um jogo pela tevê de goalball da seleção né... então, eu vi que os atletas ali, que estavam jogando ali pela seleção, jogando tipo, praticamente igual a mim e vendo naquele momento, eu senti assim que eu poderia também tá no lugar deles, de um deles... então, foi o que me motivou a praticar mais o goalball assim, a ser mais experiente assim, tanto no profissional como no dia a dia mesmo, praticando o goalball... é o que me motivou mais...

E – Você gostaria de falar mais alguma coisa?

S2 – Não, acho que, eu acho que o que eu tenho pra falar é que por mais que seja difícil chegar numa seleção, eu acredito que, eu acredito em mim mesmo né, primeiramente que eu possa, quem sabe daqui um ou dois anos, a tá numa seleção... eu acredito que o goalball seja, tá sendo hoje, tá crescendo e tá sendo pra mim muito proveitoso na minha vida... e eu pretendo praticar muito tempo ainda...

E – Tá certo. Obrigado, M1, pela entrevista!

S2 – Obrigado você!

Transcrição integral da entrevista: Sujeito 3

Entrevistador – Como surgiu o esporte em sua vida?

S3 – Ah, o esporte, ele surgiu dentro daquela necessidade de você... na realidade, o goalball tá bem lá atrás... nas aulas do [nome do instituto educacional], aulas de educação física, coordenação motora, então não havia na realidade interesse de desenvolver um atleta, de estimular esse lado da competição, na época, isso até na década de 80... então nós fazíamos as modalidades apenas pra condicionamento físico mesmo e pra jogos internos... mas nós gostávamos muito disso, só que quando a gente saía do [nome do instituto educacional], não tinha continuidade aquilo... então acabava muito fechado... enfim... aí começou aquelas competições, interestaduais, estaduais, através de entidades que foram sendo fundadas, o paradesporto foi sendo trazido aqui pro Brasil... nós fomos tomando conhecimento e fui fazendo parte desse movimento... e o porquê que eu me despertei pra isso foi porque já tinha já o interesse, o desejo, de sempre competir, sempre gostei de competir, de jogar, de correr... na verdade, as minhas primeiras competições foram de atletismo, quando era do [nome do instituto educacional], quando houve uma olimpíada né, que já foi fundada no [nome do estádio], na época, era totalmente diferente do que é hoje, totalmente... e naquela época já me despertou o interesse, porque nós éramos adolescentes e nós competíamos com adultos... e, lógico, a gente perdia, com uma margem de distância muito grande, nos saltos em alturas... se bem que teve alguns, alguns atletas, alguns competidores do [nome do instituto educacional] na época que chegaram a ser campeões... mas, de um modo geral, a maioria do [nome do instituto educacional] era difícil de ganhar alguma coisa, porque nós éramos adolescentes, 13, 14, 15 anos, 18 anos, competindo com adultos já, pra valer, que já vinham se preparando pra isso... você não tem noção do que era na realidade... então, foi despertando aí esse interesse e aquele convívio social dos amigos, conhecendo pessoas e vivendo como a vida pode nos oferecer, com novos horizontes, ampliando acho que outros lados, então a gente, no caso aí eu continuei a prática desportiva, fui desenvolvendo... dei uma parada por questões pessoais, por questões particulares, mas, o esporte, dentro de mim, nunca morreu... ele sempre teve vivo e eu sempre tive o desejo muito grande né, um desejo muito profundo, de sempre tá praticando, de nunca parar, sempre evoluir, sempre aprender mais... e de sentir sempre mais a vida, sentindo o corpo e trazendo pro crescimento interno... e outras várias também...

E – E me fala um pouco mais desse início de prática, quando você tava no colégio e tinha essas competições... como é que foi pra você esse início?

S3 – Olha, é, quando nós recebemos a notícia que nós iríamos participar dos jogos, onde teria futebol, do qual eu não participei porque a gente era pequeno ainda, só jogavam os maiores, onde teve salto em altura, distância... onde teve as provas de campo também, arremesso, lançamento de dardo, disco... quando nós recebemos essa notícia, nós ficamos entusiasmados, vamos conhecer novas modalidades, que a gente praticava alguma coisa dentro do [nome do instituto educacional], só que não havia muito espaço pra desenvolver essas modalidades lá dentro... então só ficávamos mais no salto em altura, no arremesso de peso, no salto em distância e no futebol... quando nós recebemos a notícia, de fato, nós ficamos entusiasmados... eu também fiquei muito interessado em dar continuidade... tanto é que quando a gente começou a participar, depois nós não paramos mais... pegamos o gosto pela coisa, a gente se

entusiasmou e viu que dava pra fazer, embora nós não tínhamos assim, na realidade, aquele apoio da escola... da escola o que a gente tinha de apoio era somente nas aulas de educação física, tal, e parava por ali... não desenvolviam na realidade quanto ao lado da fisiologia, quanto ao lado da melhoria dos movimentos, quanto ao lado do equilíbrio psicológico, emocional, isso não tinha, não tinha nenhuma conversa... era só: aprendeu a fazer? Aprendeu; se não aprendeu, tudo bem... era diferente do que é hoje... então, é algo assim de iniciante mesmo, de iniciante, de principiante, mas recebemos uma notícia, só que dali partiu pessoas que vingaram no esporte, se tornaram até recordistas e alguns foram até campeões né... eu não fui não e parei, mas sempre estive perto ali, próximo da prática desportiva né... comecei, não parei mais...

E – E como é que você se sentia na época? Como que era praticar pra você?

S3 – Ah, era conquistar um espaço... era, por exemplo, na época a gente era, o cego era visto apenas como aquele que já trabalhava, que tinham já se profissionalizado, uns já tinham até se formado em universidades... músicos... mas nesse lado do para paradesporto, ele ainda não existia... então, como foi pra mim tudo isso? Foi uma conquista a mais, porque eu comecei a quebrar limites... fui quebrando limites do que eu achava que eu não conseguia... eu ganhei mais equilíbrio emocional, que de fato da... porque você extravasa através do esporte, através da modalidade assim, através da atividade física você já extravasa... imagina através do esporte, através da modalidade esportiva... muito mais, porque você começa observar que você desenvolve uma modalidade como uma pessoa dita perfeita pela sociedade desenvolve... então, você tem modalidades que você pratica normalmente, dentro de um treinamento de consciência de seu técnico, de seu professor... você pratica de igual pra igual... então aquilo te traz pro convívio social e te fortalece, porque você começa a perceber que você é um ser humano limitado, como todos os seres humanos são limitados... perdão, como todos nós, seres humanos, temos limites, mas nós não somos limitados... mas só que esse limite, você vai quebrando aos poucos, sempre vai quebrando aos poucos através do esporte e através de outras áreas da vida que eu fui trazendo... então o esporte contribuiu muito comigo... pra desenvoltura, no meu trabalho também, dentro de clínicas, de hospitais que eu trabalhei, desde colocar um paciente num divã, um paciente sequelado, de AVC, de voltá-lo pra cadeira de rodas... então isso me deu muito equilíbrio através do esporte, vigor físico, força, condicionamento... essa noção de espaço e distância que o esporte me deu... se não fosse o esporte, a modalidade esportiva, eu não teria essa desenvoltura hoje que eu tenho... isso eu afirmo com certeza...

E – E você consegue lembrar de alguma experiência específica que tenha sido significativa no sentido do que você falou, de ganhar espaço, de quebrar esses limites, de superar? Na época...

S3 – Eu tive sim, no início, é, por exemplo, vou falar do início lá do [nome do instituto educacional] e do começo do paradesporto... quando eu fiz algumas provas no [nome do estádio], eu não ganhei nenhuma, mas eu cheguei perto... eu cheguei perto no salto em distância, eu cheguei perto nos 100 e 200 metros... aí eu fui elogiado: ‘olha, você correu bem... você foi bem, você saltou bem, você arremessou bem...’... então, eu fiz de tudo... mas como a gente fazia o movimento mais ou menos certinho, o que tinha aprendido, então o pessoal acabava elogiando... então, aquilo de fato era uma experiência, eu falava: ‘poxa, eu to começando e to indo bem, eu estou percebendo que eu estou aprendendo, então eu vou dar

continuidade...? ... essa era, na realidade, um dos fatores preponderantes que me levava pra frente, que me impulsionava, entendeu... e quando eu corri também a São Silvestre, de 86, no ano de 86, eu corri na São Silvestre... e na realidade, eu ficava pra trás, era um tumulto, não tinha como correr no início da prova... e eu consegui concluir os, era 12 mil metros, era 12600 metros, eram 12640 metros exatamente, naquela época... e eu não tinha aquele preparo todo pra prova de rua... eu tava correndo com uma sapatilha que era idêntica a um Conga, era como se fosse o pé no asfalto mesmo... foi difícil né, mas eu consegui concluir... e daquilo, poxa, se eu consegui concluir desse jeito, então eu posso continuar... então era uma jornada longa, dura, sem recurso nenhum, nada voltado pro lado, direcionado, eles não faziam nenhum condicionamento... corria na pista, alguns exercícios, mas não tinha uma academia, não tinha nada assim, voltado mesmo, específico da modalidade... e você encarava e ia... e uma das modalidades do judô, uma vez, tive que ir né, porque eu tava com a instituição... e na época a modalidade do judô tinha perdido todos os judocas... eu tinha parado de treinar naquela época... eu peguei e fui lá, tirei a poeira do quimono e fui pra competição... qual foi a minha surpresa quando eu fui o terceiro do brasileiro... eu não fiz uma luta de judô, eu fiz um jogo de judô... eu dava uma enrolada e na hora que eu via a guarda aberta, conseguia entrar... fui muito feliz naquele campeonato... naquele campeonato eu usei muito a cabeça... nos outros que eu só usava a parte física, eu não conseguia muito êxito... esse que eu usei o lado psicológico, a tranquilidade, a calma, a paciência, a espera, eu consegui resultado interessante... aí foi o meu segundo terceiro lugar que eu consegui até hoje... eu achava que eu ia ficar em último lugar, acho que tinha 8 na categoria e eu fiquei em terceiro né... nossa, pra mim foi bom demais... então, essa foi uma das experiências também interessantes que eu tive... e em se tratando do goalball que é uma modalidade que eu estou praticando hoje... agora eu vou me reportar pra cá... é interessante falar do meu retorno pra mim no goalball... porque na época eu era mais jovem, tava em forma, corria, eu praticava, treinava mais, era tudo mais fácil... tive um período aí de uns 12 anos inativo e voltei e eu achei que eu não fosse mais talvez recuperar uma forma...talvez eu não recupera aquela forma física, de velocidade, mas com sabedoria, direcionando pra modalidade a questão muscular, força, explosão, treinamento específico, e hoje com o lado, colocando suplementos, alimentar, e mudando o hábito alimentar, eu tenho que certeza que eu posso tentar me igualar, àquela parte física, ou até melhorar... eu acredito que eu até melhore em relação à força... então foi uma outra coisa que me fez crescer muito também... então hoje eu me sinto muito mais realizado no esporte do que antigamente... não tenho nem dúvida... o prazer pra mim hoje de jogar goalball hoje e de praticar a musculação, assim é muito profundo, me traz um sentido de vida, de conquista em outras áreas muito maior do que antigamente...

E – Vamos dividir um pouco o que você falou porque eu queria esclarecer algumas coisas... sobre o judô, você começou a praticando quando exatamente?

S3 – O judô, eu comecei a praticar na realidade desde os 12 anos de idade... só que eu praticava numa academia onde só tinha eu de aluno cego e a maioria era todos adolescentes, adultos e eu era pequeno... então eu vestia um quimono que na realidade era emprestado pelo meu irmão, meu irmão era 5 anos mais velho do que eu, ele era grande... eu simulava algumas coisas, ficava lá com o pessoal, lá no meio, não lutava, só fazia uma simulação, entrada de golpes... e depois eu ia lá praticamente porque não tinha na realidade muito incentivo, mais pra ta no meio do pessoal mesmo, de alguns colegas... mas eu gostava da modalidade né, lógico, porque era o que me trazia para o convívio... ia só pra tatame, fazia alguns exercícios, entrada

de golpes, aprendia a cair, rolamentos... e tinha algumas técnicas lá que eles ensinavam de hapkido também... e alguns golpes de caratê que eles faziam lá né, eles tinham 3 modalidades na mesma academia... então eu comecei daí, mas aos 20 anos, aliás, aos 22 anos, aí eu comecei no judô da [nome do bairro], lá com o professor [nome do professor]...eu comecei lá com ele no ano, mais ou menos no ano de 89, 90, por aí... e segui em frente... eu parei em 94, aposentei o judô, por causa do trabalho... e foi no judô que eu ganhei muito equilíbrio, aliás foi no judô que eu ganhei muito equilíbrio pra jogar futebol e também pra jogar o goalball... eu achei que o goalball, eu só tinha aquela explosão, a força de braço que eu tinha na época, por causa dessa modalidade, você usava muito braço né... era uma modalidade que usava única e exclusivamente a força... o caminhar no tatame, a maneira certa de você se posicionar, concentrar o peso no centro do corpo, na altura do estômago, a postura dos joelhos e dos pés, como caminhar na rua... então, era interessante, e visto que quando você ta com um lutador, você ganha muita força de equilíbrio psicológico... você busca muito o resultado né, você luta pelo resultado e pelas coisas da vida... mas você tem dificuldade, você busca, você vai treinar com chuva, eu acho que toda modalidade faz isso, mas você percebe que quando, cada esporte tem uma, não sei, isso é minha experiência, cada esporte, ele tem algo a ver com a sua personalidade... quando eu entrei no judô, eu me dedicava mais ao judô do que ao futebol, do que ao salto, enfim... porque ele me dava uma força moral, uma força psicológica muito maior... não sei se era pela disciplina que eles passavam... você ao entrar no dojô, cumprimentar o dojô, ao subir no tatame, cumprimentar o tatame, cumprimentar o mestre e cumprimentar o professor, desde o quadro, a foto pendurada do Jigoro Kano, criador do judô, e os faixas preta, você respeitava a gradação toda, eu acho que é uma questão de mentalidade, disso daí ter comigo, me trouxe pra vida esse ensinamento, de você chegar num lugar, de cumprimentar um, outro, de cumprimentar a todos... eu já tinha um pouco disso... quando eu vi isso e vi que isso era legal... onde a modalidade, você tem que viver disso, vivenciar, praticar esse ensinamento... então você traz pra vida, não tenha dúvida que a vida, ela se torna bem melhor... por isso que hoje, eu chego no goalball, eu tento cumprimentar um e outro... e tem aquela, na época que eu treinava, no dojo, eu deixei amigos lá... a gente traz pras modalidades, eu chego hoje no goalball e gostaria que fosse assim... aquela força de treinamento, bico calado e treinar mesmo, pra valer... então, me trouxe essa educação, que eu não esqueço até hoje... se tem uma coisa que eu não apaguei, de experiência positiva que tive foi essa disciplina do asiático... então eu peguei isso, cultuo isso e levo até hoje... fazer amizades, amigos... muita coisa que eu aprendi no judô, eu transmito pro goalball...

E – E falando especificamente do que você transmite do judô pro goalball, você falou também do equilíbrio que você tinha no judô e depois você passou pro goalball, como é isso de você passar uma coisa de uma modalidade para outra? Como é?

S3 – É o seguinte... eu não sei se as pessoas que estão lá, se elas percebem isso... eu tento passar... é a minha vez, minha vez de falar, eu procuro disciplinar, entendeu... é a minha vez de entrar, eu procuro me disciplinar... ‘ah, eu quero jogar’, não, não vou jogar... por que eu penso dessa forma? Porque quando eu estava em cima do tatame, que me sobravam garotos, eu tinha 20, 22 anos e me sobravam garotos de 11, 12, 13 anos pra treinar... de 10 anos... então eu tinha que ir devagar, treinava com calma... aquele treino, eu falava: ‘poxa, não aprendi nada hoje’... mas eu aprendi sim... eu aprendi que aquele dia era o dia da minha paciência, eu tinha que aprender que eu tinha que esperar a minha vez... no outro treino vinha aquele belo atleta, aquele atleta já de ponta, aquele atleta que vinha te passar como os fundamentos, como te

melhorar no treino, te corrigir postura... então, na realidade, eu não tava lá só pra aprender, eu tava lá pra passar também... porque aquele menino sabia menos do que eu... então, eu tinha que passar o que eu já sabia... então, quando chega alguém novo no goalball, eu me apresento dessa forma... eu acredito, por exemplo, que, passando esses ensinamentos, e você mostrando isso, você sendo assim, alguém talvez perceba e vá copiar alguma coisa, como eu também aprendo alguma coisa com eles lá dentro... a gente tá sempre aprendendo... então, quando o treinador me coloca 2 minutos antes de terminar o jogo, esteja ganhando ou perdendo, eu vou entrar, porque é a minha vez... aqueles minuto me soma... por mais que eu faça uma defesa ou não faça nenhuma, ou não faça nenhum gol, você entrou, você está colaborando... eu fiquei tão emocionado naquele jogo quando eu voltei, eu falei: 'po, mas eu to parecendo um garoto de 15 anos aqui'... eu com 41 anos, voltando no goalball, e meu coração fazia Tum, Tum, Tum, Tum, batia forte mesmo... nossa, nem quando eu estreei no goalball eu ficava desse jeito... mas o que era aquilo? Era alegria de voltar... poxa, to voltando... depois eu me dei por conta por que eu tava daquele jeito... meu coração batia e eu sentia ele na garganta, de verdade... e uma colega ainda gritou lá de fora: 'olha o coração'... ela falou aquilo brincando, mas de fato era verdade... eu tava emocionado mesmo... quando eu saí de lá, depois que eu percebi que eu tava emocionado, subiu pressão... mas não parece ali que você tem 40 anos... mas quando você volta e tem sentido aquilo pra você, aquilo faz parte da sua vida... aquilo pra você é importante, aquilo te tira do sério mesmo... você se emociona mesmo... eu soube esperar, era a época certa, era minha época de entrar... então toda essa experiência me cresceu muito né... então, o saber esperar, o judô me ensinou muito isso, saber esperar... então, desde o caminhar no tatame, eu treinava com um senhor, que ele tinha diabetes, 45 anos... era um homem novo, mas como ele tinha diabetes, ele se tornou muito obeso, ele não tinha muita resistência... então, quando eu treinava com ele... quem me ensinou a caminhar sobre o tatame foi ele... que ele me ensinou, ele me falava: 'olha, S3, o judô é uma valsa... presta atenção... vai pra lá e volta pra lá...' e eu ficava pensando 'o que ele ta me ensinando aqui?'... era pra ganhar equilíbrio pra você andar, se você não sabe andar, você cai... hoje em dia eu vejo que tudo é detalhista, a musculação é detalhista... o goalball hoje tem muito detalhe... essas minhas experiências nessas modalidades, elas podem ser encaixadas em outras modalidades... o que me deixou muito ensinamento pra vida foi o judô... e o que me deu muita base pra seguir em frente foi quando eu observava que eu conseguia algumas coisas e sempre tinha alguém do lado que acreditava naquilo... você encontrava alguns que desencorajava, mas você encontrava alguns que encorajava, e quando você tem coragem, você sorria pra aquilo e seguia em frente... a vida continua...

E – Eu queria que você falasse um pouco mais, saindo um pouco judô agora, indo pro goalball, desse jogo que você comentou agora, que você sentiu o coração na garganta, tal... me conta como é que foi ta lá naquele jogo...

S3 – Enquanto eu estava no banco, eu não me via dentro da quadra... eu achei que eu tava na arquibancada torcendo... quando eu entrei, a quadra pareceu que era ela outra, que ela era diferente... era um jogo assim contra uma equipe... estávamos ganhando o jogo... o treinador falou assim: 'ah, vamos mexer... entra e vamos tentar trabalhar a defesa pra segurar...'... voltei pra quadra... quando eu coloquei a mão na risca, senti a trave, aí eu dei por mim, eu caí em mim, a ficha caiu... eu pensei 'poxa, isso aqui ta me sendo possível novamente...'... porque eu achava que eu não poderia mais competir... por eu ter 41 anos e ter parado de treinar, vida sedentária, eu comecei a ter dores pelo corpo... dores nas articulações, um pouco de

encurtamento... eu andava, mas era muito pouco... eu me encurtava, isso foi encurtando meu organismo, minha musculatura... foi dando aquela compressão nas articulações... então eu sentia dores, dores... eu achava que, poxa, homem aos 40 anos ta acabado... não dá pra voltar mais... aí a gente reatou o trabalho aqui pela nossa instituição, em 2007, e aí começamos as modalidades... eu ia treinar e sentia muitas dores... nossa, saía... não eram só dores musculares, era articular mesmo... um cansaço, que era profundo né... então, tudo isso me fez naquele momento, eu não pensei nisso, eu pensei no jogo, porque o jogo era o consciente... mas no inconsciente, estava guardado todo esse processo que eu passei... então, foi interessante que, assim, eu tomei dois perus que eu nunca tomei na minha vida... nem no início do goalball eu tomei aquele tipo de gol... eu tava emocionado... eu voltei e me emocionei... porque o retorno 'ó, S3, você ta vivo de novo'... então pra mim foi emocionante...

E – Pra encerrar sobre o início da sua prática, tem algum tipo de experiência do seu início que mais te marcou, que você fala que foi a mais significativa, bem prazerosa, motivadora? No seu início de prática...

S3 – Início de prática de qualquer modalidade esportiva ou física?

E – Qualquer coisa... qualquer coisa que te marcou, que te tocou...

S3 – Foi de fato quando eu percebi aos 18 anos... quando eu perdi a visão... eu tinha 10 anos... então eu tive um traumatismo craniano e me doía muito a cabeça... foi aos 10 anos... só soltei à prática, pra vida social aos 13 anos, quando ingressei no [nome do instituto educacional]... então eu tinha dores de cabeça... comecei a fazer recreações na piscina, aulas de educação física, ginástica, tal... ginásio na época né... então eu fui sentindo que aos poucos a minha cabeça foi parando de doer... ta, o que eu atribuo a isso?... a modalidade física... atividade física de uma maneira geral... porque eu melhorei a articulação, eu melhorei a circulação sanguínea, e aquilo foi com certeza, foi melhorando desde a minha coordenação motora que eu precisava... eles já corrigiam postura na época e eu percebi que isso, pra mim, foi melhorando aquelas dores de cabeça... com 15 ou 16 anos eu não tinha mais... por causa das atividades, fui melhorando, o lado emocional, de acreditar na vida... eu acreditava que eu podia... então eu percebi que aquilo fazia parte de uma saúde... foi aonde eu percebi naquela época que melhorou as minhas dores de cabeça... e as modalidades que eu fazia na época foram benéficas né... eu passei a perceber isso aos 17, 18 anos... e graças à modalidade física e ao esporte que eu me entrego de corpo, alma e espírito, entendeu... vindo pra cá, indo pro goalball, eu vou mentalizando a quadra, vou mentalizando bola, vou mentalizando jogadas, venho pra cá, venho mentalizando exercícios, de uma maneira prazerosa... eu agradeço muito a Deus por ter me colocado, eu agradeço muito à vida né, por ter me dado a oportunidade e ter me colocado no meu caminho, no esporte e nas modalidades, que hoje bem comum...

E – Então, também vamos agora falar de hoje, especificamente do goalball... como é praticar o goalball hoje pra você?

S3 – Hoje o goalball, ele é mais prazeroso praticar do que antigamente... hoje eu faço o goalball com tranquilidade... lógico, é diferente de quando você começa... até porque na época tavam vindo aprendizados, ensinamentos, mas hoje, como eu vivenciei essas situações todas, hoje o convívio social com os amigos, que esteja dentro da quadra, quer seja no banco, ou

fora, torcendo, pra mim é o mesmo... porque eu faço parte de um grupo... na época, quando eu comecei, eu fazia parte de uma equipe que visava campeonato como eu viso hoje... voltei a visar a conquista, ao jogo, voltei a achar que é possível de repente começar o jogo e ajudar a equipe a ganhar... ou de repente 'ó, esse jogo não é pra você... fica lá..., fica no canto, vou te usar em um outro momento...'... isso, hoje pra mim, eu entendo de uma maneira mais ampla... antigamente, pra mim, eu achava que o goalball, como todos os esportes, era mais competido, que só era gostoso depois da vitória... hoje não... hoje pra mim o goalball, ele é gostoso quando eu vou pro treino... quando eu entro no vestiário... é prazeroso quando o professor fala 'ó, você errou'... vou errar sempre... quando o treinador ta ali como amigo... então, na realidade, hoje, pra mim, é uma realização prazerosa, pessoal a prática do goalball... hoje eu não tenho aquela carga da obrigação de ganhar... não, eu me sinto feliz hoje porque eu pratico... e com alegria e com felicidade da essa impressão que você busca mais... você entra mais tranquilo... porque você sabe que, por mais que você, de repente, não deu pra ganhar, você fez ali, você montou um esquema, você conseguiu realizar... você conseguiu, a vitória não significa que você não ta realizando... você ta praticando... as vezes você faz de tudo num jogo e não ganha... as vezes você faz um jogo péssimo e ganha... acontece... então, dessa maneira hoje, eu pratico de uma forma, ela não é amistosa... ela é amistosa quando eu me refiro à amizade, mas ela é competitiva... mas ela é amistosa quando eu coloco assim hoje, eu sei compreender melhor as pessoas... hoje eu falo que eu pratico o goalball, talvez até com mais respeito que antigamente, porque hoje, você aprendendo, talvez você saiba respeitar mais...

E – E como é ta na quadra jogando? O que você sente? Como é? Tenta descrever pra como ta na quadra jogando... se você precisar, imagine que você está dentro de quadra agora, jogando... tenta descrever como é...

S3 – Bom, é... lógico que depende muito da situação... você entra num jogo que seu time ta ganhando e você vai e completa ou aquele que você ta ganhando, de repente você entra e seu time toma uma virada, ou de repente você entra e não consegue virar... por exemplo, quando eu faço um arremesso, que eu vejo que eu errei e to errando, eu vou ter que mudar, hoje eu mudo com mais facilidade... hoje eu sinto isso com muito mais facilidade... teve jogo no passado, por exemplo, que eu arremessava a bola e ela ficava de um lado só, hoje eu tento distribuir, é possível distribuir mais, hoje... porque eu to adquirindo hoje mais calma, mais paciência... porque eu não tenho aquela cobrança... eu acho que talvez é isso que tenha que passar pros demais de hoje... a gente se cobra muito em vitória... hoje eu tento buscar um desempenho pra fazer um bom papel... situações de jogo, elas acontecem... você ganha ou perde... hoje é mostrar que eu estou aí, vivendo, não sei quando vou parar... estou tendo oportunidade de retorno... eu nunca joguei tão equilibrado quando nos últimos jogos que eu fiz...

E – Mas quando você ta jogando... imagina que você ta jogando e que você ta com a bola ou que você vai fazer uma defesa... vai, o jogo vai começar... você ta dentro de quadra, na sua posição, o árbitro da os três apitos e comando pra iniciar o jogo... como é? o que você sente?

S3 – Quando ele da o apitinho, eu sinto expectativa, acho que todo mundo sente... por mais que você seja tranquilo, todo mundo sente... por mais que seja uma equipe poderosa do outro lado, ele não sabe o que o outro adversário vai fazer... por mais que ele, 'ah, vai ser fácil', ele

não sabe o que vem pela frente... situação de jogo quando o árbitro apita, que você ouve lá, 'quiet please', 'play', é complicado meu, da friozinho sim... é uma situação normal que eu acredito que qualquer atleta, qualquer competidor hoje, ele sente... mas todo jogo, por mais que você ta mais tranqüilo, no início do jogo... eu acho que o apito que mais te deixa na expectativa, como você colocou bem, é os três primeiros apitos... inicial do jogo... nem o segundo tempo, porque já ta rolando... mas os três primeiros apitos iniciais, mesmo que você esteja no banco ou dentro na quadra... quando a bola tá indo, no banco ainda você fica tranquilo, mas lá dentro é diferente... eu acredito que eu já esteja naquela situação já de competidor normal já, isso é muito comum... ele é emocionante...

E – E tem algum tipo de experiência que você destaca como mais significativa hoje no goalball?

S3 – Hoje, o que mais me significa no goalball hoje é o interesse, é o crescimento da modalidade em si... porque as pessoas tão vendo que elas tão tendo um benefício de uma forma ou outra... de repente são outros benefícios que eu nem mencionei aqui... vendo a modalidade em si do goalball sendo inserida como esporte, porque o goalball quando entrou no Brasil, o goalball era visto como um jogo, nossa, tinha até inclusive chacotas dos próprios cegos... quando falavam como era feito o goalball, porque já existia futebol no Brasil... e de experiência significativa hoje, pra mim, é força que ele vem tomando dentro do Brasil... eu acho que é a modalidade que mais tenha praticante hoje no Brasil... a modalidade que mais cresce é o goalball, então ela vai se tornar muito competitiva... uma equipe que é campeão hoje de goalball no Brasil, olha, não é fácil não, ein...

E – Qual tipo de experiência esportiva você destaca como importante, motivadora, prazerosa, significativa na sua vida?

S3 – Ah... foram várias ein...

E – Tem alguma que você destaca mais ou que você gostaria de falar?

S3 – Eu posso pegar uma, mas eu não posso enumerá-la em um escala de importância... que todas tem o seu momento né... ah, eu vou me reportar aqui a experiência da São Silvestre vai... quando eu corri com Conga [risos]... que não foi fácil... você acordar 6 horas da manhã e correr 11 horas da noite... não descansou, não dormiu, foi de condução, foi e voltou... ficou lá sentado... voltar pra casa e guardar o jornalzinho lá da corrida... então acho que essa daí foi, não vou falar que é a mais importante, foi a primeira que marcou muito... eu posso contar aquela também do judô que eu fraturei a mão... eu nem percebi que eu fraturei a mão e continuei lutando... vi que tava doendo, fui parando, fui parando, e no final da luta você já tem que cumprimentar o amigo lá... então é interessante... você sai, você perde, você sai machucado e ainda cumprimenta... eu acho que é um aprendizado, um ensinamento muito grande, de você tem que levar pro lado da humildade e da sabedoria né... que não tem nada a ver, que você não pode misturar... e no goalball eu ia falar da minha quebra de limite mesmo, que é hoje no goalball e na musculação... eu acho que eu coloco meu interesse de vida hoje como a maior... hoje ela é a minha superação, minha superação de limites, do meu lado físico né, de querer transformar a coluna, o meu desvio de lombar, você tem que ajustar... coxa, lombar, dorsal.. então hoje, isso me exige muito mais... então essa experiência hoje, ela me

motiva... é uma outra fase, não posso falar que é melhor que a aquela do início, porque aquela do início você não tinha os incentivadores que eu tenho hoje, no goalball e na musculação... na época a gente ia mais pela vontade de acreditar, hoje a agente acredita porque a gente encontra com mais facilidade as pessoas, porque tá mais divulgado, mas só que o lado físico, hoje, você tem que trabalhar mais... só que eu encontro pessoas que me dão esse respaldo, situações que me dão... você tem um apoio de seguir na vida... então, eu coloco essa hoje do retorno, vou colocar no momento, porque essa do momento é a mais importante, e que me mostrou que a vida não acabou ali nos 35, 38... você pode praticar sabendo dosar a alimentação... você consegue praticar hoje quase que normalmente, como uma pessoa mais jovem, que você se adéque aos treinamentos, você se discipline... bom, disciplina eu já tinha desde antigamente, desde quando eu comecei, eu consegui... isso não mudou... mas hoje eu encontrei pessoas com mais recurso...

E – Pra terminar, tem alguma outra experiência no início, ou agora atual, ou no momento de transição do esporte na escola pro esporte institucionalizado, tem algum tipo de experiência em qualquer desses momentos que você destaca como significativa pra você e você gostaria de falar aqui?

S3 – Eu acho que... vou colocar o início, então, vai... quando as pessoas não acreditavam que nós poderíamos hoje estar vivendo essas situações de momentos de crescimento do paradesporto... a barreira que foi rompida, porque eu cheguei a ouvir... natação não era o meu forte, eu mergulhava muito bem, eu tinha bastante fôlego, ia rápido debaixo d'água... aí uma pessoa olhou e falou assim: 'ó, aquele ali treina bem... ele não tá nadando bem?... nossa, poderia ensinar ele de uma forma melhor...'... uma senhora bem simples falou, ouvi ela falando isso... de longe eu vi o professor falando da seguinte maneira... isso eu tinha uns 16 anos... 'ah, mas não o porquê de ensinar tão bem... ou seja, é só fazer os movimento, porque ele... ele não vai competir, ele não vai virar um atleta...'... mal eles sabiam que o que tava por trás, 4 ou 5 anos depois, ia ser aquela explosão do paradesporto... que começou em meados de 80... isso ficou guardado... em meio a esse lado ruim, de decadência que eles estavam vendo, tinha um lado bom da coisa, que eles não percebiam o quanto as pessoas podiam ir longe...então, o que eu destaco nisso tudo, como eu destaquei lá no crescimento do goalball, o destaco o crescimento da pessoa num todo... o respeito com que essas pessoas vão sendo tratadas hoje... deixando de ser segregadas, deixando de estar dentro de suas casas... e as modalidades vai abrindo... é lógico que nem todo mundo é dado a esporte... uns vão mais pra recreação, outros vão pra competir pra valer, outros tem aquele sentimento que tem que cobrar da equipe, entendeu... então, o que destaco hoje é esse crescimento... é esse respeito que as pessoas vão tendo no qual aos poucos, as igrejas, as universidades, as escolas, elas vão dando oportunidades, vão se abrindo, o mundo vai se abrindo para que as pessoas comecem a participar dele de uma forma social, de uma maneira muito mais efetiva, com muito mais qualidade, mostrando que elas tem direito de ser feliz... então, são formas que vão sendo criadas pro ser humano viver, de maneira feliz... não importa aonde esteja...

E – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

S3 – Ah, o que eu tenho a falar é agradecer a oportunidade da sua entrevista... sempre que você precisar, a gente tá aí pra colaborar, pra contribuir... mais um momento de experiência na minha vida, porque teve coisas que eu falei aqui que eu ainda não tinha pensado... eu pensei

em cima das perguntas que você me fez... eu já tinha lembrado de coisas, mas não tinha melhorado tanto...

E – Eu é que agradeço, S3!

Transcrição integral da entrevista: Sujeito 4

Entrevistador – Como surgiu o esporte em sua vida?

S4– Então, foi assim ó, desde pequenininha eu sempre gostei de esporte... eu acho que eu trago um pouco do meu pai, porque meu pai, ele foi goleiro né, desde tão pequeno ele começou a praticar o futebol e ele era goleiro de futebol de campo... aí na minha família nós somos em 4 irmãos, sendo que os dois mais velhos não gostam, não praticam esporte e tem eu, a caçula, e o [nome do irmão], que a gente gosta do esporte... e é desde pequenininha... eu já brincava de bola na rua, mas assim o que eu mais comecei a fazer mesmo foi o basquete quando eu tinha 10 anos, 10, 11 anos...

E – E como foi esse início de contato com o esporte, no basquete?

S4 – Então, o basquete, nunca ninguém me chamou pra jogar não... um dia eu tava passando numa praça que tem lá na cidade onde eu morava, aí tava tendo um treino de umas meninas lá e, pra ser sincera, eu nem sabia o nome desse esporte né... eu só via elas jogando e achei interessante... aí eu perguntei pra técnica o que eu tinha que ter pra jogar... aí ela falou assim: você tem que ter um short, uma camiseta e um tênis, só e se inscrever... aí eu peguei e me inscrevi... aí no outro dia eu já comecei a praticar e eu gostei muito... foi assim que começou e depois eu não parei, só parei mais tarde né, quando tive que parar, mas aí eu continuei no esporte, no basquete... e no basquete eu pratiquei assim pelo colégio e aí depois eu já competi também né, a nível de competição eu treinava...

E – E como era praticar o basquete? Como você se sentia? Como era? Você lembra da sua experiência praticando o basquete?

S4 – Eu lembro... eu lembro assim que era muito interessante né, porque a gente treinava três vezes por semana e, assim, no esporte, ali dentro, era um momento assim que eu me realizava assim e ficava muito feliz, porque cada dia numa quadra, eu descobria que eu aprendia mais e mais e mais e podia ir além dos meus limites né... se ontem foi de uma forma, hoje eu já conseguia me sair melhor em algumas coisas que eu ia aprendendo de novo... e, assim, eu gosto de né, eu gosto de praticar esporte, me faz bem... e serve mesmo como uma terapia pra mim, desde tão pequena né... me faz bem... e é bom a gente fazer alguma coisa que faz bem pra gente... então foi muito interessante... eu primeiramente, eu pratico por gostar e eu também gosto de competir... então eu, desde pequena, eu não pratiquei só porque eu gosto de praticar, eu gosto de treinar, eu gostava de treinar o basquete, eu treinava com muita força de vontade, fazia meus treinamentos, era disciplinada, porque aquilo lá me trazia uma felicidade muito bom [sic], muito grande pra mim, pra minha vida... e assim é muito bom, é muito bom praticar esporte... e é por isso que eu, que eu gosto de fazer aquilo que eu me sinto bem fazendo... eu me sentia realizada dentro de quadra...

E – Como assim se sentir realizada dentro de quadra? Como era isso?

S4 – Ah, realizada é assim... vamos supor, eu jogava como atacante, volante, pivô, eu joguei tudo né... e assim, realizada é você ta dentro de uma quadra e poder assim ajudar o grupo né, e

a gente se sair bem... eu me sentia realizada toda hora que eu tentava fazer alguma coisa, uma jogada diferente e aquilo saía do jeito que eu queria... realizada porque, a cesta que eu mais gostava de fazer era os pontos de 3, eu tinha, graças à Deus, facilidade de fazer isso, sempre jogando da direita da quadra... então assim tinha alguns pontos que eu jogava melhor do que os outros, então eu me sentia realizada nisso... conquistas e até mesmo experiência que a gente adquiria até por alguma competição que a gente não ganhava, mas a gente levava com a gente conhecimento, aprendizado mais do pessoal da equipe adversária, aprendia com os erros, a não fazer mais, a buscar os acertos, em cima dos erros... então é nisso que eu me sentia realizada...

E – E você lembra de alguma experiência da época que você jogava que te marcou, que foi significativa pra você, que você se lembra muito?

S4 – Ah, eu lembro de 3 coisas... que aconteceram assim quando eu praticava o basquete... é uma que o treinador me desafiou, e isso me deixou muito chateada, ‘puteada’ na hora, só que depois eu fiquei tão assim que daí eu queria mostrar pra ele que não era o que ele pensava... isso marcou bastante... a outra foi que quando eu comecei a jogar assim, que eu me saía bem, assim, na posição que eles me colocavam eu tinha êxito, o pessoal do colégio começaram a me chamar de ‘Hortência’... eu não sei até onde que isso é verdade, mas isso foi um experiência legal assim, foi bom, poder transmitir pras pessoas que eu sabia jogar, que eu jogava com vontade, muita vontade mesmo... e outra foi quando eu arremessei uma bola e fiz cesta, isso eu nunca esqueço... então isso aí, acho que são poucas pessoas que viram isso na época, eu tava em treinamento dentro do colégio, mas foi uma coisa assim muito interessante assim... eu sei que não é qualquer um que vai acreditar, mas é verdade, eu fiz essa cesta e eu queria que alguém tivesse filmado na hora pra depois eu mostrar pras pessoas, porque é uma coisa que eu nunca esqueço... então, e esse esporte assim acho que ele exige muita força no braço, sei lá, e isso eu já nasci com ela né, força... e eu tive muita força... e isso é uma experiência legal, a gente poder fazer uma cesta de tão longe né... e você assim as vezes nem acreditar em você, mas fazer, ter aquela atitude né, e foi uma experiência legal... que eu tive...

E – Entendi... então vamos lá, eu queria que você falasse de cada uma dessas em separado... como é que foi essa experiência que você teve que o técnico te desafiou?

S4 – Não, porque foi assim... primeiramente, a gente tava fazendo alongamento e eu tava meio dispersa no alongamento né... aí ele não gostou e ele me deu uma bolada na cabeça né, tacou a bola de basquete na minha cabeça... aí ele me chamou a atenção desse jeito tacando a bola de basquete na minha cabeça... aí eu olhei e falei: que foi?... ‘eu quero que você venha aqui treinar né... você ta aonde agora?’... ‘não, eu to aqui, eu tava amarrando meu tênis...’... aí ele falou assim: ‘ó, seu time é aquele... vocês vão fazer um jogo de relógio’... não sei se você já ouviu falar... é treinamento só de arremesso... a gente faz uma fila no início do garrafão... a gente vai contornando o garrafão... e a minha equipe era a equipe mais fraca que tinha assim sabe... eles dividiam um grupo de três meninas, minha equipe foi bem fraquinha, tinha umas meninhas fraquinhas na minha equipe né... e ele já fez aquilo mesmo pra ver qual que ia ser a nossa reação... aí eu fiquei ‘puteada’ com a bolada que ele deu na minha cabeça sabe, e eu não gostei... aí na hora eu comecei a perder, eu não conseguia fazer cesta, fiquei nervosa, eu não fazia cesta... aí ele me desafiou, ele falou assim: ‘ué, cadê a Hortência?’, que o pessoal me chamava de Hortência né... aí ele: ‘ué, cadê a Hortência? Não to vendo ninguém jogar hoje... você ta perdendo pras meninas, as meninas tão no meio do garrafão e você tá aí ainda com a

sua equipe!?’... aí eu fiquei muito chateada... de uma certa forma assim, ele não quis brigar, ele não quis cobrar, mas acho que ele quis me acordar assim né... ‘se de um jeito não dá, então vamos fazer isso com a S4 pra ver se ela, abre aí e começa a treinar legal...’... aí ele fez isso comigo, aí eu respirei assim, e falei pras meninas né, que a gente ia conseguir chegar lá onde as outras estavam já, que elas estavam mais da metade já, assim jogando no garrafão... é uma treinamento lá de relógio, que vai fazendo assim [movimenta o dedo indicador no ar mostrando o direcionamento da atividade]... aí eu comecei a treinar, eu comecei a prestar mais atenção nos arremessos e fui... e fui indo, fui indo, eu e as meninas... então, a gente começou a marcar ponto, marcar ponto, marcar ponto, aí depois eu tinha facilidade de arremesso de 3 pontos, aí a gente foi passando na frente das meninas né... e a gente terminou em primeiro e a gente tava em último... e foi bem interessante essa experiência assim, esse jeito que ele fez comigo assim, me chamou a atenção, aí depois ainda passou um tempo eu até falei pra ele que se ele não tivesse feito assim comigo aquele dia, talvez eu nem teria treinado bem, porque eu não tava legal, eu não sei qual foi o motivo, fora de quadra, sei lá o que aconteceu, que me deixou dispersa no treino né, então talvez se ele não tivesse feito isso, eu talvez não teria me focado no treinamento daquele dia...

E – E da sua experiência que você recebeu um apelido, de Hortênciã, como foi?

S4 – Ah, não sei... eu tava treinando, aí tinha um amigo meu que chamava [nome do amigo], aí na hora assim, eu treinando normal, aí eles me colocaram pra treinar com o pessoal do terceiro ano, e eu tava na quinta série na época, e eu era a menorzinha de todas, porque eles me colocaram no time de homens né, pra treinar com os meninos... e eles eram todos grandões assim, era muito fácil né, eles fazerem cesta né... só que eu era muito rápida dentro de quadra... aí eu comecei a jogar de igual pra igual com eles, não me sobressaí deles, mas eu joguei de igual pra igual com meu time né... aí depois disso o [nome do amigo] começou a falar: ‘Hortênciã, Hortênciã, você joga igual a Hortênciã, S4’... e daí começou, daí todo mundo chamava, quando eu ia jogar assim, o pessoal falava... e meu professor sempre de olho em mim né... até ele já chamou algumas vezes também de Hortênciã né... não sei se era pra tirar sarro ou se era mesmo... mas é isso... de Hortênciã foi isso que aconteceu...

E – E como você se sentia?

S4 – Sei lá... me dava vergonha... me dava vergonha, eu falava: ‘ah, que Hortênciã! Nada a ver com Hortênciã... acha, eu sou a S4, ela é a Hortênciã...’ ... ‘não, mas você joga bem igual a ela’... eu: ‘ah, obrigada’... mas assim, eu me sentia mal as vezes sabia... em vez de me sentir bem, me sentia mal... porque eu nunca, sei lá, eu nunca ia saber se aquilo ia ser como sendo falso ou sendo verdadeiro... então, eu não deixava isso subir na minha cabeça, nem pro lado bom, nem pro lado ruim não... e até hoje eu não gosto muito assim de comparação não, eu acho que isso depende muito né, de como é visto...

E – E da última que você comentou, da cesta do meio da quadra... Como foi?

S4 – Então... ah, foi natural, foi muito natural, natural mesmo, porque, eu tava, não sei se você já viu um treinamento que você faz de basquete que você sai da ponta da quadra, aí você faz o quadrado do meio, tudo jogando, batendo a bola no chão... isso é pra melhorar a batida mesmo da bola, porque você tem que bater a bola no chão e pegar ela diferente, porque não é de

qualquer jeito que se pega a bola de basquete, ela tem que encaixar na tua mão... então, isso é pra ver a facilidade que a gente tem, tal, de bater a bola, de pingar... e era um treinamento assim que era individual, sabe, não tem ninguém assim perto... então, eu cheguei mais cedo e comecei a fazer esse treinamento, corria na quadra né, com a bola... aí teve um hora que parti a quadra né, no meio, aí eu fiz, do meio da quadra, fazia aquele quadrado... aí uma hora eu cheguei no meio da quadra assim, e dei três passos e arremessei... mas não era, não fazia parte do treinamento, você acha que o professor ia mandar a gente treinar do meio da quadra, jogar na cesta, ele nunca fez isso... aí eu fiz, e foi... de 'chuí', a bola... aí foi isso que aconteceu, aí eu não acreditei não em mim... aí eu olhei assim e falei: 'caramba, ninguém vai acreditar...'... e foi muito legal, foi muito bom... que eu tinha um prazer muito grande de fazer cesta né... ainda mais, quanto mais longe pra mim, era melhor fazer cesta... eu não tinha muita facilidade de fazer cesta debaixo do garrafão não... era mais de longe mesmo...

E – E como era fazer essas cestas de longe? Como era esse prazer que você sentia?

S4 – Ai, prazer de quebra de limite, quebra de obstáculo, porque assim, não é qualquer pessoa que faz... você sabe disso... cesta, as vezes se você fica bem pertinho, ainda você acerta, tem que fazer aquele negócio de jogar no ângulo né, de bater no ângulo e entrar... de não bater no travessão lá, senão não entra, no aro... então, assim, eu tinha facilidade né, e sempre da direita da quadra... vamos supor, a cesta ta na minha frente, eu tinha que vir para cá, pra minha direita, ficar meio na diagonal pra acertar a cesta né... então foi sempre assim... e era muito bom... eu me sentia bem, fazendo cesta... e cada cesta que eu fazia era muito bom... sentia que eu era capaz de fazer cesta de, cada dia, mais longe... era bom...

E – E isso você sentia no momento que você tava arremessando?

S4 – É, e até hoje quando eu lembro, me dá uma negocinho no coração assim de ficar lembrando, de como que era, ainda dá saudade assim... por um lado... tanto que até hoje quando eu vou numa quadra que tem cesta, eu fico tentando acertar a bola de *goalball* dentro da cesta né...

E – Tem mais alguma experiência, alguma lembrança que você tem da época que você jogava basquete que te marcou, que foi significativo, foi prazeroso? Alguma coisa que você gostaria de destacar aqui?

S4 – Que foi prazeroso... é como eu te disse, quando eu estava dentro de uma quadra, tudo era prazeroso, até os tombos que eu levava sabe... então tudo me dava prazer dentro de uma quadra, porque é além d'eu falar, é além de uma fala, de uma palavra, sabe... é sentir mesmo... então eu sentia muito prazer de estar dentro de uma quadra, de ouvir a bola, de pegar a bola e arremessar, sabe... de tomar a bola, de ir pro ataque... então isso tudo me dava prazer né... é como eu te disse, acho que quando a gente faz algo, seja ele qual for, mas a gente faz algo que a gente gosta, eu acho que ele dá prazer né... e tudo... até hoje, se eu pego uma bola e tento acertar na cesta, me dá prazer!... mesmo eu sabendo que talvez eu não vou acertar... eu sonho até hoje que eu jogo basquete... então é uma coisa que me marcou muito... e eu gosto né... só que no meu sonho eu nunca acerto a cesta... estranho né... eu sou meio assim mesmo... mas no meu sonho eu não acerto não...

E – E depois você falou que teve que para de jogar o basquete, teve que interromper...

S4 – É, aí eu parei... eu parei, eu tinha, eu ia fazer 15 anos... porque aí eu conheci o pai da minha filha, a gente foi morar junto né, aí eu comecei a trabalhar, estudar a noite... aí só, teve algumas vezes só que eu fui treinar, mas depois eu parei mesmo, definitivo né... houve assim um, tive né, obrigatoriamente tive que parar mesmo foi depois de 15 anos que eu engravidei e aí fiquei cega né... aí eu parei mesmo... aí não teve mais como né... eu continuar jogando... aí eu parei com o esporte, parei com quase tudo... mas eu já tinha 15 anos...

E – E como foi esse momento que você teve que interromper a prática?

S4 – Então, eu acho assim, que a gente tem que ser feliz com aquilo que tem a disposição da gente no momento né... eu era feliz com basquete, eu era feliz, que eu não deixo de ver como um esporte também, andar a cavalo, eu era feliz em andar de bicicleta, mas teve um momento que eu tive que parar devido a perda da visão... mas tinha outras coisas que substituía de alguma forma, amenizava a dor de ter que abrir mão de tantas coisas... que era a minha filha, eu tava grávida, então isso me deu força o suficiente assim pra não me entristecer pelas coisas que eu não podia mais fazer né, mas sim saber que tinha outras coisas a serem feitas na minha vida né... então, assim, eu tentava não esquentar a cabeça muito, tipo, ‘ah, eu não vou poder mais jogar basquete’... eu tentei muito na minha vida, até hoje, a eu não me lamentar né... por aquilo que eu não consigo fazer mais... mas sim ver que tem outras coisas né, nem tudo ta perdido... então pra mim eu não sofri não, eu senti falta, diferente né... senti falta, senti assim dia de chegar aquela hora de treino, eu não treinar mais, senti falta de ta com o pessoal, tudo, mas nada assim que me fez tão mal não...

E – Com relação a esse seu sentimento de quando você parou, eu queria que você descrevesse mais como é que você se sentiu quando você parou mesmo, de fato, de treinar, seja pelo caso do trabalho, da família, da perda da visão...

S4 – O que senti? É falta, falta de algo sabe, porque assim a gente acostuma praticar esporte... e quem gosta, gosta, é uma coisa que ta dentro da gente, eu não sei explicar de onde vem, eu só sei que ela fica dentro da gente ali... e assim pra você ver que o esporte, quando a gente gosta de praticar ele, ele nunca sai das nossas vidas... se você não é capaz de jogar basquete, mas mesmo assim você gosta do esporte, você vai fazer um futebol de salão, vai fazer um ‘society’, vai fazer um ‘futebol de suíço’, vai jogar ‘fubeca’, vai correr, vai... então assim tem muitas coisas né... e eu sempre ali, eu ficava pensando, e eu sentia falta... eu sentia assim que alguma coisa tinha mudado e era o fato de eu não poder mais praticar esporte... só que assim, eu não, não tem esse negócio assim, vamos supor, hoje eu tenho que parar de fazer alguma coisa... se eu tenho que parar por algum motivo, eu tento não ficar pensando naquilo que eu não posso, sabe... é, dirigir, eu não posso dirigir, então eu não fico pensando naquilo que eu não posso fazer... então pra mim assim, foi perda?, foi perda, não pude mais praticar o basquete... mas só que eu tinha outras coisas que eu tentava fazer que não me deixava assim mal... falta, é lógico, a gente sente, mas não triste e de mal com todo mundo porque eu não me sinto no momento capaz, apta mais pra praticar o esporte... e eu pensava no momento que eu nunca mais ia praticar o esporte, porque até o momento ali, eu não sabia que existia esporte pra cego, essas coisas assim... não fazia parte do meu mundo... me acostumei bem a não praticar...

E – E depois quando você soube que tinha o esporte pra cegos e você começou a praticar? Como que foi?

S4 – Então, foi bom, ein... foi bom porque eu comecei não pra competir... aí foi em 2001 já né, que eu conheci o esporte... aí, o que aconteceu: antes de eu começar a praticar esporte, eu comecei a ouvir na televisão sobre paraolimpíadas... e isso já me chamou a atenção né... opa, paraolimpíadas né... tinha uma moça na época que corria, tal... então, aquilo já me chamou a atenção... eu: ‘ah, correr, poxa nem gosto de correr né, mas é uma esporte’... aí depois que eu comecei, um dia alguém me falou sobre um *goalball*... que tinha *goalball*, e isso foi em 2001, que tinha um esporte com o nome de *goalball* e essa pessoa quis me apresentar o *goalball*... até essa pessoa fazia parte de uma associação de deficiente visuais de [nome da cidade e do estado]... aí eles falaram assim que tinha um esporte e que acham que eu ia me dar no esporte, no *goalball*... porque eu gostava de esporte, eu sempre falava que eu sempre gostava, praticava, até 15 anos, depois eu parei, tal... aí o pessoal falou que ia me levar um dia pra eu ver o esporte, o *goalball*, pra ver o que eu achava... aí quando eu cheguei na quadra, aquela quadra fechada na faculdade lá em [nome da cidade], aquele povo tudo no chão, de joelheira, cotoveleira, mulher contra homem, homem contra mulher, aquela bola pesada, toda furada, uma bola estranha, mas na hora que eu peguei a bola, eu lembrei do basquete... por que? A bola de *goalball*, ela é muito parecida com a bola de basquete... ela é maior, eu acho um pouco, se for, muito pouco, e ela é mais pesada, e ela não quica, mas ela me lembra muito a bola de basquete, muito, muito, muito... aí antes deles começarem o treino, eu peguei a bola e falei: ‘gente, o que a gente faz com uma bola dessa? Ela não quica! Como que é esse esporte?’... aí eles foram me mostrar, de pouco em pouco, explicar como era o esporte, me apresentar mesmo pro esporte, pro *goalball*... aí eu achei interessante mais ou menos né... eu achei que o povo era muito bobo de ficar na quadra se jogando pra defender uma bola né... aí, eu achei estranho né... eu falei assim: ‘ah, não deixa de ser um esporte... já é meio caminho andado, eu posso fazer alguma coisa...’... aí um amigo falou: ‘oh, S4, você pode fazer esse esporte pra ajudar você na sua orientação e mobilidade, pra você ter mais conhecimento do espaço físico, pra você aprender a andar sozinha, usar bengala... o esporte, ele é bom’... e eu sei o quanto o esporte é bom mesmo... aí eu peguei e falei assim: ‘ah, então ta... então eu vou vir outras vezes pra eu ver como que vai fazer, como é que eu vou me sair né... se eu ver que eu sinto um prazer, eu fico, senão, eu não fico...’... igual ao vôlei, vôlei eu não tenho prazer nenhum de jogar né... aí eu peguei e falei: ‘tá, se eu sentir alguma coisinha de amor pelo esporte, se eu sentir alguma coisinha que me faz lembrar do sentimento que eu tinha quando eu fazia parte do basquete, eu treino, senão, não’... e tinha somente 8 treinamentos antes do regional, e eles falaram que tavam precisando de uma menina mesmo que fosse pra ficar no banco... aí eu peguei e falei assim: ‘então ta, então vou treinar’... aí o primeiro dia que eu fui treinar, eu fui de shorts jeans e camiseta... e treinei, de shorts jeans, camiseta... treinei assim, fui conhecer a quadra, a trave, como que ficava, assim, as regras né, básicas do *goalball*... aí eu fui e treinei um dia... no primeiro dia assim, eu me sujei, aí eu levantava, eu limpava a mão, aí, uma frescura né... aí eu achava muito estranho ter que ficar deitada no chão, tal... aí a bola vinha, eu não sabia defender... e foi assim né... mas eu senti assim alguma coisa né, desde o primeiro contato assim com a bola, eu já lembrei do basquete, já foi legal... aí, como eu tava dizendo, no primeiro dia, as meninas falaram assim, tinha duas meninas treinando, elas: ‘nossa, S4, acho que você ta bem’... e eu tomando gol, um monte de gol, tava bem nada né, nem sabia o que eu tava fazendo, quando era gol, eu nem sabia que era gol... mas eu gostei... aí

eu não parei mais... eu continuei treinando... aí até que eu fui competir também nesse regional...

E – E como é hoje jogar o *goalball*?

S4 – Hoje... nossa, é maravilhoso... desde o primeiro dia né, mas até hoje eu sinto prazer no que eu faço... eu amo jogar *goalball*... eu já tive muitas decepções fora de quadra, mas, assim, todas elas acabam quando eu entro em quadra... então, assim, as vezes eu to chateada com alguma coisa, sabe, até mesmo no esporte por ter tantas coisas que eu não concordo, mas quando eu entro em quadra, eu esqueço de tudo isso... eu entro ali pra jogar, pra competir, pra ta com as minhas amigas, pra fazer coisas diferentes... jogada ensaiada... então, eu tenho que fazer com a maior dedicação do mundo né... por mais que as vezes assim as coisas deixam a gente chateada, mas quando a gente gosta, a gente gosta né, então... a gente faz com amor, eu faço com amor... eu pratico esporte com amor mesmo e muito amor né... acho que é por isso que as vezes eu sofro, porque eu gosto muito do esporte... então as vezes eu sofro, pelo jeito que é visto o esporte hoje, o paradesporto né... mas eu gosto, e muito, do *goalball*... por mais que eu pratique também o campo, minha modalidade preferida mesmo, de amor a primeira vista é o *goalball*...

E – E como é quando você ta jogando o *goalball*, que você está dentro de quadra? Imagina que você está lá, jogando... como é jogar o *goalball*?

S4 – É bom... é muito bom, é satisfatório sabe... é uma energia muito grande e, assim, o que eu gosto também é mostrar pra mim mesma que eu posso jogar melhor do que eu joguei ontem, ser menos ruim do que eu fui ontem... tentar consertar os meus erros, as minhas falhas dentro de quadra... é superar meus limites, sabe... é quebrar barreiras dentro de quadra... é você sempre respeitar seu adversário como eu sempre respeitei, independente de qual equipe esteja do outro lado... então, assim, é a disciplina do *goalball* que me chama a atenção, porque dentro de quadra você tem que ter disciplina... e, assim, e hoje eu aprendi, eu tenho muito a que aprender no esporte e eu fico muito feliz no *goalball* por eu ter o que aprender, porque acho que nunca ninguém sabe né, de tudo na vida... então, assim, eu era muito ansiosa, e isso eu to lutando muito, e dentro de quadra que eu to buscando equilíbrio, porque a gente tem que ter equilíbrio, em tudo o que a gente vai fazer... então, assim, eu já melhorei muito assim a minha ansiedade dentro de quadra, afobação, toda nervosa, acho que isso, isso acontece dentro de quadra e acaba transmitindo assim de uma certa forma na vida da gente né, no dia a dia... então, isso ajuda muito assim na minha vida hoje, o esporte seja ele até hoje com vitórias, ou derrotas que eu já tive, dentro de quadra e fora de quadra, hoje o esporte, o *goalball*, ele me ensinou muito assim, e eu hoje, eu trago pra minha vida, muita coisa eu vivo hoje que eu aprendi dentro de quadra... o esporte não é simplesmente o esporte né... se você encarar sua vida aqui fora como um jogo, você pode ter certeza que a gente começa a enxergar nossa vida de uma forma diferente né... porque a vida da gente também é um jogo, e a gente tem que aprender a jogar pra se dar bem né...

E – E como é isso de enxergar a vida como um jogo? Tenta falar um pouco mais...

S4 – É assim, ó: vamos supor, como tem esporte individual e coletivo, a vida da gente aqui fora de uma quadra, fora de um campo, fora do esporte, ela também tem um jogo... tem um

jogo individual, tem o jogo meu comigo mesma, convivendo numa sociedade e comigo mesma, e tem o jogo de pessoas, da sociedade em si né... e é isso que eu falo, tipo assim, eu sou uma pessoa que eu aprendi muito no esporte a ser uma pessoa determinada... eu não sei se eu aprendi muito bem no esporte ou se isso já veio comigo de berço, mas eu tenho, eu acho que se eu tenho uma qualidade, acho que eu colocaria hoje a minha qualidade como determinação... acho que é a qualidade que eu vejo em mim mais forte... e tem defeito também ta, não é só qualidade... mas a qualidade é essa: determinação... e dentro de um esporte, você tem que ser uma pessoa muito determinada... e se você usar a mesma força que você tem dentro do esporte, a mesma vontade, a mesma 'garra', a mesma união, aqui fora, você tem mais chances de alcançar êxito do que você não trazer isso pra si... porque no esporte, tem derrotas, mas com as derrotas a gente aprende a superar e ir em frente e saber que a gente é capaz de numa outra competição de ser campeões... então, assim, a gente tem que trazer isso pra nossa vida no dia a dia também né, ou seja, num estudo, numa faculdade, até mesmo num colegial, no trabalho, a sua vida com você mesmo, com o namorado, com família, com a sociedade... então, você, é jogando o jogo da vida aqui fora, igual você é determinado dentro de uma quadra, penso eu, que é mais fácil a gente conseguir vitória aqui fora também... e por mais que a gente saiba que é difícil, tem derrotas, tem sofrimentos, tem perdas, mas mesmo com perdas, a gente tem que saber que a gente tem que continuar com aquela força, de vontade de lutar, de jogar, de vencer, de quebrar barreiras, porque limite na verdade quem coloca na gente é a gente mesmo né, então, é isso que eu penso...

E – E o que é o *goalball* pra você?

S4 – Ah, o *goalball*, o *goalball*, o *goalball* pra mim é uma coisa muito importante... e assim, eu não queria amar o *goalball* muito não, sabe, porque eu levei um tombo muito feio no *goalball*, mas eu não tenho como não amar o *goalball*... eu fico até bem quando eu to em casa, as vezes eu falo: 'ah, acho que eu vou para de jogar *goalball*, porque, acho que eu vou parar, vou dar uma ênfase maior na minha vida em setor de trabalho, de estudo, família... acho que eu vou deixar um pouco o esporte né, principalmente o *goalball*...'... mas quando eu começo a treinar, assim, volta tudo, aquela força de vontade, aquela determinação, 'eu vou treinar, eu vou conseguir... eu vou conseguir ser menos ruim, eu vou lutar, eu conseguir ainda participar de campeonatos importantes' porque eu faço o que eu gosto, eu faço, o que eu mais gosto de fazer é *goalball*, então isso é legal... então, assim, o *goalball* hoje ele me ajuda de uma certa forma muito, sabe... e eu sinto falta, muitas vezes eu não querendo sentir esse amor pelo *goalball*, igual que nem eu te falei, se eu não sentisse tanto amor por esse esporte, talvez eu teria sofrido menos... mas hoje eu já não, nem penso mais nessa ferida, já ta bem cicatrizada... e hoje eu penso assim que, a gente ficar fora de uma competição internacional ou paraolímpica, não significa que a gente deixou de ser bom naquilo que a gente faz, porque, pra você ir pra uma competição, você não depende só do seu desempenho, ainda mais de uma competição que é coletiva... depende muito do seu desempenho quando você compete modalidades individuais.... agora, quando é coletivo não depende só da sua capacidade, da sua qualidade, é isso que eu coloquei no meu coração... então eu continuo amando o *goalball* e continuo com o sonho sim, eu não vou falar pra você que eu não tenho sonho de voltar pra seleção, de fazer parte da seleção... eu tenho, tenho esse sonho ainda, e eu vou lutar, eu vou treinar pra que eu consiga ir de novo, fazer parte da seleção, eu quero... eu quero muito, porque a seleção é o topo maior que um atleta de *goalball* pode alcançar, que é a seleção... depois que você ta dentro de uma seleção, o topo maior é uma paraolimpíada, e eu não

alcancei ainda... me tiraram das minhas mãos assim de uma forma muito dolorosa, porque era minha a vaga e por alguns motivos que não vem ao caso me tiraram... então, assim, eu vou lutar muito, eu vou mostrar pras pessoas que arrancou o sonho da minha mão, eu vou mostrar pra eles assim que talvez as pessoas erram e eu posso ter errado naquele ano por ter ficado, ter tido a minha falha, mas eles também foram injustos, e eu fui injusta comigo também... então assim, eu quero mostrar pra mim primeiramente e depois pras outras pessoas que eu posso voltar e posso ainda fazer muito no goalball...

E – E tem mais alguma experiência que você lembra de quando você tava jogando o goalball de fato, que você tava lá dentro de quadra que foi uma experiência significativa, motivadora, que te marcou, que foi prazerosa?

S4 – Tem... foi uma experiência assim, em 2002, aconteceu uma coisa muito legal, porque em 2001 no meu primeiro regional, eu não fui banco como era pra ser, eu já entrei jogando, não porque eu era boa, mas porque não tinha menina... eu entrei jogando, fiquei o jogo todo jogando, ganhamos um jogo, perdemos todos os outros, eu fui a que mais tomei gol, e fui a que mais fiz gol, do meu time né... então nada tava perdido... o que assim aconteceu também que eu quero deixar aí pra você é que na época que eu fui pra esse esporte lá, competir esse regional, tinha algumas meninas que se sobressaiam muito no esporte, que eram as meninas da seleção... aí alguém falava assim: ‘o outro time, vai jogar fulana que é da seleção’... aí eu comecei a ver como elas jogavam bem, aí eu coloquei na minha cabeça ‘se a fulana joga, se a ciclana joga, por que eu também não posso? Eu tenho perna, eu tenho braço, eu tenho força, eu tenho mão... eu posso também ser uma boa jogadora de goalball e eu vou treinar e eu vou mostrar pra mim e pra esse time aqui que não vai ficar assim, eu não vou perder igual meu time perdeu esse ano’... aí eu treinei o ano todo, o ano todo eu treinava, de segunda à sábado, de segunda à sábado, e eu falava que meu time não ia tomar sacola que nem nós tomamos... aí eu treinava muito, me dediquei muito, porque eu sou assim, quando eu gosto de fazer alguma coisa, eu coloco na minha cabeça que eu vou fazer, pode ter certeza, viu, que eu consigo fazer... eu faço, eu dou o máximo de mim naquilo, eu me entrego de corpo e de alma... aí eu me entreguei naquilo... falei: ‘não, eu vou treinar’... aí essas meninas, elas me ajudaram de uma certa forma, por que? Porque elas mostraram, naquele momento elas conseguiram mostrar que eu também podia, e que elas, jogam bem, mas assim, não é porque elas são as melhores, é porque elas treinaram... eu podia treinar e eu treinei... aí quando foi pro outro regional, a gente jogou, tudo, e naquele outro regional uma coisa que me chamou muito a atenção foi que, que também eu nunca vou esquecer, meu time, meu timezinho, fraquinho, eu no pivô, mais duas alas, um time, assim, com muita vontade, muito unido, a gente jogou muito bem e a gente só perdeu na final, na prorrogação contra o melhor time do Brasil... então aquilo pra mim foi maravilhoso, eu nunca vou esquecer desse regional, nunca na minha vida, foi em 2002, em [nome da cidade], um regional maravilhoso, o meu time ganhou de todos os times, fomos pra final, pegamos o time melhor do Brasil... lá tinha 3 jogadoras da seleção brasileira... então, assim, meu time foi pra cima delas, nós começamos ganhando, depois terminou o jogo empatado em 3 a 3... eu não aguentava mais dentro de quadra, eu tava esgotada... aí 3 a 3, aí terminou 6 a 4, elas viraram e ganharam da gente na prorrogação... mas se fosse *golden goal*, o nosso time tinha ganho, porque foi uma amiga minha, minha ala direita que fez um gol de bolinha sem barulho... e ficou 4 a 3... então, esse jogo eu nunca esqueço, esse marcou... marcou mais que qualquer outro jogo... até em nível internacional... esse eu não esqueço... que

foi esse jogo em 2002... foi maravilhoso... ali eu descobri que eu podia ser uma jogadora de seleção também... e ali começou o meu sonho né...

E – Agora saindo um pouco do goalball, falando um pouco das provas de campo, dos arremessos e dos lançamentos, como é praticar essas modalidades de campo no atletismo?

S4 – Nossa, é totalmente diferente do goalball... totalmente, porque, assim, é totalmente, até o treino é diferente... e assim, no goalball é coletivo... a vitória ou a derrota não depende só de uma pessoa, depende das 3, dos 6, dos 7, de todos que estão ali envolvidos... quanto ao peso e ao dardo, não... depende de você ali no momento... e depende do treinamento que você teve pra chegar onde você chegou numa competição... e eu comecei em 2005 só com o peso... aí alguém me chegou, um dia, e falou assim: ‘S4, seu biótipo é pra arremesso e lançamento’... falei: ‘ah, não, acho que eu to bem no goalball’... ‘não, mas olha, você ia se dar bem no peso’... aí quando eu peguei aquele peso na mão, 4 quilos de chumbo, eu falei: ‘ah, o que é isso? Isso não é pra mim né’... mas como eu gosto assim de ver as coisas, aí um dia eu tava vendo na internet que tinha a recordista brasileira, jogava goalball também, e ela arremessa a bola a 7 metros e 15... eu falei: ‘ah, engraçado, 7 metros e 15’... e também era uma jogadora de goalball... eu falei: ‘ah, que legal né, acho que é interessante, eu acho que eu vou competir disso também... acho que eu vou treinar pra ver como que eu me saio...’ ... aí eu comecei a treinar... ir pra academia, que eu sempre fui mesmo, aí eu conheci um formando, ele tava acho que no terceiro ano de Educação Física, ele também pratica esporte, aí ele se ofereceu a me ajudar no peso e no dardo... aí eu comecei a treinar com ele... eu fui um dia, eu fui dois dias... aí eu falei: ‘ah, é legal o peso, acho que é interessante’... aí eu comecei a aprender algumas técnicas do peso e do dardo... aí depois de dois meses, teve o primeiro campeonato... e eu já tava bem assim, no peso, no dardo ainda não... no dardo eu fazia bem menos... aí o pessoal falou assim: ‘ah, vamos inscrever você pro atletismo’... aí eu falei: ‘ah, mas acho que eu não to preparada ainda...’... ‘ah, mas vamos, não tem ninguém pela associação’... ‘ah, então ta bom, eu vou...’... aí eu fui e na época o meu técnico não pode ir comigo, aí eu fui sozinha, eu fui com um técnico de outra associação, me acompanhou pra me dar uma força... aí eu fui arremessar... aí no primeiro campeonato meu regional de atletismo, eu quebrei o recorde brasileiro né, que era aquele 7 e 15 que era de outra menina... aí eu quebrei o recorde brasileiro e me sai muito bem... e foi a minha primeira competição de atletismo, aí eu quebrei o recorde brasileiro no peso... aí depois eu comecei a treinar, mais forte, o peso e o dardo... aí no outro ano eu quebrei o recorde brasileiro do dardo... sempre treinando, peso e dardo, tudo junto... um dia um, outro dia outro, aí eu comecei a lançar dardo também, daí eu quebrei o recorde brasileiro em 2006 do dardo... aí em 2007 eu quebrei o recorde panamericano do dardo... que é meu até hoje... e no peso também sou recordista brasileira até hoje, ninguém quebrou... e é bom, é maravilhoso assim, é uma experiência diferente do esporte coletivo, mas é muito bom também quando eu to ali no local onde eu arremesso ali... na base ali do arremesso é muito interessante, eu me sinto bem, e assim eu acho que a gente tem que buscar força lá de dentro pra você arremessar, porque é difícil, ali tem que ter técnica, tem que focar muito no seu corpo inteiro, porque não é só força de braço, tem que ter entrada de quadril, de perna, de ombro... então é tudo uma sintonia né... então tem que ser uma pessoa muito, tem que ficar vidrado naquilo, porque senão, se você entrar o braço e não entrar a coxa, já era, você não consegue arremessar aquilo que você treina... e aquilo só depende de você, não vai ter ninguém que vai ajudar você a erguer o braço ou na questão do dardo ninguém vai dizer ‘corre que eu to aqui’... é diferente... então o que você faz ali depende exclusivamente de você... se você vai se sair

bem ou não vai... então isso é interessante, eu também gosto, muito bom quando eu quebrei o recorde panamericano do dardo, não teve um que não bateu palma que estavam lá vendo na época... até as pessoas, os adversários, os técnicos das outras meninas bateram palma, porque foi muito lindo... e o dardo, quando a gente joga ele, lança ele bem lançado e ele crava no chão, é muito bonito de se ver... a minha filha mesmo adora ver eu lançando, por ela eu só lançava dardo, não fazia mais nada, ela acha bonito... então é bem interessante né... a gente conseguir êxito naquilo que a gente treina, naquilo que a gente gosta de fazer...

E – E tem alguma experiência que você lembra, que você gostaria de falar dos seus treinamentos ou competições de quando você tava lá arremessando ou lançando?

S4 – Ah, eu acho assim... teve uma experiência no dardo esse ano passado, 2008... eu nunca tinha lançado o dardo correndo, nunca... eu sempre lanço o dardo parada... aí teve uma competição nesse ano, eu comecei a treinar com um treinador lá, da [nome da universidade], ele também pratica esporte, aí ele tava me ajudando nos treinos... aí ele falou assim que ele queria que lançasse correndo, mas ele não falou isso no treinamento, ele falou isso dentro, na competição... e pra pessoa que enxerga, correr e lançar é interessante, é mais fácil, agora imagina pra uma pessoa cega, correr, ter que saber na hora que tem que parar pra não pisar na faixa pra não queimar o lançamento... eu peguei e falei pra ele assim: ‘não’... eu arremessei uma vez parada e fui péssima, péssima assim, fiz bem menos daquilo que eu faço... aí ele falou assim: ‘não, S4, você vai arremessar correndo’... correndo de tesoura, uma corrida lá que eles falam... ‘e você vai correr 4 passos’... aí eu falei pra ele que não, que não ia não, que ia queimar tudo... ele falou: ‘não, você vai correr 4 passos e você vai lançar’... aí a gente treinou, enquanto rodavam todas, a gente treinou e eu fui... segundo lançamento meu... dei quatro passos, lancei... meio pé na faixa... queimou... aí eu saí desesperada de dentro da pista... saí ‘puteada’, falei pra ele: ‘você viu? Falei pra você que não ia dar certo, eu não vou fazer mais...’... ele falou: ‘você vai sim’... eu falei: ‘não, não vou’... ele falou: ‘você vai, eu sou seu técnico e você vai fazer aquilo que eu to mandando... você vai correr e você vai lançar esse dardo’... foi bem desse jeito o nosso diálogo aquele dia... aí eu peguei e falei: ‘tá, o que você quer que eu faça?’... ele falou: ‘eu quero que você corra 4 passos e lança’... aí, o que a gente fez, a gente montou uma estratégia enquanto as outras estavam lançando... a gente treino os 4 passos, em menos de 10 minutos, a gente treinou, fizemos várias repetições, ele falou assim: ‘você vai ter que dar 4 passos e parar... se você der uma a mais, você pisa na faixa... entendeu, S4?’... ‘entendi’... aí foi a minha vez... terceiro lançamento... aí eu fui e lancei, maravilhoso, não queimou, faltou um pé pra chegar na faixa... ele falou: ‘falta muito, você perdeu ali’... aí assim no último lançamento meu, o meu pé parou dois dedos antes da faixa e foi um lançamento lindo, maravilhoso... e cravou legal o dardo e foi uma experiência muito boa, porque eu fiquei com muito medo de arremessar correndo, que eu nunca tinha lançando, e assim no prazo de muito pouco tempo, eu tive que assimilar isso na cabeça, colocar na cabeça quantos passos eu tinha que dar, o que eu tinha que fazer com a perna, como que eu ia terminar, finalizar o lançamento pra que eu não caísse e não perdesse o equilíbrio e não botasse o pé na faixa, senão queima... então foi muito interessante... muito interessante... isso também é uma coisa que eu não vou esquecer também nunca, o que aconteceu no dardo... como aprender a lançar um dardo correndo dentro de uma competição acontecendo... eu acho que isso, foi uma experiência maravilhosa no dardo... e eu gostei pra caramba... e no peso também...

E – Pode falar...

S4 – Ah, então, no peso, foi também meio que parecido... foi no ano passado também, que eu mudei de treinamento, mudei de treinador, então eles viam que daquele jeito que eu fazia antes estaria bem mais longe de alcançar melhoras nas minhas marcas... então eles foram mexendo comigo aos poucos, daí no peso também... eu fui mal no primeiro arremesso... queimou meu primeiro arremesso... não, foi bom, mas queimou meu arremesso... no primeiro... aí meu técnico do arremesso chegou e falou: ‘olha, então você vai fazer daquele jeito que a gente treinou um dia...’ eu falei: ‘mas é muito pouco, eu não vou conseguir, um dia nós treinamos...’... ‘não, você vai sim...’... aí ele me ensinou como que eu devia fazer pra levantar com o peso e com tudo pra entrar mais o quadril pra gente conseguir... mas mesmo assim, não deu certo, porque eu tenho uma mania de tudo que eu vejo, é torto... isso acontece muito no esporte... então assim, quando eu vou lançar o dardo, o técnico que me pegar crua, eu vou lançar pra fora... se eu for agora com você numa pista de dardo e peso, com certeza o peso e o dardo vai pra fora da pista... e olha que a pista do dardo é enorme... não tem como jogar pra fora... e eu jogo... porque eu tenho que ficar torta, tanto na pista de arremesso, quanto na pista de dardo... então, assim, até ele descobrir que eu tinha que ficar torta, eu fui queimando os pesos né, fui queimando as marcas... aí depois que a gente descobriu que eu tinha que ficar torta na pista, de peso, eu comecei a me sair melhor... aí foi aonde que ele queria que eu fizesse aquele movimento, mas aquele movimento sem eu estar torta, ia pra fora... aí ele me deixou torta e eu joguei... e consegui também uma marca ótima, maravilhosa, fiquei em primeiro também... e daí é isso, é uma experiência que eu tenho desses dois aí é isso... e uma coisa que me surpreende assim, nunca vou saber explicar o porquê, é por que eu tenho que ficar torta em quadra, em pista, tudo eu tenho que ficar torta, senão eu não consigo me sair bem... eu não sei explicar o por quê, só sei que eu sou assim, e meus técnicos que me conhecem sabem que eu sou assim... tenho que ficar torta...

E – Qual tipo de experiência no esporte você destaca como importante, significativa, prazerosa, motivadora pra você?

S4 – Como assim?

E – Tem algum tipo de experiência que é significativa pra você dentro do esporte, seja ele qual for, seja qualquer modalidade?

S4 – Experiência... é que eu falei algumas...

E – Sim, você falou de algumas coisas que você viveu, mas tem alguma coisa que te toca no esporte?

S4 – Alguma coisa que me toca?

E – Sim, quando você está praticando...

S4 – Tem... tem sim, tem mais no goalball... uma coisa que acontece no goalball que me toca, que me deixa bem... quando eu defendo uma bola indefensável... eu acho que isso é muito bom... principalmente em pênalti, quando eu defendo e consigo defender uma bola, ou

também o meu arremesso de giro é uma coisa que me deixa feliz, que me deixa assim, realizada também... acho que é isso...

E – Como é defender uma bola indefensável? Como é quando você defende? O que você sente?

S4 – Ah, é assim, é um sentimento de dever cumprido... e assim, eu coloquei na minha cabeça que a gente tem que defender cada bola de cada vez, ou seja, uma defesa por cada vez, como se ela fosse a última do esporte, a última do jogo... ou seja, eu vou falar uma experiência que nós tivemos a pouco tempo no brasileiro... só pra você ter ideia... a gente tava jogando contra um time muito bom... o primeiro pênalti, eu tomei o gol, ficou um a zero pra [contra] minha equipe... enfim, a gente tava perdendo o jogo... e aí a gente perdeu, tava perdendo o jogo, mas em nenhum momento, vou falar de mim, eu perdi a cabeça... eu fiquei forte, foi uma experiência legal, por mais que eu tomei dois gols naquele jogo, tomei um gol de pênalti, tomei um gol de bola rolando, que bateu em mim, era meu, único meu, exclusivamente meu, e que pulou... aí uma coisa assim que me chamou muito a atenção, foi uma experiência legal, é isso... a gente tava perdendo o jogo, acho que de 4 a 1, 3 a 1, não me lembro muito bem, só que a gente tava perdendo feio o jogo... fechamos o primeiro tempo muito mal... só que uma coisa assim que aconteceu comigo, naquele jogo, eu não perdi a cabeça, eu não fiquei ansiosa, eu não fiquei nervosa... eu coloquei uma coisa na minha cabeça: ‘eu vou defender todas as bolas que vim e eu vou defender uma bola de cada vez como se fosse a minha última defesa, como se fosse a bola do jogo... e vou arremessar como se fosse o meu último arremesso... eu não vou tomar gol e o gol vai acontecer por consequência da minha boa defesa...’... aí eu fechei e comecei a jogar com a cabeça... joguei muito com a cabeça e o que me deixou assim bem interessada, só depois do jogo que a gente conversou sobre isso, é que isso não aconteceu só comigo, mas com as duas que estavam em quadra também... ou seja, a gente manteve a calma, a gente buscou consertar nossos erros dentro de quadra, e a gente conseguiu consertar os erros, e agente conseguiu se manter firme e forte, a gente não se abalou por ta perdendo... mas o que aconteceu?, a gente cresceu, mesmo estando perdendo, a gente conseguiu crescer no jogo... e isso assim foi uma experiência maravilhosa... e uma depois falando com a outra: ‘e o que você sentiu na hora do jogo?’... e o mesmo que eu senti foi o mesmo que as minhas parceiras sentiram e acho que foi esse sentimento, o único nosso, que fez a gente ganhar aquela competição e chegar na final... eu acho que isso foi uma experiência maravilhosa, tanto por meu técnico que tava lá, que ele deve também ter percebido isso, e quanto pra nós assim, porque acho que foi assim, a gente buscou cada gol assim, sabe, com a cabeça... acho que aquele jogo nós ganhamos com a experiência... nós não ganhamos porque nós fomos melhores atacantes, não, nós ganhamos com a experiência, experiência dentro de quadra falou mais alto aquele dia... e essa experiência foi uma que aconteceu faz pouco tempo e foi uma experiência assim que vale a pena a gente sempre lembrar dela, porque fez a gente ganhar o campeonato e chegar e fazer um jogo legal, ainda virar e ganhar o jogo de 6 a 4...

E – Entendi... e você também comentou do arremesso com giro, que te deixa feliz, como é?

S4 – Me deixa feliz esse arremesso com giro porque há um tempo atrás, um técnico muito bem sucedido a nível internacional chegou em mim e disse assim: “ah, se eu fosse você eu não fazia esse giro não...”... aí eu olhei pra ele e falei: ‘por que?’... ‘porque você faz tempo que pratica o goalball e agora você vai começar a fazer esse giro muito em cima da hora, e, assim,

acho que isso aí é bom pra quem tá iniciando o goalball, que já inicia fazendo o giro, já fica assim uma coisa mais fácil pra aprender, do que você agora já tem seu arremesso frontal, que é maravilhoso...'... eu falei: 'não, eu quero arremessar com giro porque é uma bola a mais que eu vou ter na minha jogada, pode não ter a mesma potência, mas é uma bola diferente, e eu acho que isso as vezes faz uma diferença muito grande pro time adversário...'... aí ele falou: 'ah, mas pode machucar seu joelho, você pode cair...'... realmente, eu caí muito pra aprender esse giro, muito, muito, muito... como eu vejo a quadra torta, o que acontece?, quando eu giro, o giro ia pra fora... então, pra eu fazer esse giro também eu tenho que tá torta na quadra, senão vai pra fora... aí eu fui aprendendo, eu fui descobrindo comigo mesma, com um outro técnico também a nível internacional, ele falou que não ia desistir do meu giro e que eu ia aprender, que eu ia conseguir e ele me dava força, nunca deixou eu desistir e ele que me ensinou o giro, e ele falou que um dia eu ia fazer muitos gols de giro e eu coloquei aquilo na minha cabeça e eu quero, eu quero aprender giro... e eu aprendi, fui aperfeiçoando o meu giro conforme as minhas condições... eu comecei em meio giro... eu comecei depois de muito tempo, quase um ano, que eu comecei a fazer um giro completo... e hoje assim quando o meu arremesso frontal, que é mais forte, não entra, eu vejo que o time lá do outro lado tá forte pra bola forte, eu dou um arremesso com giro e acabo fazendo gol né... então assim, isso me deixa muito feliz, porque eu lembro, na hora que eu faço o arremesso com giro, eu lembro do meu técnico que me ensinou e eu nunca esqueço dele e eu sei que quando ele vê eu fazendo o giro, ele fica até emocionado, porque ele gosta, porque ele sabe que foi fruto dele, ele que me ensinou, ele que criou isso em mim... e eu lembro daquele outro que falou que eu não ia conseguir, que isso era pra quem estava iniciando, pra pessoas mais jovens no esporte, não sei o que... então isso é muito interessante, porque isso mostra que não é o tempo que você tá dentro do esporte que vai fazer você fazer só aquilo, o arroz e feijão, e não tentar mudar uma jogada, estratégia de jogo, acho que isso conta muito né... e isso fez também eu nunca pensar que eu sei de tudo dentro da quadra, que sempre tem coisas novas pra aprender e que leva a gente ao êxito né... então é isso...

E – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o tema da entrevista, questões, alguma coisa que foi falada que você gostaria de falar mais...

S4 – Não... só espero mais pra frente eu poder continuar falando, falando e você pode contar comigo sempre...

E – Muito obrigado!